



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA
(ILAESP)**

**CIÊNCIAS ECONÔMICAS – ECONOMIA,
INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO**

A LIDERANÇA DA RÚSSIA NA INTEGRAÇÃO EURASIÁTICA

GUSTAVO BODANEZE

Foz do Iguaçu

2015



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA
(ILAESP)**

**CIÊNCIAS ECONÔMICAS – ECONOMIA,
INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO**

A LIDERANÇA DA RÚSSIA NA INTEGRAÇÃO EURASIÁTICA

GUSTAVO BODANEZE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas: Economia, Integração e Desenvolvimento.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Wexell Severo

Foz do Iguaçu

2015

GUSTAVO BODANEZE

A LIDERANÇA DA RÚSSIA NA INTEGRAÇÃO EURASIÁTICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas – Economia, Integração e Desenvolvimento.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Luciano Wexell Severo

UNILA

Prof. Dr. Fábio Borges

UNILA

Prof. Dr. Lucas Kerr de Oliveira

UNILA

Foz do Iguaçu, 10 de Dezembro de 2015.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, devo agradecer a meu pai, Neudi, e minha mãe, Cleusa, pelo incentivo que sempre me foi dado para o estudo, desde a mais tenra idade. Também ao meu irmão Rafael, com quem aprendi a entender e compreender a diferença. Sem seu apoio moral, espiritual e material essa monografia nunca teria sido escrita.

Agradeço a UNILA e seu corpo docente pela excelente formação que me foi dada. Agradeço especialmente o Prof. Luciano Wexell Severo, não somente pela sua enorme dedicação e paciência no processo de orientação da monografia, mas também pelas excelentes aulas, debates e conversas ao longo da minha formação. Também agradeço aos Professores Fábio Borges e Lucas Kerr de Oliveira, por terem aceito o convite para participar da Banca de Avaliação.

Agradeço minha namorada e “co-orientadora” Maria Luísa, por toda a ajuda e afeto que tem me dado no último ano, certamente o melhor da minha vida. Te amo.

Agradeço a todos os meus amigos, desde os mais próximos como os que perdi o contato frequente. Não cito nomes para não cometer injustiças. Esses eu prefiro agradecer pessoalmente, com uma cerveja na mesa.

Agradeço meu tio Célio e minha tia Lucilei, pela ajuda que sempre me deram em momentos de dificuldade.

Por fim, agradeço a Política de Assistência Estudantil, sem a qual seria impossível minha manutenção na Universidade, e a política de expansão de Universidades Federais, por dar a oportunidade ao povo do interior de ter uma formação superior de qualidade.

BODANEZE, Gustavo. **A Liderança da Rússia na Integração Eurasiática**. 93. Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Econômicas: Economia, Integração e Desenvolvimento – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2015.

RESUMO

A partir das premissas realistas estruturais de um sistema interestatal anárquico e dividido hierarquicamente pelas suas capacidades de poder, considera-se que a integração regional pode ser uma alternativa para que os Estados acumulem poder e ascendam na hierarquia conjuntamente. Nesse processo de integração destaca-se o papel de um “Estado-líder”, que conduz o processo e absorve eventuais custos. No espaço pós-soviético, a Rússia é esse Estado. Após uma década de instabilidade econômica e política no plano interno e fragilidade no plano externo, a partir dos 2000, a Rússia reorganiza-se internamente e projeta-se externamente. Um exemplo dessa projeção é o processo de integração eurasiática, que ganha fôlego no período. Para compreendê-lo, apresenta-se o histórico da integração regional e a estrutura e objetivos das instituições em funcionamento, a União Econômica Eurasiática, o Banco Eurasiático de Desenvolvimento e o Fundo Eurasiático de Estabilização e Desenvolvimento, bem como os fluxos de comércio e financiamento bilaterais. Conclui-se que a Rússia exerce uma liderança hegemônica benigna sobre seus vizinhos e que o sucesso da União Eurasiática é crucial para o futuro da Rússia.

Palavras-chave: Rússia; União Eurasiática; Integração Regional.

BODANEZE, Gustavo. **El Liderazgo de Rusia en la Integración Eurasiática**. 93. Trabajo de Conclusión de Curso en Ciencias Económicas – Economía, Integración y Desarrollo – Universidad Federal de la Integración Latino Americana, Foz do Iguaçu, 2015.

RESÚMEN

Partiendo de las hipótesis realistas estructurales de un sistema interestatal anárquico y jerárquicamente dividido por sus capacidades de poder, se considera que la integración regional puede ser una alternativa para que los Estados acumulen poder y asciendan juntos en esta jerarquía. En este proceso de integración se destaca el papel de un "Estado-líder", que conduce el proceso y absorbe eventuales costos. En el espacio post-soviético, Rusia es este Estado. Después de una década de inestabilidad política y económica internas y fragilidad externa, en los 2000 Rusia se reorganiza internamente y se proyecta externamente. Un ejemplo de esta proyección es el proceso de integración euroasiático, que cobró impulso en el período. Para entenderlo, se presenta la historia de la integración regional, las estructuras y los objetivos de las instituciones en funcionamiento, la Unión Económica Eurasiática, el Banco Eurasiático de Desarrollo y el Fondo Eurasiático para Estabilización y Desarrollo, más allá de los flujos de comercio y financiación bilaterales. Se llega a la conclusión de que Rusia practica un liderazgo hegemónico benigno sobre sus vecinos y que el éxito de la Unión Eurasiática es crucial para el futuro de Rusia.

Palabras-clave: Rusia; Unión Eurasiática; Integración Regional.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa Étnico do Cáucaso	33
Figura 2: Preço do Barril de Petróleo Brent (US\$ correntes).....	34
Figura 3: PIB Russo por PPC (trilhões de US\$ de 2011)	35
Figura 4: Reservas Internacionais da Federação Russa (Bilhões de US\$).....	36
Figura 5: Mapa da Comunidade de Estados Independentes	39
Figura 6: Mapa da Comunidade Econômica Eurasiática.....	41
Figura 7: Índice de Desenvolvimento Humano (2013)	44
Figura 8: Renda per capita (por US\$ PPC, 2014)	44
Figura 9: Gasodutos e Óleodutos na Eurásia.....	49
Figura 10: Malha Ferroviária da Eurásia	50
Figura 11: Distribuição por país dos recursos do EDB.....	52
Figura 12: Distribuição dos Projetos do EDB por País	55
Figura 13: Destino dos Recursos do EDB por Setor	55
Figura 14: Contribuição ao EFSD por país.....	56
Figura 15: Gasoduto Yamal-Europe.....	66
Figura 16: Empréstimos russos para a Bielorrússia	67
Figura 17: Óleoduto Caspian Pipeline Consortium.....	72
Figura 18: Gasodutos Central Asia Center e Pre-Caspian.....	72

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Estatísticas Industriais Russas (1990-2000)	32
Tabela 2: Estatísticas Sociais Russas (1990-2000)	32
Tabela 3: Peso de cada país no total (2014).....	44
Tabela 4: Indicadores Macroeconômicos (2014).....	47
Tabela 5: Lista de Projetos Financiados pelo EDB	52
Tabela 6: Empréstimos do EFSD	57
Tabela 7: Projetos Financiados pelo EFSD.....	57
Tabela 8: Exportações na União Eurasiática (milhões de US\$)	61
Tabela 9: Porcentagem das exportações totais e posição entre os parceiros comerciais	61
Tabela 10: Porcentagem das importações totais e posição entre os parceiros comerciais	62
Tabela 11: Comércio Exterior da Rússia, por país (milhões de US\$, 2014)	62
Tabela 12: Comércio Exterior da Rússia, por setor (milhões de US\$, 2014) ...	63
Tabela 13: Comércio Exterior da Bielorrússia, por setor (milhões de US\$, 2014)	64
Tabela 14: Exportações russas para a Bielorrússia, por setor (milhões de US\$, 2014)	68
Tabela 15: Importações russas da Bielorrússia, por setor (milhões de US\$, 2014)	69
Tabela 16: Evolução do comércio russo-bielorrusso (milhões de US\$)	70
Tabela 17: Comércio Exterior do Cazaquistão, por setor (milhões de US\$, 2014) ..	71
Tabela 18: Exportações russas para o Cazaquistão (milhões de US\$, 2014) .	74
Tabela 19: Importações russas do Cazaquistão (milhões de US\$, 2014)	75
Tabela 20: Evolução do Comércio Rússia-Cazaquistão (milhões de US\$).....	75
Tabela 21: Comércio Exterior da Armênia, por setor (milhões de US\$, 2014) .	76
Tabela 22: Exportações russas para a Armênia, por setor (milhões de US\$, 2014)	78
Tabela 23: Importações russas da Armênia, por setor (milhões de US\$, 2014)	79
Tabela 24: Evolução do comércio Rússia-Armênia (milhões de US\$)	79

Tabela 25: Comércio Exterior do Quirguistão, por setor (milhões de US\$, 2014)	80
Tabela 26: Exportações russas ao Quirguistão, por setor (milhões de US\$, 2014)	82
Tabela 27: Importações russas do Quirguistão, por setor (milhões de US\$, 2014)	83
Tabela 28: Evolução do comércio Rússia-Quirguistão (milhões de US\$)	84

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASSIM.: Assimetria de Comércio;

BAD: Banco Asiático de Desenvolvimento;

BIRD: Banco Europeu para Reconstrução e Desenvolvimento;

CEI: Comunidade de Estados Independentes;

CEPAL: Comissão Econômica para a América Latina;

CISFTA: CIS Free Trade Agreement (Tratado de Livre Comércio da CEI);

COMTRADE: United Nations Commodity Trade Statistics Database;

CORR.: Corrente de Comércio;

EDB: Eurasian Development Bank (Banco de Desenvolvimento Eurasiático);

EEU: Eurasian Economic Union (União Econômica Eurasiática);

EFSD: Eurasian Fund for Stabilization and Development (Fundo Eurasiático para Estabilização e Desenvolvimento);

EurAsEc: Eurasian Economic Community (Comunidade Econômica Eurasiática);

EXP: Exportações;

HS: Harmonized System (Sistema Harmonizado);

IEA: International Energy Agency (Agência Internacional de Energia);

IMP: Importações;

OTAN: Organização do Tratado do Atlântico Norte;

PPC: Paridade do Poder de Compra;

TEC: Tarifa Externa Comum;

UA: União Aduaneira;

SUMÁRIO

RESUMO.....	5
RESÚMEN	6
LISTA DE FIGURAS	7
LISTA DE TABELAS	8
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	10
INTRODUÇÃO	12
1. O SISTEMA INTERNACIONAL E O PAPEL DA INTEGRAÇÃO REGIONAL	14
1.1 A Estrutura do Sistema	14
1.2 Taxonomia e Mobilidade dos Estados no Sistema Internacional	19
1.3 Cooperação e Integração em um Mundo Competitivo	23
1.4 Súmula do Capítulo 1.....	29
2. ESTADO ATUAL DA INTEGRAÇÃO EURASIÁTICA	31
2.1 As Condições no Estado-Líder.....	31
2.2 Breve História da Integração Eurasiática	37
2.2.1 Integração Eurasiática nos anos 90.....	38
2.2.2 Integração Eurasiática nos anos 2000.....	41
2.3 A União Eurasiática.....	43
2.3.1 Assimetrias entre os Membros.....	43
2.3.2 Estrutura e Funcionamento.....	45
2.3.3 Comércio	46
2.3.4 Macroeconomia	47
2.3.5 Marcos Regulatórios	48
2.3.6 Política Agrícola e Industrial	48
2.3.7 Infraestrutura e Energia	49
2.4 Mecanismos Financeiros de Cooperação	50
2.4.1 Banco de Desenvolvimento Eurasiático.....	51
2.4.2 Fundo Eurasiático para Estabilização e Desenvolvimento	56
2.5 Súmula do Capítulo 2.....	58
3. ATUAÇÃO RUSSA NAS ECONOMIAS DA UNIÃO EURASIÁTICA	60

3.1 Fluxos de Comércio na União Eurasiática	61
3.2 Comércio Russo com o Resto do Mundo.....	62
3.3 A Importância da Rússia para as Economias do Bloco.....	63
3.3.1 Bielorrússia	63
3.3.2 Cazaquistão	70
3.3.3 Armênia	76
3.3.4 Quirguistão	79
3.4 Súmula do Capítulo 3.....	84
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	89

INTRODUÇÃO

A motivação por trás dessa monografia é ajudar na compreensão do papel da Rússia no Sistema Internacional no Século XXI. Após uma década de instabilidade econômica e política no plano interno e fragilidade no plano externo, a partir dos 2000 o país reorganiza-se internamente e projeta-se externamente. As intervenções na Geórgia, Síria e Ucrânia talvez sejam o exemplo mais claro disso. Outro exemplo dessa projeção é o processo de integração eurasiática, que ganha fôlego no período.

Tais movimentos não despertaram simpatias na mídia hegemônica ocidental. Quando noticiada, a União Eurasiática é apresentada como uma “recriação da União Soviética” e “imperialismo russo”. Acordos da Rússia com seus vizinhos são vistos como “dependência em relação à Rússia” e “aumento da esfera de influência russa” (SHEVTSOVA, 2014; THE WASHINGTON TIMES, 2015; THE GUARDIAN, 2014; THE ECONOMIST, 2013). Desse modo, deve-se entender como realmente funciona o bloco e a relação da Rússia com seu entorno.

Também podem ser feitos paralelos com o processo de integração latino-americano. Rússia e Brasil possuem diversas características em comum e exercem papel destacado em suas respectivas regiões. Ainda que não se cite expressamente, em todo o trabalho buscou-se a realização desses paralelos.

A monografia se organiza da seguinte forma. No Capítulo 1, partindo das premissas realistas estruturais de um sistema interestatal anárquico e dividido hierarquicamente pelas suas capacidades de poder. O poder, definido como a capacidade de um Estado influenciar as ações de outro, é composto por fatores militares, econômicos e político-ideológicos. Possibilidades de mobilidade dentro dessa hierarquia passam pelo desenvolvimento das forças produtivas internas e pelas condições externas. Considera-se que a integração regional pode ser uma alternativa para que os Estados acumulem poder e ascendam na hierarquia conjuntamente. Nesse processo de integração destaca-se o papel de um “Estado-líder”, que conduz o processo e absorve eventuais custos.

Considera-se que, no processo de integração eurasiático, a Rússia é tal Estado. Portanto, as condições internas da Rússia são essenciais no

andamento do processo. Essas condições mudam qualitativamente dos anos 1990 aos 2000, resultado de mudanças nas políticas internas e de melhoras nas condições externas, determinando com ela o resultado das tentativas de integração. Esse é o tema do Capítulo 2, que apresenta ainda um breve histórico da integração da região, que começa com a Comunidade de Estados Independentes e culmina com a União Econômica Eurasiática. Além disso, trata-se das duas instituições financeiras multilaterais da região: o Banco Eurasiático de Desenvolvimento e o Fundo Eurasiático para Estabilização e Desenvolvimento.

No Capítulo 3 analisam-se os fluxos de comércio e cooperação entre os membros da União Eurasiática com a Rússia. Apresentam-se tabelas referentes ao comércio bilateral por setor, além da série histórica do comércio. O objetivo do capítulo é verificar se o comércio russo com a região é qualitativamente distinto do que com o resto do mundo e se há uma reprodução dos padrões centro-periferia no comércio intra-bloco, além de caracterizar se e de que forma a Rússia subsidia e financia os vizinhos. Serão apresentados dados relativos ao comércio em 2014, mostrando o valor absoluto das exportações e importações, em milhões de dólares, bem como seu peso relativo nas importações e exportações do setor de cada país, além do saldo. O objetivo deste exercício é captar a importância das relações entre os países para cada setor da economia e verificar se essa relação é qualitativamente diferente do que o comércio desses países com o mundo. Utiliza-se a classificação padronizada do *Harmonized System* (HS), que agrupa produtos semelhantes em uma mesma seção.

Nas considerações finais, apresentam-se os resultados das reflexões anteriores. A União Eurasiática, longe de ser uma imposição russa, é o resultado do consenso entre os membros. Nela, mesclam-se influências de integração associado-dependente e periférico-contestadora. Nas relações de cada país com a Rússia, para cada país analisado as conclusões são um pouco distintas, mas de modo geral pode-se dizer que a Rússia exerce uma liderança hegemônica benigna sobre seus vizinhos.

1. O SISTEMA INTERNACIONAL E O PAPEL DA INTEGRAÇÃO REGIONAL

O presente capítulo tratará da estrutura do sistema internacional, das possibilidades de mobilidade dentro deste e de como a integração regional se insere neste processo. Primeiramente, serão apresentados os pilares deste sistema, desde uma perspectiva baseada no Realismo Estrutural. Estes pilares são a centralidade do Estado, a anarquia do sistema internacional, a sobrevivência como sendo o objetivo principal dos Estados, o poder como o meio pelo qual este objetivo é atingido e a ideia de que, em última instância, cada Estado só pode afirmar-se em seu próprio poder. Posteriormente, tratar-se-á de como o sistema se organiza, segundo a mesma teoria. A estrutura do sistema é anárquica, uniforme e com distribuição de poder variável, sendo esta a característica mais passível de mudança. Tentativas de mudança são empreendidas por “Estados revisionistas”, que querem mudar o sistema ou modificar o status quo, estando insatisfeitos com a atual distribuição de poder.

A segunda seção trata do lugar de cada uma das unidades dentro do sistema. Consideramos a economia mundial como um todo, dividido entre centro, semiperiferia e periferia, sendo esta posição definida essencialmente pela estrutura produtiva e pelas capacidades de poder de cada país. Analisa-se como, através do desenvolvimento das forças produtivas internas e das condições externas essa posição é passível de mudança.

A última seção fala sobre a integração regional e de como ela se insere neste mundo hierárquico e competitivo. Supõem-se a existência de duas estratégias de integração, a associada-dependente e a periférico-contestadora. Por último, trata-se da necessidade de um líder para que o processo avance e de como essa liderança pode ser exercida.

1.1 A Estrutura do Sistema

A teoria realista das relações internacionais, em suas mais variadas vertentes, analisa o sistema internacional primeiramente pelas condições

externas aos Estados, sendo estes os atores centrais do sistema, buscando garantir sua sobrevivência através do poder.

Segundo Nogueira e Messari (2005, p. 25), a teoria realista considera o Estado como o ator central nas Relações Internacionais, possuindo duas funções primordiais: manter a paz internamente às suas fronteiras e proteger-se contra agressores externos. O Estado é tido como ator unitário, na medida em que representa o interesse nacional independente de contradições internas e é racional, buscando minimizar custos e maximizar ganhos na elaboração de suas estratégias e objetivos.

Na arena internacional, no entanto, o Estado é confrontado por outros Estados. Ao contrário do plano interno, não há uma autoridade superior, garantidora em última instância da lei e da ordem. Portanto, os Estados atuam em um contexto internacional anárquico, uma espécie de “Estado de Natureza” hobbesiano. Segundo Nogueira e Messari (2005, p. 25)

O Estado convive com uma dupla realidade: uma interna, em que é soberano e tem autoridade e a legitimidade para impor decisões e diretrizes, e uma outra realidade externa, em que está ausente qualquer autoridade que tenha legitimidade de tomar e impor decisões. Nessa segunda realidade, o Estado tem como função principal – para não dizer única – a defesa do interesse nacional, isto é, a preservação e a permanência do Estado como ator nas relações internacionais (NOGUEIRA E MESSARI, 2005, p. 25).

Não havendo autoridade superior aos Estados, o objetivo principal de cada unidade é garantir sua própria sobrevivência. Outros objetivos (ideológicos e morais, por exemplo) só podem ser perseguidos na medida em que não ponham em risco a sobrevivência do Estado.

O instrumento pelo qual os Estados garantem sua sobrevivência é a acumulação e exercício do poder. Segundo Mearsheimer (2013) isso é um comportamento geral, impelido pelas próprias condições estruturais do sistema, sendo elas: a anarquia internacional, o fato de que todos os Estados possuem alguma capacidade militar, a falta de informação sobre os objetivos reais dos demais Estados, o objetivo principal da sobrevivência e a racionalidade dos Estados na formulação de estratégias que maximizem este objetivo.

De acordo com Wight (2012, p. 5), por exemplo, o poder é a variável central na política internacional. O autor classifica os Estados em diferentes categorias de “potência”, ou seja, os Estados definem-se pelo exercício do poder. Sua definição inclui tanto elementos materiais como simbólicos:

O poder que faz uma “potência” é composto de muitos elementos. Seus componentes básicos são o tamanho da população, posição estratégica e extensão geográfica, recursos econômicos e produção industrial. Temos de acrescentar, a esses últimos, elementos menos tangíveis, tais como a eficiência administrativa e financeira, o aprimoramento educacional e tecnológico e, acima de tudo, a coesão moral (WIGHT, 2012, p. 5).

O poder, portanto, pode ser caracterizado tanto pela soma de certas capacidades (militares, econômicas e tecnológicas) ou de maneira relativa, ou seja, essas capacidades comparadas com a de outros Estados. Desta segunda definição surge o conceito de balança de poder. Os Estados opõem-se e aliam-se visando pender a balança de poder a seu favor, ou como resposta a um movimento semelhante dos demais Estados.

Também pode ser feita a distinção entre “poder efetivo” e “recursos de poder” (OLIVEIRA, 2012, p. 35). O poder efetivo seria a capacidade, de uso imediato, de um Estado influenciar, determinar ou controlar as decisões de outro Estado. Esse se daria através de três vetores: o poder militar, composto pela capacidade convencional e estratégica do Estado; o poder político-diplomático, composto pelas capacidades ideológicas, culturais e políticas, associadas ao chamado “Soft Power”; e o poder econômico-financeiro, composto pela influência do Estado na economia mundial, incluindo o controle dos fluxos de comércio e meios de pagamento. Já os recursos de poder ou poder potencial são o conjunto de recursos que podem ser transformados em poder efetivo, como população, capacidade tecnológica, recursos naturais e cultura, entre outros (MEARSHEIMER, 2001).

Estes recursos, porém, necessitam ser “transformados” em poder efetivo. Oliveira (2012, p. 38) argumenta que o principal “mecanismo transformador” é a capacidade tecnológica, industrial e de inovação do país, bem como sua infraestrutura. Entre os vários setores, destaca-se a indústria bélica, pois é onde se constroem as capacidades militares do Estado. Além disso, segundo Rezende e Ávila (2014, p. 244) esta é importante foco de inovação, que transcende os aspectos militares. Ou seja, o desenvolvimento das forças produtivas internas é crucial para a acumulação e o uso do poder.

Para José Luis Fiori (2014), além da busca pelo poder ser a principal ação dos Estados visando sua sobrevivência, também é o próprio motor do sistema, que pela “pressão competitiva” entre os Estados e suas estratégias de

acumulação de poder geram “explosões expansivas” no sistema, mantendo-o vivo. Nesta teoria “o poder é uma relação que se constitui e se define, tautologicamente, pela disputa e luta contínua pelo próprio poder” (FIORI, 2014, p. 18). Até mesmo o surgimento do sistema interestatal capitalista, a partir da Alta Idade Média na Europa, seria ligado mais à busca pelo poder do que pelas “forças de mercado”:

O sistema interestatal capitalista, criado pelos europeus, não foi apenas o produto da expansão dos mercados ou do capital, foi uma criação do poder expansivo de alguns Estados europeus que conquistaram e colonizaram o mundo, durante os cinco séculos que lutaram, entre si, pela conquista e monopolização de posições de poder e de acumulação de riqueza (FIORI, 2014, p. 25).

Portanto, o poder, medido principalmente pela capacidade militar do Estado e por suas capacidades econômicas, demográficas, políticas e tecnológicas que podem ser utilizadas, de uma forma ou de outra, para impor sua vontade sobre os outros Estados, é não somente um meio para obtenção de um fim, mas o próprio combustível do sistema internacional.

Esta visão de sistema anárquico, com atores que tentam maximizar suas estratégias racionalmente, impõe também a realidade de que, em última instância, cada Estado pode confiar apenas nas suas próprias forças para sobreviver (também conhecido como o princípio da autoajuda). Uma “paz perpétua” não é possível dada a desconfiança mútua entre as potências. Isso não impede a formação de alianças, muito pelo contrário. Estas são parte essencial na estratégia dos Estados, sobretudo para fazer frente aos Estados que acumulam muito poder e tornam-se uma ameaça. Contudo, elas nunca serão eternas ou totalmente garantidas. Segundo Mearsheimer (2013, p. 74):

Fearful of other states, and knowing that they operate in a self-help world, states quickly realize that the best way to survive is to be especially powerful. (...) This simple logic drives great powers to look for opportunities to shift the balance of power in their favour. At the very least, states want to make sure that no other state gains power at their expense. Of course, each state in the system understands this logic, which leads to an unrelenting competition for power (MEARSHEIMER, 2013, p. 74).

Em resumo, do ponto de vista do realismo estrutural, o “sistema” internacional possui como princípio ordenador a anarquia e suas unidades são uniformes (todas possuem a mesma função). Dessa forma, só resta uma

alternativa de mudança: a distribuição das capacidades de poder (WALTZ, 2011).

Mais do que um processo “moral”, conduzido pela “vontade de potência” humana, como defendia Morgenthau, é a estrutura que compele os Estados a buscarem mais poder.

No que se refere à quantidade de poder que os Estados almejam, há divisão entre os realistas estruturais “ofensivos” e “defensivos”. Na visão realista estrutural defensiva, como em Waltz (2011), a acumulação irrestrita de poder levaria à formação de alianças anti-hegemônicas que aumentariam a insegurança do Estado. Dessa forma, haveria uma quantia “suficiente” de poder que desencorajaria agressores e não geraria excessivo temor nos outros Estados.

Já o realismo ofensivo considera que não há limite para a aquisição de poder, pois o sistema não impõe restrições estruturais a isso. Assim, segundo Mearsheimer, o objetivo de toda potência seria adquirir uma hegemonia regional incontestável e projetar seu poder para outras regiões, enfraquecendo prováveis candidatos a *hegemon*.

Na mesma linha, Fiori argumenta que nesse sistema não há poder neutro ou inativo, pois o poder é fluxo, só existindo quando utilizado. Sendo o combustível do sistema, a potência hegemônica não possui alternativa senão seguir acumulando poder:

A própria ‘potência líder’ ou ‘hegemônica’ precisa seguir expandindo o poder de forma contínua, para manter sua posição relativa. E sua acumulação de poder, como a de todos os demais, também depende da competição e da preparação para a guerra contra adversários reais ou virtuais, que vão sendo criados pelas contradições do sistema. Se esta competição desaparecesse, as ‘potências líderes’ ou ‘hegemônicas’ também perderiam força, como todos os demais Estados, e todo o sistema mundial se desorganizaria (...) neste ‘universo em expansão’ nunca houve nem haverá ‘paz perpétua’, nem hegemonia estável (FIORI, 2008, pp. 30-31).

Contudo, o poder é “heterostático” (FIORI, 2014, p. 18), ou seja, cada movimento de um Estado buscando aumentar seu poder é respondido pelos Estados prejudicados de forma a neutralizar o movimento inicial. Em um sistema altamente competitivo, cada ação tem sua reação correspondente. Esse é conhecido nas Relações Internacionais como o Dilema da Segurança.

Em resumo, o sistema internacional seria anárquico, hierárquico e dominado pelas relações de poder. A estrutura do sistema compele os Estados

a acumularem poder de modo a garantir sua sobrevivência. A política internacional é marcada pela competição entre os Estados, sendo esta competição o próprio motor do Sistema. Dessa forma, no sistema interestatal capitalista, “quem não sobe, cai” (FIORI, 2014, p. 21).

1.2 Taxonomia e Mobilidade dos Estados no Sistema Internacional

O “debate” moderno sobre o desenvolvimento e subdesenvolvimento ganhou corpo após famoso discurso do Presidente americano Harry Truman em 1949. Generalizou-se a ideia de que no capitalismo haveria países desenvolvidos e subdesenvolvidos, sendo o subdesenvolvimento uma “etapa” para o desenvolvimento. Esta visão fica clara, por exemplo, na teoria de Rostow (1978), onde existem vários “estágios” para o crescimento: sociedade tradicional, pré-condições para a “arrancada”, arrancada, marcha para a maturidade e era do consumo de massas, sendo esta caminhada um processo inexorável.

Surgida em 1949, a Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL) desenvolveu sua própria teoria do desenvolvimento, assentada, sobretudo, na Teoria de Deterioração dos Termos de Intercâmbio de Prebisch (1949) e na Teoria do Subdesenvolvimento de Furtado (1965). Segundo esta teoria o subdesenvolvimento não só não seria etapa para o desenvolvimento, como também seria causado pelo próprio desenvolvimento.

Os países subdesenvolvidos fazem parte de um sistema mundial dividido entre centro e periferia, distinguidos primariamente pela sua produção. A produção do centro é concentrada em bens industriais e a da periferia em bens primários. Prebisch afirma, então, que há uma tendência para maior valorização relativa dos bens industriais do centro, pois a elasticidade-renda da demanda pelos bens primários é menor, bem como fatores sociais dos países centrais (organização trabalhista mais desenvolvida, por exemplo) fazem com que os ganhos de produtividade industriais fiquem no centro (PREBISCH, 1949, p. 72).

Está, pois, o mundo dividido entre um centro capitalista plenamente desenvolvido, produtor de manufaturas, com salários altos e tecnologia avançada e uma periferia subdesenvolvida, marcada pelo que Aníbal Pinto

(1970) chamou de heterogeneidade estrutural (setor exportador plenamente desenvolvido enquanto os demais setores seguem na quase subsistência), produtor de primários, baixos salários e produtividade, cujos produtos (commodities) se aproximam mais de mercados competitivos, totalmente a mercê das flutuações das economias centrais, sendo esta estrutura perpetuada através do comércio internacional.

Além desses dois estratos, alguns autores defendem a existência de uma semiperiferia, um nível intermediário entre os dois polos. Arrighi (1994) caracteriza a semiperiferia como aquelas economias nacionais que possuem uma estrutura produtiva mista, com atividades típicas de países centrais e de periféricos.

Outra definição é a semiperiferia como a periferia com capacidades de contestação, com pretensão de ser centro ou de melhorar sua posição no sistema internacional (COSTA, 2009). Estes países se destacariam por algumas potencialidades, como território, população, recursos, força militar ou até mesmo ideologia e cultura, ou seja, por estar um degrau acima da periferia.

Em uma análise que complementa os conceitos apresentados anteriormente, para Fiori (2014, p. 43) há quatro tipos de Estados, no que se refere a sua posição no sistema mundial. Os primeiros são o centro do sistema, líderes da inovação tecnológica e controladores do sistema financeiro mundial. Segundo o autor:

Como resultado de sua posição, dispõem de melhores condições de endividamento e maior grau de liberdade na escolha e na realização de suas políticas econômicas, podendo alterá-las com mais facilidade em função das circunstâncias e na medida em que possam repassar para terceiros os custos de seus ajustes internos e externos sem sofrer nenhum tipo de penalidade – visto que, afinal, são eles que controlam a moeda e o crédito internacional (FIORI, 2014, p. 43).

Um segundo grupo de países seria, ainda de acordo com o autor supracitado, composto por aqueles “desenvolvidos a convite”, usualmente presentes em áreas de grande tensão geopolítica entre as potências. Dada sua importância estratégica, recebem tratamento especial por parte dos países centrais e que:

(...) adotam livremente estratégias de integração ou subordinação direta, com relação à economia e política econômica das potências líderes, transformando-se em protetorados econômicos e militares destas potências (...) que obtêm acesso privilegiado aos mercados e aos capitais de suas potências protetoras em troca da sua submissão

à política externa e à política monetário-financeira delas (FIORI, 2014, p. 43).

Outro grupo é composto pelos países periféricos, pequenos e que não se propõem a mudar o status quo. Não possuindo a importância geopolítica dos países do grupo anterior, especializam-se como fornecedores de bens específicos, usualmente commodities ou bens industriais de baixo valor agregado, sendo países com “baixa capacidade de endividamento, fortes restrições externas e inteira submissão às políticas econômicas definidas pelas potências dominantes” (op cit, p. 45).

Finalmente, há os países que questionam a hierarquia internacional e agem para mudá-la, adotando estratégias que Chang (2004) chama de catch-up. Essas estratégias incluem políticas econômicas de cunho mercantilista e desenvolvimentista, de modo a induzir o desenvolvimento econômico como forma de reduzir o hiato tecnológico, industrial e financeiro que os separam do centro.

Do ponto de vista das Relações Internacionais, esses são os países que Mearsheimer (2001) chama de *revisionist states*, ou seja, os Estados que estão insatisfeitos com a ordem mundial e estão dispostos a agir para modificá-la, em oposição aos *status quo states*, satisfeitos com a mesma. Segundo Fiori:

O objetivo do ‘estado questionador’ é ampliar sempre e cada vez mais sua capacidade de decisão e iniciativa estratégica autônoma nos campos político, econômico e militar para poder difundir melhor e aumentar a eficácia de suas ideias e propostas de mudança no sistema mundial (FIORI, 2014, p. 231).

Ainda de acordo com Fiori (2008, p.33), é a própria expansão das potências vencedoras que provoca reações por parte destes “Estados Revisionistas”. Nesta visão, historicamente, todas as experiências bem sucedidas de desenvolvimento não se explicam somente por fatores internos, mas principalmente em resposta a desafios externos, presentes em tabuleiros geopolíticos competitivos e com um grande sentimento de ameaça e “cerco”. É neste contexto em que governos, de uma forma ou de outra, logram unir o país e implementam estratégias de desenvolvimento autônomas¹:

¹ Estratégias que podem ser exemplificadas historicamente pela Revolução de Avis portuguesa, a modernização promovida por Pedro I no Império Russo, a Revolução Meiji japonesa, a Unificação Alemã sob a liderança da Prússia, a vitória do Norte manufatureiro na Guerra de Secessão americana e o New Deal de Franklin D. Roosevelt nos Estados Unidos pós-Grande Depressão.

A força expansiva dessas grandes potências “ganhadoras” provocou, em alguns casos, uma reação e uma estratégia econômica defensiva da parte de outros Estados que se protegeram desenvolvendo suas próprias economias nacionais. E, em geral, quando estes Estados que adotaram esta estratégia defensiva tentaram conquistar - posteriormente - seu próprio “território econômico supranacional”, acabaram provocando um grande aumento da ‘pressão competitiva’ dentro do sistema mundial, como está acontecendo nestas últimas décadas, desde a crise da década de 70 (FIORI, 2008, p. 33).

Esta estratégia de desenvolvimento autônoma converge com a ideia do realismo ofensivo, ao considerar que por uma questão de sobrevivência os Estados buscarão alterar a balança de poder a seu favor. Ao fazerem isso, as “potências vencedoras” geram reações por parte dos outros Estados, pelo que Fiori chamou de “heterosticidade” do poder.

No entanto, tão ou mais importante que as condições materiais e vontade política interna são as condições externas que podem permitir ou impedir tal ascensão. Nesse sentido, Jaguaribe (2008, pp. 170-171) afirma que a ascensão de um país a um grau de autonomia mais elevado depende da “viabilidade nacional”, composta pelos recursos de poder possuídos pelo país, e pela “permissibilidade internacional”, explicada pela sua inserção geopolítica e capacidade de “neutralizar o risco proveniente de terceiros países, dotados de suficiente capacidade para exercer sobre ele formas eficazes de coação”.

Além disso, segundo o autor, a melhora na inserção internacional demanda “suficiente autonomia técnico-empresarial ou desfrutar de uma relação intrainperial suficientemente universal”, ou seja, desenvolvimento das forças produtivas internas ou possuir uma relação privilegiada com a potência hegemônica.

Primeiramente, dada a natureza competitiva do sistema, é impossível todos ganharem ao mesmo tempo. Nas palavras de Fiori (2014, p. 45):

O caminho dos “ganhadores” está aberto para todos os países? Sim, está aberto, mas poucos serão os vencedores, porque a energia que move esse sistema, conforme vimos, vem da luta contínua entre Estados, economias nacionais e capitais privados, pela conquista de posições monopólicas que são desiguais por definição. Ainda assim, todos os Estados podem se propor a modificar sua posição relativa dentro do sistema, ainda que não queiram necessariamente ser uma potência regional ou internacional (FIORI, 2014, p. 45).

É nas crises, em suas diversas manifestações (econômica, política, etc.), nos momentos onde se acirra a “pressão competitiva” do sistema, que projetos

alternativos têm mais liberdade para prosperar. Para Nogueira e Messari (2005, p. 126):

Os ciclos de crescimento são interrompidos por períodos de crise, normalmente redução do ritmo de crescimento econômico e, concomitantemente, declínio da hegemonia da potência dominante. Os momentos de crise são propícios para que potências emergentes reivindicuem maiores espaços de poder nas relações internacionais e maior participação nos fluxos de investimento (NOGUEIRA E MESSARI, 2005, p. 126).

Após uma década em que não se vislumbrava alternativa senão uma hegemonia inconteste dos Estados Unidos houve grande aumento da pressão competitiva do sistema. Apesar deste período não ser, segundo Fiori (2008, p. 37), a crise final da hegemonia americana, ao menos abriu espaço para maior contestação:

Ao mesmo tempo, pode-se dizer, do ponto de vista do curto prazo, que a crise de liderança dos Estados Unidos, depois de 2003, deu visibilidade ou abriu portas para que essas novas e velhas potências regionais passassem a atuar de forma mais desembaraçada na defesa de seus interesses nacionais e na reivindicação de suas zonas de influência. Ou seja, também neste caso a política expansiva da potência líder ou hegemônica ativou e aprofundou as contradições do sistema mundial, derrubou instituições e regras, fez guerras e acabou fortalecendo os Estados e as economias que disputam com os Estados Unidos as supremacias regionais ao redor do mundo (FIORI, 2008, p. 37).

1.3 Cooperação e Integração em um Mundo Competitivo

Na seção anterior realçaram-se os aspectos relativos à competição no sistema internacional: busca pelo poder e autoajuda. No entanto, outra postura possível na relação entre os Estados é a cooperação. Esta se dá na medida em que, a partir da cooperação, os Estados podem auferir ganhos que não obteriam sozinhos. Segundo Padula (2013, p. 77) isso é verdade, sobretudo, para países periféricos, com pouca margem de manobra econômica e política. Nas palavras de Severo (2014, p. 48):

Por um lado, pode-se assumir que o tradicional “jogo de soma zero” dentro do sistema internacional poderia ser transformado, via coordenação política consciente, em um “jogo de soma positiva”. Ou seja, existiria a possibilidade de construir um processo de integração com base na ideia de que todos ganhem (SEVERO, 2014, p. 48).

Na mesma linha, Lima e Coutinho (2005, p. 3) afirmam que a integração é uma tendência atual, dada pelos efeitos e desafios que a globalização impõem aos Estados e que estes não podem enfrentar sozinhos:

A hipótese da regionalização como efeito da globalização defendida pela maior parte da literatura especializada mais recente está ancorada na ideia de defesa dos países frente a um processo histórico poderoso do qual não podem fugir, senão apenas buscar uma melhor adaptação estando reunidos em grupos e, dessa forma, suavizando suas vulnerabilidades externas. O regionalismo é, nesse sentido, uma postura reativa, entregue à necessidade de se tornar mais competitivo justamente num momento em que diminui a capacidade dos Estados de individualmente formularem políticas e regularem os mercados (LIMA E COUTINHO, 2005, p. 3).

No entanto, essa integração pode assumir diferentes formas. Ela pode tanto desconstruir assimetrias como aumentá-las, ser levada pelas forças de mercado ou pela vontade política de seus Estados, redutora ou potencializadora das capacidades do Estado. Seguindo a nomenclatura de Severo (2014, p. 48) chamaremos a primeira de integração “associada-dependente” e a segunda de integração “periférico-contestadora”.

A primeira visão funda-se em uma concepção liberal tanto da Economia como das Relações Internacionais. Na economia, sua base é a Teoria das Vantagens Comparativas, segundo a qual o livre-comércio concomitante à divisão do trabalho em escala global traria benefícios para todos. Segundo Severo (2014, p. 50), supostamente:

O livre comércio internacional, ao conduzir à especialização e à divisão internacional do trabalho, aumentaria a eficiência com que os recursos disponíveis em cada país poderiam ser aplicados. Este aumento de eficiência elevaria o nível de produção e de renda em todos os países envolvidos nas trocas (SEVERO, 2014, p. 50).

Posteriormente, Ely Heckscher e Bertin Ohlin desenvolveram uma teoria sobre as causas das diferentes vantagens relativas dos países. Esta diferença da dotação relativa dos fatores de produção (capital e trabalho), fazendo com que, segundo Kindleberger (1974, p. 38) os países com maior disponibilidade de capital especializem-se em atividades que demandam mais capital, e os com mão-de-obra abundante especializem-se em produtos intensivos neste fator.

Pode-se dizer que um esquema de tal natureza perpetua as diferenças entre as nações. No entanto, segundo a teoria formulada por Paul Samuelson em 1948, há uma tendência à equalização dos preços dos fatores, ou seja, uma convergência no nível de dotação dos fatores entre os países. Nas palavras de Kindleberger (1974, p. 41), com o livre-comércio:

A exportação de produtos de fator abundante faz com que aumente a procura de seus serviços e os torna relativamente menos

abundantes. A importação de produtos que requerem grandes quantidades de fatores escassos faz com que estes sejam menos escassos no mercado nacional. As exportações farão com que suba o preço do fator abundante e barato; as importações reduzirão a remuneração ao fator escasso e caro.

Outra influência importante é a teoria da União Aduaneira formulada nos anos 1950 por Jacob Viner (UNCTAD, 2007). Trata-se de um argumento que leva em conta a realidade concreta, na medida em que afirma que o comércio livre mundial e acordos multilaterais são de difícil execução. Portanto, um primeiro passo seria a formação de blocos regionais onde o comércio fosse liberalizado e se institísse uma Tarifa Externa Comum. Os blocos econômicos seriam benéficos na medida em que aumentassem os “ganhos de comércio”, ou seja, na medida em que a liberalização advinda do bloco ocasionasse a importação de bens produzidos de maneira mais eficiente que os produzidos internamente. Abrindo-se o comércio, a eficiência alocativa aumentaria e rendas improdutivas (de monopólio) diminuiriam. Naturalmente, seguindo o raciocínio ricardiano, quanto maior o bloco e menor a Tarifa Externa Comum, maiores seriam os ganhos de comércio.

No âmbito das Relações Internacionais, esta vertente associada-dependente baseia-se na corrente liberal, sobretudo no funcionalismo de David Mitrany e Karl Deutsch. Segundo Nogueira e Messari (2005, p. 76) o funcionalismo baseia-se no princípio da “forma segue a função”, ou seja, “ao privilegiar a função como parâmetro para a criação de organizações, os funcionalistas pretendiam desvinculá-las de projetos políticos mais ambiciosos e restringi-las ao cumprimento de tarefas técnicas”.

Também haveria uma crescente perda de soberania dos Estados Nacionais em favor destas organizações, na medida em que elas seriam mais eficientes que os Estados no cumprimento de suas funções. Através do chamado *spill-over effect*, ou efeito de transbordamento, “o aprendizado com experiências bem-sucedidas faria com que as soluções organizacionais transbordassem para diferentes setores da vida social” (NOGUEIRA E MESSARI, 2005, p. 77).

Além disso, essa visão sofre influência do “passo-a-passo” formulado pelo economista húngaro Béla Balassa. A avaliação do sucesso ou fracasso de

um processo de integração econômica dependeria da capacidade do bloco em avançar etapas. Segundo Severo (2014, p. 51), as etapas são:

- 1) Área de livre comércio, na qual são eliminadas as tarifas alfandegárias internas dos países envolvidos;
- 2) União Aduaneira, quando além da eliminação das tarifas internas é criada uma tarifa externa comum (TEC);
- 3) Mercado Comum, no qual se agregam às duas ações iniciais (eliminação das tarifas internas e aplicação de uma tarifa externa) a livre mobilidade do capital e da força de trabalho;
- 4) União Econômica, quando além dos passos anteriores se pratica a coordenação das políticas macroeconômicas; e, por fim;
- 5) União Monetária, na qual culmina o processo, com a adoção de uma moeda comum (SEVERO, 2014, p. 51).

Em resumo, essa opção de integração fundada no liberalismo dá pouca importância para as relações de poder no sistema internacional, bem como às desigualdades nas economias nacionais que compõe o sistema. Esta visão identifica-se com o que Fiori (2014, p. 231) chamou de “política externa conservadora”:

Em primeiro lugar, os conservadores não se propõem a mudar a distribuição do poder internacional, nem questionam a hierarquia do sistema mundial. Sua reação frente aos desafios colocados pela agenda internacional é quase sempre empírica, isolada e moralista. Os conservadores não têm uma teoria nem uma visão histórica própria do sistema internacional e dos acontecimentos conjunturais, e são partidários, em geral, de uma política externa de baixo teor, sem grandes iniciativas estratégicas nacionais e com alta taxa de submissão aos valores, juízos e decisões estratégicas das potências dominantes (FIORI, 2014, p. 231).

Já a integração “periférico-contestadora” parte das premissas do realismo nas relações internacionais e de uma perspectiva estruturalista na economia. Dessa forma, a integração seria uma forma dos Estados, através da cooperação, penderem a balança de poder a seu favor. Essa mudança na balança de poder tem o objetivo de aumentar a margem de manobra dos Estados para fazerem estratégias que fortaleçam seu desenvolvimento. Segundo Padula (2010, p. 77):

O poder, neste processo, não deve ser encarado somente como um fim, mas também por sua relação fundamental e recíproca com a geração de riqueza, o desenvolvimento e a justiça social; e, em última instância, para um processo civilizatório mais amplo (PADULA, 2010, p. 77).

Também para Severo (2014, p. 52):

Os objetivos da integração seriam o desenvolvimento econômico e social; a redução da vulnerabilidade externa e da dependência

(econômica – comercial, financeira e tecnológica–; política, militar e cultural); e a obtenção de maior autonomia e projeção dentro do Sistema. Assim, a integração responderia a uma decisão e uma ação política dos Estados nacionais, que deveriam estar cada vez mais baseadas no resgate e na afirmação de uma identidade própria e em um crescente processo de participação política (SEVERO, 2014, p. 52).

Além disso, nesta concepção a integração econômica deixa de ser um processo somente comercial, adquirindo relevância a integração financeira, de infraestrutura e de cadeias produtivas. Portanto, não se leva em conta somente o que está no escopo da lei das vantagens comparativas, mas sim um processo mais amplo do ponto de vista econômico.

Sendo um processo político, Padula (2010, p. 78) afirma que, naturalmente, há “países líderes”, que por se destacarem econômica e politicamente frente a seus pares podem garantir o avanço do processo de integração regional:

Quando a integração envolve países periféricos com significativas assimetrias (políticas, econômicas, comerciais, tecnológicas, etc.), os ganhos políticos e econômicos conjuntos dependem assim da postura particular do(s) país(es) de maior peso político e econômico... Características geográficas, históricas, políticas, econômicas, e mesmo culturais e antropológicas, revelam em alguns países a potencialidade –uma espécie de “vocação” –para o poder e para ser potência regional. Defendemos que as mesmas características, traduzidas em maior peso político e econômico relativos na região, revelam uma vocação para a liderança regional (PADULA, 2010, p. 78).

Para ser exercida, essa liderança precisa, além das características materiais descritas, de uma postura política ativa que legitime o processo e se reflita na defesa de interesses coletivos. Para Severo (2014, p. 56).

O principal atributo da liderança do processo de integração é a capacidade de representar, ao máximo possível, os interesses do conjunto dos países a serem unidos. Cada um dos Estados nacionais que participam do processo deve sentir-se beneficiado não somente com a integração, mas também com o papel exercido pela liderança (SEVERO, 2014, p. 56).

Segundo Padula (2010, p. 79) essa liderança hegemônica regional pode ser exercida de quatro maneiras, nomeadas pelo autor, respectivamente, imperialista, assimétrica, positiva e cooperativa. São elas:

- (i) Uma liderança expansiva e assimétrica, concentrando ganhos políticos e econômicos no líder em detrimento do desempenho político e econômico dos demais países.
- (ii) Uma liderança em que a expansão do líder favoreça a expansão econômica e política dos demais países, mas que ainda assim, em

última instância, concentre ganhos políticos e econômicos no líder, não combatendo assimetrias pré-existentes.

(iii) Uma liderança em que a expansão do líder favoreça a expansão econômica e política dos demais países e do conjunto, mas que ainda trabalhe para manter sua posição privilegiada em termos de concentração regional de poderes político e econômico; assim, podendo até combater em grande medida as assimetrias estruturais pré-existentes entre os países da região e o líder, não visa comprometer a hierarquia regional estabelecida.

(iv) Uma liderança cooperativa, na qual a expansão do líder impulsiona ganhos políticos e econômicos recíprocos dos países e do conjunto, reduzindo as assimetrias pré-existentes, na medida do possível (PADULA, 2010, p. 79).

A liderança imperialista é relacionada com um modelo liderado pelo mercado, reforçando as assimetrias existentes entre os países. A liderança assimétrica seria uma versão mais “branda” da anterior. No entanto, a implantação desse tipo de projeto depende largamente das forças materiais e simbólicas presentes na região e que impedem uma “rebelião” dos Estados menores. Para Padula (2014, p. 81):

Mais uma vez, o quanto esta forma de liderança e arranjo de integração será sustentável e/ou relativamente mais benéfico aos demais países do arranjo, depende da configuração do sistema internacional e das forças políticas internas destes países, assim como da força do arcabouço hegemônico regional (PADULA, 2014, p. 81).

A liderança positiva busca a redução das assimetrias e um processo em que todos ganhem, porém sem ameaçar a posição do país líder. Por último, a forma cooperativa é forma ideal para países periféricos, na medida em que o país líder atua “no campo econômico, servindo de ‘locomotiva’ do crescimento nos demais países através de suas importações, investimentos produtivos, financiamentos e transferências” (op. cit, p. 81).

O autor ainda considera que a estratégia que reúne maior possibilidade de implantação é a liderança positiva, na medida em que esta beneficiaria tanto o país líder como os demais. Para Padula:

O que chamamos de *liderança hegemônica positiva* parece ser a forma mais sustentável de liderança em relação às lideranças imperialista e hegemônica assimétrica, embora ambas as lideranças hegemônicas possam ser encaradas como uma estrutura para manter o domínio do líder. Ainda, ao mesmo tempo, a liderança hegemônica positiva parece ser mais viável que a forma cooperativa, visto que tem maior capacidade de reunir ao mesmo tempo interesses políticos dentro do Estado líder e dos demais da região para apoiar e legitimar o processo de integração e a liderança regional (PADULA, 2014, p. 81).

Portanto, o Estado-líder utiliza tanto da coerção, do consenso ou de uma mistura entre ambos para levar adiante o processo de integração, projetando externamente sua visão de integração regional.

Sumarizando as posições expostas anteriormente, Fiori (2014, p. 238) afirma a necessidade de um projeto nacional estratégico internamente para que haja liderança externamente, além da natureza de cada projeção de poder:

Um país pode projetar seu poder e sua liderança fora de suas fronteiras nacionais, por meio da coerção, cooperação, difusão de ideias e valores, e também por meio de sua capacidade de transferir dinamismo econômico para sua zona de influência. No entanto, em qualquer caso, uma política de projeção de poder exige objetivos claros e uma coordenação estreita entre as agências responsáveis pela política externa do país, envolvendo diplomacia, defesa e políticas econômica e cultural (FIORI, 2014, p. 238).

1.4 Súmula do Capítulo 1

A partir de uma perspectiva realista do sistema internacional, podemos identificar como características principais a sua composição por Estados, unitários e que agem inseridos em um contexto de anarquia internacional. O principal objetivo das unidades é garantir sua sobrevivência. A acumulação de poder relativamente aos demais é o meio pelo qual os Estados buscam essa sobrevivência. O poder, definido como a capacidade de um Estado de impor, moldar ou influenciar as decisões de outro Estado, é composto pelas capacidades militares, econômicas e político-ideológicas do Estado. Neste contexto, assumem particular importância os mecanismos transformadores de poder, ligados sobretudo à indústria e à capacidade tecnológica, que são capazes de converter recursos de poder em poder efetivo. Além de ser o meio pelo qual os Estados buscam sua sobrevivência, o poder também é o combustível do sistema capitalista, na medida em que o surgimento deste e sua expansão estão ligados historicamente ao poder.

Nesse mundo hierárquico e competitivo, as capacidades de poder do Estado são determinadas pelas suas condições materiais concretas. Há uma hierarquia, portanto, entre os Estados, com aqueles que tem o controle dos processos produtivos mais avançados e do sistema financeiro no topo, com os países periféricos, exportadores de produtos com pouco valor agregado e altamente dependentes dos ciclos econômicos dos países centrais. Além

destes, há uma semiperiferia caracterizada tanto por conter uma estrutura produtiva mista como por possuir quantidade considerável de recursos de poder, e que tem, portanto, capacidade de contestar a ordem internacional. Esta contestação depende tanto das condições internas como das condições externas, que favorecem o surgimento de novos polos de poder sobretudo nos momentos de crise.

A integração regional aparece, nesse contexto, como uma estratégia que os Estados colocam em jogo para pender a balança do poder em seu favor. Essa integração teria duas vertentes: uma “associada-dependente”, baseada no liberalismo econômico e no funcionalismo nas relações internacionais, e uma “periférico-contestadora”, sustentada no estruturalismo econômico e no realismo nas relações internacionais. O processo de integração necessitaria de um líder, que por seu peso econômico e político regional, comandasse o processo. Essa liderança hegemônica poderia se dar tanto de forma imperialista, assimétrica, benigna e cooperativa, sendo a liderança benigna a com mais facilidade de ser mantida.

2. ESTADO ATUAL DA INTEGRAÇÃO EURASIÁTICA

O objetivo desse capítulo será analisar o estado atual do processo de integração eurasiático. Partindo da perspectiva de que é necessário um Estado que lidere o processo de integração, a primeira seção aborda brevemente as condições internas da Rússia desde a queda da União Soviética.

A segunda seção trata do histórico de cooperação econômica no espaço pós-soviético, desde a criação da Comunidade de Estados Independentes (CEI), da Comunidade Econômica Eurasiática (EurAsEc) e finalmente no processo que dá origem à União Econômica Eurasiática (UEE).

Na terceira seção será abordada a União Eurasiática. Num primeiro momento, serão apresentados alguns dados sobre os países-membros, que demonstram a assimetria entre eles, sobretudo em relação à Rússia. Depois será exposta a estrutura do bloco e como ele funciona.

Finalmente, a quarta seção trata da estrutura e atuação dos dois mecanismos regionais de cooperação financeira: o Banco de Desenvolvimento Eurasiático e o Fundo Eurasiático de Estabilização e Desenvolvimento.

2.1 As Condições no Estado-Líder

No capítulo anterior vimos como a atuação de um Estado-líder seria fundamental para o avanço de um processo de integração regional. Por razões de ordem econômica e política que serão melhor analisadas na Seção 2.3, considera-se que a Rússia seja esse Estado, exercendo um “poder de gravitação” na Europa Oriental, Cáucaso e Ásia Central, sobretudo nos países da ex-URSS.

Nos anos 1990, após o colapso da União Soviética, a Rússia não estava em condições de liderar um processo de integração regional. Sob a conturbada Presidência de Boris Iéltsin (1991-1999), foi promovida uma “Terapia de Choque” neoliberal, que consistia na liberalização total dos preços (antes controlados pelo Estado), abertura comercial, privatização de estatais e restrições aos gastos públicos e ao crédito (MAZAT, 2013, p. 136).

O processo de liberalização da economia foi extremamente traumático. A inflação, apesar de ser o foco da política do governo, esteve alta durante toda a década, sobretudo entre 1993 e 1995. A partir de 1995, a adoção da âncora cambial e de uma política monetária restritiva resolveu em parte o problema, embora tenha levado a uma crescente desmonetização da economia. Segundo Mazat (2013, p. 150), 50% das transações econômicas eram feitas sem o uso de moeda em 1998.

A indústria foi o setor que mais sofreu com a desorganização econômica e apreciação cambial. A década foi marcada por quedas frequentes no valor adicionado pela indústria e no emprego industrial.

Tabela 1: Estatísticas Industriais Russas (1991-2000)

	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Variação do Valor Agregado Industrial (%)	-7,3	-21,6	-13,2	-19,9	-4,6	-5,6	0,9	-5,1	9,5	12,1
Emprego Industrial (% da Força de Trabalho)	39,8	38,8	38,0	35,9	34,0	32,5	30,0	29,1	28,2	28,4
Participação da Indústria (% do PIB)	47,6	43,0	44,6	44,7	37,0	38,7	38,1	37,4	37,2	37,9

Fonte: OECD Data (2015)

A queda econômica também se refletiu na sociedade. Observou-se grande aumento no suicídio e no consumo de álcool, a expectativa de vida caiu 3,5 anos ao fim da década e o número de filhos por mulher cai muito abaixo dos 2,1 filhos necessários para repor a população, gerando uma crise demográfica.

Tabela 2: Estatísticas Sociais Russas (1991-2000)

	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Suicídios (por 1000/hab)	28,9	28,7	33,1	40,4	44,4	43,4	40,9	38,7	36,3	39,9	39,5
Expec. Vida (anos)	69,0	68,6	67,0	65,1	64,6	65,4	66,4	67,1	66,9	66,2	65,5
Álcool (litros per capita)	7,4	8,1	7,1	8,4	8,7	11,2	9,2	9,3	9,9	10,7	10,1
Fertilidade (filhos por mulher)	1,89	1,73	1,55	1,37	1,39	1,34	1,27	1,22	1,23	1,16	1,20

Fonte: OECD Data (2015)

Politicamente, os resultados adversos das reformas causaram disputas entre o Executivo liberal, chefiado por Iéltsin, e o Soviete Supremo², de maioria

² Antigo Parlamento soviético e russo, abolido após a Constituição de 1993.

comunista e patriota, contrária à “Terapia de Choque”. O auge desta disputa deu-se em 1993, quando o Soviete inicia um processo de impeachment contra Iéltsin. O Presidente, por sua vez, ordena a dissolução do parlamento e seu assalto por comandos militares, matando pelo menos 187 pessoas e aprovando uma nova constituição que amplia os poderes do Executivo. Com maiores poderes e sem um Parlamento eleito, acelerou-se o ritmo das reformas e privatizações (SHUVALOV, 2005, pp. 32-33).

O processo de privatizações acabou por gerar uma classe privilegiada de proprietários, denominados oligarcas, que conseguiram o controle das empresas mais competitivas da Rússia, sobretudo as do setor energético e mineral, por valores insignificantes (POMERANZ, 2005, pp. 341-342).

Além da catástrofe econômica, a Rússia enfrentou ameaça real de fragmentação. Em 1991, uma insurreição de caráter nacionalista e islamista ocorre na Chechênia, que declara sua independência como República Chechena de Ichkeria³. Em 1994, tropas federais russas atacam a república. A guerra dura dois anos, resultando em derrota russa e na independência de facto da república separatista. O mapa abaixo mostra a divisão étnica da região do Cáucaso.

Figura 1: Mapa Étnico do Cáucaso



Fonte: Colorado University (2015)

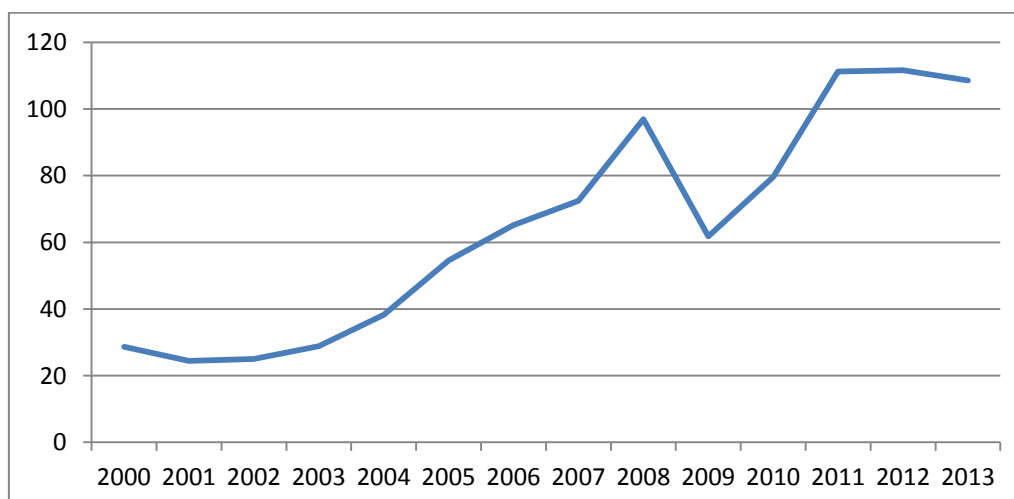
³ Ichkeria é o nome túrquico da região.

No plano externo, apesar de continuar com o arsenal atômico da URSS, a Rússia não tinha condições de defender seus interesses, aliando-se de forma subalterna ao Ocidente (BRATERSKY, 2014). Dessa forma, a Rússia via como a União Europeia e a OTAN se expandiam para os países da antiga esfera de influência soviética sem poder reagir, sendo o ápice desse enfraquecimento a guerra da OTAN contra a Sérvia (1999).

Mazat (2013, pp. 163-170) considera que o ponto de inflexão desse processo é a crise de 1998. A fuga de capitais ocasionada pela crise asiática levou a Rússia a declarar moratória da sua dívida externa e a uma desvalorização cambial de mais de 50%. Apesar de traumática, essa situação criou as condições para que ocorresse uma substituição de importações e uma maior utilização da capacidade ociosa industrial, além da política fiscal anticíclica promovida pelo primeiro-ministro Yevgeny Primakov (1998-1999)⁴.

No entanto, a principal ajuda veio de fora. Após uma queda na crise asiática, os preços do petróleo e das commodities em geral começaram a subir. Isso muito beneficiou a Rússia, na medida em que cerca de 80% das exportações russas são de commodities. O gráfico abaixo demonstra essa trajetória ascendente, interrompida temporariamente na crise de 2008, e que durou até o final de 2014, quando o preço do petróleo despenca para cerca de US\$ 45.

Figura 2: Preço do Barril de Petróleo Brent (US\$ correntes)



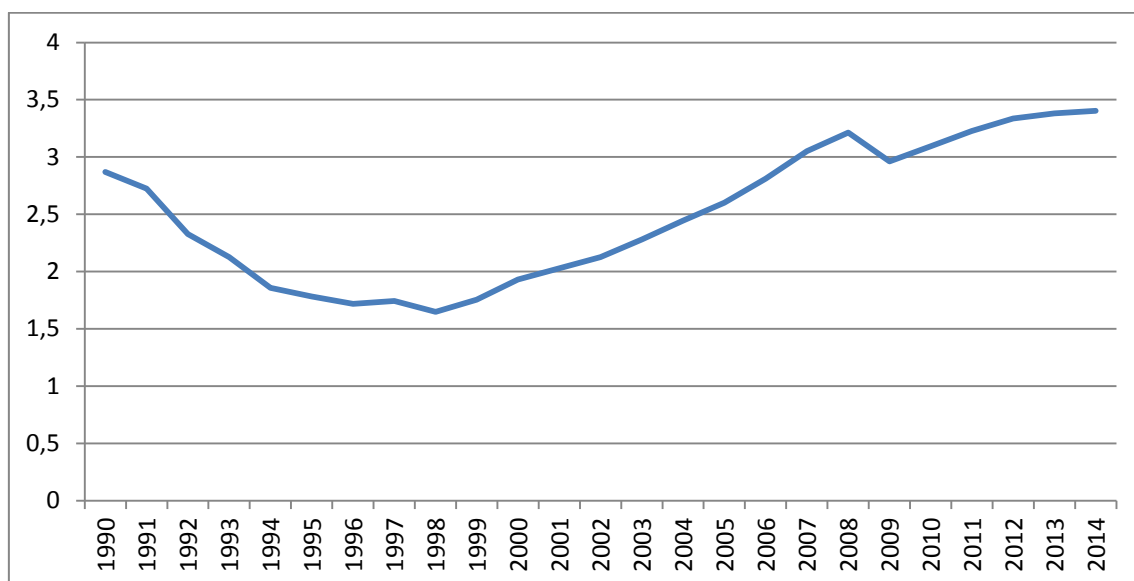
Fonte: BP Statistical Review of World Energy 2015 (2015)

⁴ Diretor do SVR (Serviço de Inteligência Estrangeiro) entre 1990 e 1996 e Ministro das Relações Exteriores entre 1996 e 1998. Era uma figura respeitada tanto pelo governo Iéltsin como pela oposição.

A liderança de Vladimir Putin, iniciada em 1999 como primeiro-ministro e em 2000 como presidente, continuou o processo de reconstrução do Estado russo promovido por Primakov. Esta reconstrução foi feita, sobretudo, com os recursos advindos da retomada do controle estatal sobre o setor energético. Além de um aumento da tributação sobre a exportação desses produtos, houve diversas nacionalizações de ativos privatizados na década de 1990. O caso emblemático é o da petroleira Yukos, de propriedade do oligarca Mikhail Khodorkovsky, estatizada em 2004 após a comprovação de evasão fiscal e de divisas (DEL CID, 2008, p. 147). Segundo Mazat (2013, p. 176):

As políticas econômicas implementadas por Primakov e Putin permitiram aumentar o gasto público e estimular as outras componentes da demanda efetiva. O forte crescimento das exportações nominais em dólar foi outro elemento favorecendo esta fase de crescimento econômico alto, fornecendo não apenas um estímulo da demanda agregada, mas, principalmente aliviando a restrição externa ao crescimento (MAZAT, 2013, p. 176).

Figura 3: PIB Russo por PPC (trilhões de US\$ de 2011)

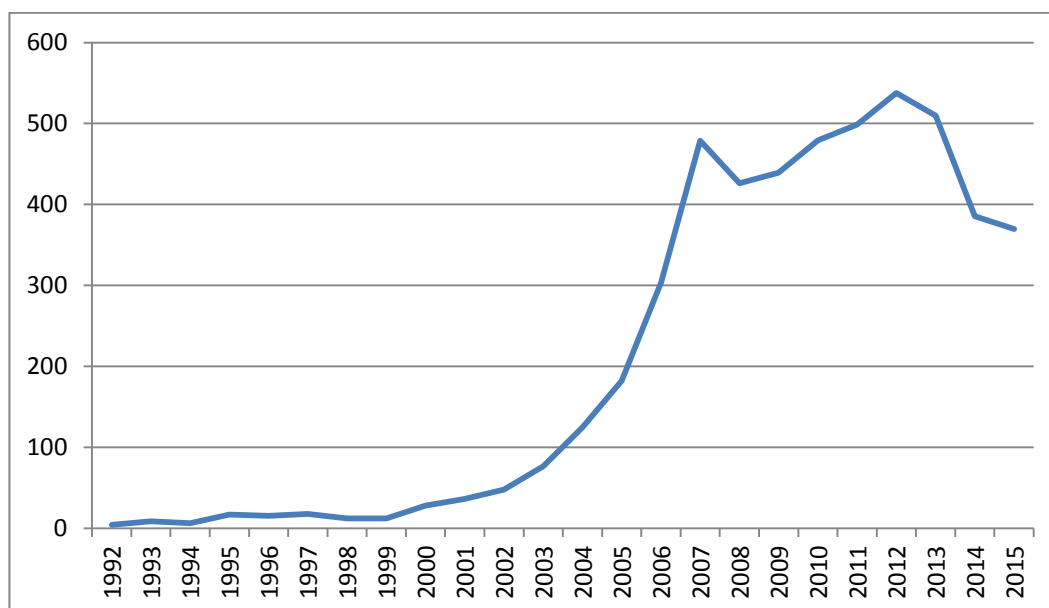


Fonte: World Bank Data (2015)

A melhor situação das contas externas permitiu um grande acúmulo de reservas internacionais, melhorando a posição russa em face de uma conjuntura externa desfavorável. Segundo dados do Banco Central Russo, as reservas passaram de US\$ 11,5 bilhões em 1998 para US\$ 596 bilhões em 2008. Atualmente, conforme se observa no gráfico abaixo, por conta da queda do preço do petróleo e pelas sanções ocidentais que dificultam a captação de

capitais no exterior por parte da Rússia, esse montante está em US\$ 371,26 bilhões.

Figura 4: Reservas Internacionais da Federação Russa (Bilhões de US\$)



Fonte: Banco Central da Rússia (2015)

O período também foi marcado pela derrota da insurgência chechena. Em 1999, a República Chechena de Ichkeria, então dominada pelos setores mais ligados ao islamismo fundamentalista⁵ ataca o Daguestão, território russo. Com o apoio local dos setores nacionalistas moderados⁶ e uma campanha militar, a Rússia logra reincorporar plenamente o território.

Do ponto de vista das relações exteriores, o período pós-2000 viu uma crescente deterioração das relações com o Ocidente, passando pela Guerra da Geórgia em 2008 e atingindo seu ápice com a Guerra Civil Síria a partir de 2011 e Ucraniana a partir de 2014. Segundo Bratersky (2014), a Rússia já não possui nenhuma esperança de integração com o Ocidente, assumindo uma postura mais realista:

The strategy of looking for compromises with Western leaders gave way to an idea of restructuring the world system in cooperation with a group of non-Western countries, where Russia would be one of the leaders. In Russia's foreign policy philosophy the values of naive

⁵ Grupos ligados às correntes salafista e wahhabita do Islamismo. Durante a guerra, milhares de jehadistas lutaram pela Chechênia, sob o comando do saudita Ibn Al-Khattab.

⁶ O antigo Mufti sufi da Chechênia e um dos líderes da república na Primeira Guerra da Chechênia, Akhmad Kadyrov se aliou aos russos, sendo apontado presidente da Chechênia em 2000. Morto em um atentado terrorista em 2004, é sucedido pelo seu filho, Ramzan Kadyrov. Atualmente, a Chechênia conta com grande grau de autonomia e generosa ajuda econômica do governo central.

liberalism of the 1990s were replaced with ideas of realism and statism, and the vacuum in Russia's foreign policy ideology was filled with an idea of gathering the Russian World and giving priority to the protection of traditional Christian values (BRATERSKY, 2014).

Para Adam (2013, p. 76) a política externa russa atual caracteriza-se pela “defesa da multipolaridade, a excepcionalidade Eurasiática russa, o pragmatismo, a utilização dos fatores econômicos como meio de angariar prestígio político e uma maior assertividade na busca dos interesses do país”. Nesse contexto, a integração regional aparece como uma forma da Rússia melhorar seu status no sistema internacional. Segundo Satpayev (2014, p. 11) o projeto da União Eurasiática possui, do ponto de vista russo, um foco maior na geopolítica do que na economia. O principal objetivo seria consolidar-se como potência-líder na região, freando a expansão de China, Estados Unidos e Turquia:

For Russia, the creation of the Eurasian Economic Union (EEU) is not so much an economic project, but rather a geopolitical one that is intended to consolidate its role as leading power. Moscow is concerned about strengthening its position in the post-soviet region, where the reallocation of spheres of influence has entered a more active phase (SATPAYEV, 2014, p. 11)

De acordo com o presidente russo Vladimir Putin (2011), a União Eurasiática deve se tornar um polo de poder em um mundo multipolar, através da concentração de recursos naturais, humanos e capacidades econômicas:

Nós propomos um modelo de associação supranacional poderosa, capaz de ser um dos polos do mundo contemporâneo e, assim, desempenhar um papel de “laço” efetivo entre a Europa e a dinâmica região asiática do Pacífico. Entre outras coisas, isso implica que na base da União Aduaneira e do EEU é imprescindível ter uma coordenação mais estreita da política econômica e de divisas, criar uma união econômica plena. A combinação de recursos naturais, capitais e um forte potencial humano irão permitir à União Euroasiática se tornar competitiva na corrida industrial e tecnológica, na busca de investimentos, na criação de novos postos de trabalho e nas produções de ponta (PUTIN, 2011).

2.2 Breve História da Integração Eurasiática

A seção trata das experiências anteriores de integração econômica no espaço pós-Soviético, que culminam finalmente com a criação da União Econômica Eurasiática em janeiro de 2015. Este processo inicia-se com a

criação da Comunidade de Estados Independentes (CEI), compreendendo a maior parte das antigas Repúblicas Soviéticas, seu crescente esvaziamento e a criação de blocos menores como a Comunidade Econômica Eurasiática e a União Aduaneira.

2.2.1 Integração Eurasiática nos anos 1990

O tratado que deu origem à Comunidade de Estados Independentes foi assinado no dia 08 de dezembro de 1991 no parque nacional bielorrusso Belovezhskaya Pushcha. Seus membros incluíam todas as antigas repúblicas soviéticas, com exceção dos países do Báltico (Estônia, Letônia e Lituânia). Segundo o secretário de Estado russo que assinou o tratado, Gennady Burbulis, a organização foi criada com o objetivo de organizar uma ruptura pacífica da União Soviética, incluindo a retirada de armas nucleares da Ucrânia, Bielorrússia e Cazaquistão, e a manutenção dos vínculos econômicos entre as repúblicas (SPUTNIK, 2011a).

Na sua criação, para Kononczuk (2013, p. 30), a Comunidade foi vista como um compromisso entre as forças que buscavam independência (Ucrânia, Moldávia, Azerbaijão e Geórgia) e as que buscavam manter os vínculos de interdependência do tempo soviético (Armênia e Ásia Central, incluindo Cazaquistão, Uzbequistão, Turcomenistão, Tadjiquistão e Quirguistão):

The creation of the Commonwealth of Independent States was a forced compromise between those who argued that the Soviet empire should be preserved in a changed form, and the national forces advocating independence for the republics. By then, all the former Soviet states had proclaimed independence (except for Russia, which had only made a declaration of sovereignty in June 1990) and had been recognized by the international community. The objective was therefore to provide a de jure justification for the de facto reality (KONONCZUK, 2013, p. 30).

No plano econômico, os objetivos incluíam manter a coordenação produtiva existente, a livre-movimentação de bens e serviços e a criação de um Banco Interestatal. No entanto, o processo de reformas e diferenças de interesses entre os membros fizeram com que esses objetivos não se concretizassem. A esfera em que mais se avançou foi a de segurança, com a

assinatura de inúmeros tratados e a formação, em 2002, da Organização do Tratado de Segurança Coletiva⁷, aliança militar cujo objetivo é a defesa em face de ameaças externas, incluindo forças conjuntas de pacificação, e coordenação na política de defesa e na questão de bases militares de países estrangeiros.

Figura 5: Mapa da Comunidade de Estados Independentes



Fonte: Perry Castañeda Library Map Collection

Seria esperado que a Rússia, como “Estado-líder”, tentasse impedir as forças centrífugas que atuavam na Eurásia, mantendo os laços políticos e econômicos com os países da região. Contudo, segundo Kononczuk (2013, p. 32), a liderança política russa estava mais preocupada, no plano interno, com as reformas econômicas liberais e, no plano externo, nas relações com o Ocidente:

⁷ Composta inicialmente por Rússia, Bielorrússia, Cazaquistão, Geórgia, Azerbaijão, Armênia, Quirguistão, Tadjiquistão e Uzbequistão. Geórgia, Uzbequistão e Azerbaijão deixaram a organização posteriormente.

For this reason, in the first years of the CIS, Russia not only refrained from trying to stop the decentralization processes in the Commonwealth, but also assumed that it was a useful thing for CIS members to develop relations with third countries, as this helped to reduce the burden on the Russian Federation's budget (which at that time was expending considerable amounts of funds on subsidizing the CIS countries), and also allowed Russia to focus on solving its internal problems (KONONCZUK, 2013, p. 32).

Esta visão levou finalmente, em 1993, ao fim da unidade monetária da região, causada pela adoção por parte da Rússia de uma nova moeda, o rublo russo. No processo de reforma, decidiu-se que apenas cidadãos e empresas russos poderiam trocar os antigos rublos soviéticos pelos novos rublos, fazendo com que cada país adotasse sua própria moeda. Também em 1993 foi dissolvido o Comando Conjunto das Forças Armadas da CEI. Segundo Adam (2013, p.54), essas tendências paulatinamente diminuíram a importância do bloco:

Assim, a ausência de incentivo do principal país da organização, os eventuais temores e desconfianças dos demais países em relação a Moscou, e os objetivos distintos entre os membros da organização acabaram por esvaziar aos poucos a CEI enquanto instituição que poderia servir para a reconstrução de uma unidade no centro da Eurásia.

A partir de meados dos anos 90, sobretudo a partir de Yevgeny Primakov assumir o Ministério de Relações Exteriores em 1996, a Rússia muda sua política para o seu “exterior próximo”. Percebendo as travas do processo anterior, houve uma crescente tendência para o bilateralismo e o uso de estruturas com menos países, que, a partir do seu sucesso, iriam atrair os demais. Dessa forma é proposta a ideia, em 1995, de uma União Aduaneira composta por Rússia e Bielorrússia, contando com as entradas posteriores de Cazaquistão (1995), Quirguistão (1996) e Tadjiquistão (1999).

No entanto, segundo Adam (2013, p. 52) também pouco foi feito para o avanço dessa organização. A adoção das medidas visando uma área de livre-comércio e uma união aduaneira foram interrompidas, por exemplo, pela maneira com que os governos utilizaram unilateralmente a política comercial para mitigar os efeitos da crise russa de 1998 e pela entrada do Quirguistão na Organização Mundial do Comércio em 1998 (KONONCZUK, 2013, p. 35).

Segundo Ultanbaev (2003), era necessária, portanto, uma estrutura supranacional para supervisionar o processo:

In the course of this work it turned out, however, that it was first necessary to create a mechanism for coordinating trade policies, especially in the sphere of tariff and nontariff regulation. Attempts to use tariffs for improving crisis management in the economy objectively induced the partners to adopt unilateral and uncoordinated measures. The situation was compounded by the ineffective mechanism for implementing international treaties and agreements. Moreover, the basic documents adopted within the framework of the Customs Union were of a relatively general character (ULTANBAEV, 2003).

2.2.2 Integração eurasiática nos anos 2000

Criou-se então, em 1999 a Comunidade Econômica Eurasiática (EurAsEc), visando a realização plena de uma União Aduaneira e de um Espaço Econômico Comum, bem como atuar nas áreas de regulação não-tarifária e constituir um sistema de compensação de pagamentos (ULTANBAEV, 2003). Na estrutura decisória da Comunidade, a Rússia possuía 40% dos votos, Cazaquistão e Bielorrússia possuíam 20%, com Tadjiquistão e Quirguistão com 10% cada.

Figura 6: Mapa da Comunidade Econômica Eurasiática



Fonte: EFSD

A Comunidade Econômica Eurasiática avançou, sobretudo, na integração financeira. Em 2006 foi criado o Banco Eurasiático de Desenvolvimento, com sede em Almaty, Cazaquistão. Em 2009 foi criado o Fundo Eurasiático para Estabilização e Desenvolvimento, também conhecido como “Fundo Anti-Crise”. Analisaremos o uso destes dois mecanismos adiante.

Apesar do relativo esvaziamento da organização, a integração econômica no âmbito da CEI finalmente avança, com a assinatura de um Tratado de Livre-Comércio da CEI (CISFTA, em inglês) em 2011, com a participação de Rússia, Bielorrússia, Ucrânia, Moldávia, Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão e Uzbequistão. O acordo, que entrou em vigor em 2012, prevê a eliminação de barreiras alfandegárias, de cotas de importação e de taxas de exportação e substitui os acordos de livre-comércio bilaterais anteriormente em vigor (SPUTNIK, 2011b; EURASIAN DEVELOPMENT BANK, 2013, p. 274).

Em 2007 os Presidentes da Rússia, Cazaquistão e Bielorrússia assinaram a criação de uma União Aduaneira, que entrou em vigor em 2010. Segundo Chufrin (2012, p. 5), os Estados procederam na criação de uma tarifa externa comum, no estabelecimento de regulação não-tarifária, compensatória e antidumping. Além disso, em 2011, foram abolidos todos os controles alfandegários internos:

As part of this process of creating a Customs Union, the founding member-states adopted unified rules and procedures regulating their mutual trade, established a single customs tariff (SCT) and a unified customs area. They also founded a CU Commission as a special body with supra-national powers to manage the Customs Union's activities. The CU member- states also agreed to establish unified non-tariff protection measures, as well as anti-dumping legislation and compensatory tariffs, in their trade with other countries. In addition, in July 2011 the CU member-states took a significant step forward in their economic cooperation, by abolishing customs controls on their common borders (CHUFRIN, 2012, p. 5).

Com o pleno funcionamento da União Aduaneira, em novembro de 2011 os presidentes dos três países acordaram a formação do Espaço Econômico Comum, onde há livre movimentação de mercadorias, capitais e trabalhadores. O Espaço Econômico Comum entrou em vigor no primeiro dia de 2012. A partir de então, avançou-se na formação de um arcabouço institucional para a

coordenação de políticas agrícolas, industriais, energéticas e macroeconômicas. Também em 2012 é criada a Comissão Econômica Eurasiática, órgão executivo supranacional encarregado de garantir o funcionamento e desenvolvimento da integração regional (EURASIAN ECONOMIC COMMISSION, 2015, p. 7).

Em 2012 e 2013 são feitos os preparativos para que Quirguistão e Armênia, respectivamente, juntem-se ao grupo. Em maio de 2014, finalmente, os presidentes da Rússia, Bielorrússia e Cazaquistão firmaram o “Tratado sobre a criação da União Econômica Eurasiática”, prevendo o lançamento da União Eurasiática para o ano seguinte.

2.3 A União Eurasiática

No primeiro dia de 2015 nasce oficialmente a União Econômica Eurasiática, composta por Rússia, Bielorrússia, Cazaquistão e Armênia. Em agosto do mesmo ano o Quirguistão entra como membro pleno. O Tadjiquistão, outro integrante da Comunidade Econômica Eurasiática, é um membro em potencial, mas ainda não decidiu se irá ingressar no bloco (THE CENTRAL ASIA & CAUCASUS ANALYST, 2015).

2.3.1 Assimetrias entre os Membros

A União Eurasiática compreende uma área de mais de 20 milhões de km² (15% da massa terrestre), mais de 179,1 milhões de habitantes (2,5% da população mundial) e um PIB conjunto em 2014 de US\$ 2,167 trilhões (3,2% do PIB mundial). O bloco é o maior produtor de petróleo (14,6% do total mundial), o segundo maior de gás natural (18,4%) e o quarto maior de energia elétrica (5,1%).

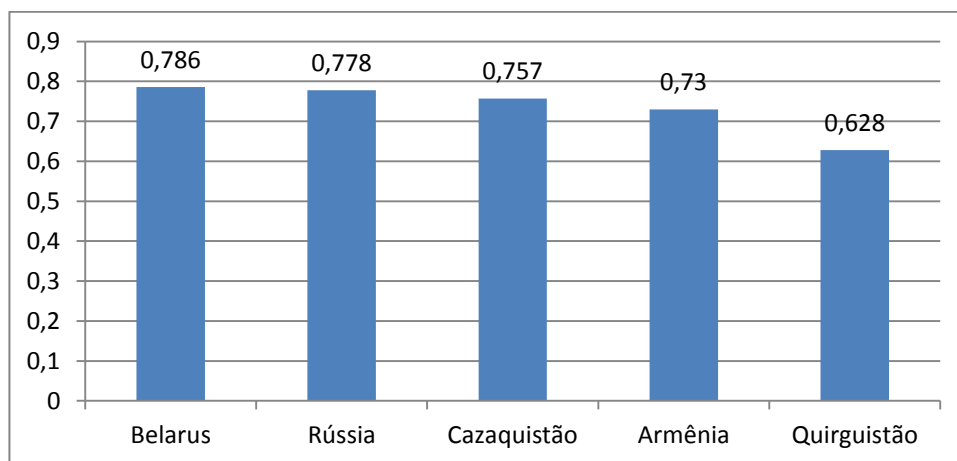
A Rússia é, por todos os parâmetros, o maior país do bloco, correspondendo a 86% do PIB, 80% da população e 85% da área total. Cazaquistão e Bielorrússia podem ser agrupados como países médios, enquanto Armênia e Quirguistão são os menores.

Tabela 3: Peso de cada país no total da União Eurasiática (2014)

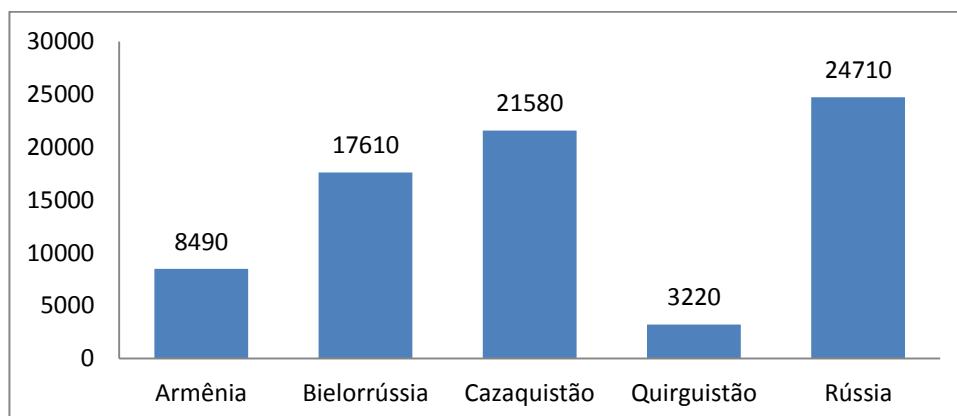
PAÍS	PIB (milhões US\$)	% do PIB	Área (km²)	% Área	População (milhões)	% População
Rússia	1.860.598	85,85%	16.376.870	83,99%	143,82	80,16%
Cazaquistão	212.248	9,79%	2.699.700	13,84%	17,29	9,64%
Bielorrússia	76.139	3,51%	202.910	1,04%	9,47	5,28%
Armênia	10.882	0,50%	28.470	0,15%	3,01	1,68%
Quirguistão	7.404	0,34%	191.800	0,98%	5,83	3,25%
TOTAL	2.167.271	100,00%	19.499.750	100,00%	179,42	100,00%

Fonte: World Bank Data (2015)

Do ponto de vista do Desenvolvimento Humano, os países estão todos na categoria “Alto”, com exceção do Quirguistão, que está na categoria “Médio”. Armênia e Quirguistão também possuem as menores rendas per capita do bloco, conforme os gráficos abaixo:

Figura 7: Índice de Desenvolvimento Humano (2013)

Fonte: UNDP (2015)

Figura 8: Renda per capita (por US\$ PPC, 2014)

Fonte: World Bank Data

2.3.2 Estrutura e Funcionamento

A União Econômica Eurasiática é estabelecida a partir do “Tratado sobre a criação da União Econômica Eurasiática”. Em seu Artigo 4, são expressados como objetivos da União a criação de condições para o desenvolvimento econômico e a melhora nas condições de vida dos cidadãos do bloco; a conformação de um mercado comum de bens, serviços, capital e trabalho; e auxílio à modernização, cooperação e competitividade das economias dos países-membros.

Ressalta-se o caráter puramente econômico da União. Não há, no seu tratado ou na sua estrutura atual, qualquer menção a áreas como educação, saúde, políticas sociais, segurança e política externa. Também não há um “Parlamento Eurasiático”. De acordo com Weitz (2014, p. 34), isso se deve ao medo que Bielorrússia e Cazaquistão possuem de perder parte de sua soberania política para uma organização supranacional com a presença russa.

No âmbito executivo, o órgão máximo do bloco é o Conselho Supremo Econômico Eurasiático, composto pelos chefes de Estado dos países membros, que devem reunir-se ao menos uma vez por ano. Cabe a este Conselho, segundo o Artigo 12 do Tratado, “determinar a estratégia, direção e possibilidades para a formação e desenvolvimento da União e fazer decisões que buscam implementar os objetivos da União”, bem como apontar e aprovar os membros das comissões do bloco e seu orçamento, sendo estas decisões tomadas por consenso.

Abaixo deste está o Conselho Intergovernamental, composto pelos chefes de Governo dos países membros. Sua principal função é garantir o cumprimento do tratado, também decidindo em temas nos quais a Comissão Econômica não alcançou consenso.

O órgão judicial supremo do bloco é a Corte da União Eurasiática, com sede em Minsk, capital da Bielorrússia. A Corte deve examinar disputas entre os países-membros ou entre atores privados dos países. Os vereditos devem obrigatoriamente ser seguidos por todas as partes (CHUFRIN, 2012, p. 6).

A Comissão Econômica Eurasiática, descrita anteriormente, é o órgão executivo supranacional responsável pela gestão da União. Ela é dividida em 23 departamentos, que cuidam dos temas práticos relativos à coordenação de

políticas, como política comercial, industrial, macroeconômica, entre outras⁸. O *staff* da Comissão é dividido proporcionalmente em relação à população de cada membro e as decisões tomadas no âmbito da Comissão são de implantação obrigatória pelos países-membros.

2.3.3 Comércio

Está em vigor a Tarifa Externa Comum, abrangente a todos os tipos de produtos, bem como uma lista de produtos que não podem ser exportados ou importados pelos países-membros. Pelo Artigo 36 do Tratado, a Tarifa Externa Comum será 25% menor para países em desenvolvimento.

A TEC adotada foi resultado de negociação entre os membros. De acordo com Mkrtchyan e Guntzmann (2013), a maior parte das tarifas que protegiam setores importantes para um dos países foram adotadas na totalidade do bloco, aprofundando uma espécie de “protecionismo comum” em vez de liberalizar o comércio com países terceiros.

De acordo com o mesmo estudo, apesar de seu maior peso econômico, as tarifas russas não se impuseram na legislação comum, com apenas 54% a 63% da TEC sendo determinada pelas tarifas russas em 2009. Essa influência é provavelmente menor, na medida em que 40% das tarifas de cada país já estavam harmonizadas antes da adoção da TEC.

A média da TEC, segundo o Banco de Desenvolvimento Eurasiático (2013), é de 7,6%. Rússia e Bielorrússia tiveram que reduzir suas tarifas, enquanto Cazaquistão, Armênia e Quirguistão precisaram aumentá-las.

Questões relativas a tarifas antidumping e compensatórias, tanto adotadas pelos membros como por países terceiros também são monitoradas e

⁸ Os departamentos são: Suporte Organizacional e Protocolo; Finanças; Legal; Tecnologia da Informação; Administrativo; Desenvolvimento da Integração; Política Macroeconômica; Estatísticas; Setor Financeiro; Desenvolvimento de Negócios; Política Industrial; Rural e de Agricultura; Regulação Alfandegária Tarifária e Não-Tarifária; Defesa do Mercado Interno; Política Comercial; Regulação Técnica e Acreditação; Medidas Sanitárias, Fitossanitárias e Veterinárias; Regulação Alfandegária e Aplicação da Lei; Infraestrutura Alfandegária; Transporte e Infraestrutura; Energia; Regulação Antimonopólio; e Política de Competição e Compras Públicas.

atualizadas. A União pode, segundo o Artigo 49, aplicar medidas protecionistas com o objetivo de defender a produção interna e seu desenvolvimento.

O bloco também pode negociar Tratados de Livre-Comércio (TLC) com países terceiros. Como todos os países são membros do CISFTA, produtos da Ucrânia, Moldávia, Tadjiquistão e Uzbequistão são isentos de taxas. Em 2015, foram assinados tratados desse tipo com Egito e Vietnã. Israel, Índia e Irã já demonstraram o mesmo interesse (RT, 2015a; RT, 2015b; RT, 2015c; PRESSTV, 2015; VIETNAM BRIEFING, 2015).

A política comercial do bloco é, portanto, resultado da negociação e acomodação de interesses distintos entre os países, não se caracterizando uma imposição da vontade russa sobre as demais economias. A adoção da TEC preservou os interesses de cada país e o bloco tem a autonomia para adotar medidas que corrijam desequilíbrios existentes nessa área.

2.3.4 Macroeconomia

O Artigo 61 do Tratado fundador do bloco propõe normas fixas que devem ser seguidas por todos os Estados, de forma a impedir que decisões macroeconômicas unilaterais de um Estado tenham efeitos negativos nos demais. Estas regras envolvem controle rígido do déficit público (não pode ser maior que 3% do PIB); inflação (não pode exceder em mais de 5% em relação ao Estado-membro com menor inflação); e dívida do setor público (não pode ser maior que 50% do PIB). Apesar do tratado ter entrado em vigor apenas em 2015, a análise dos indicadores em 2014, na tabela a seguir, pode caracterizar a situação atual.

Tabela 4: Indicadores Macroeconômicos dos países da União Eurasiática (2014)

Indicador	ARM	BLR	CAZ	QUI	RUS
INFLAÇÃO (%)	1,9	11,9	9,4	6,4	15,6
Inflação - Menor Inflação do Bloco (%)	0	10	7,5	4,5	13,7
DÍVIDA PÚBLICA (% DO PIB)	41,23	36,71	14,86	46,7	17,92
RESULTADO NOMINAL (% DO PIB)	-1,8	1	-1,2	-0,5	-0,5

FONTE: Trading Economics (2015)

As metas de dívida pública são atualmente cumpridas por todos os membros, mas os países menores (Armênia e Quirguistão) estão mais próximos do limite imposto. Os três países maiores enfrentam problemas com a inflação, significativamente acima da inflação armênia, a menor do bloco⁹.

A política monetária deve ser conduzida de modo a aumentar a confiança e o uso das moedas locais no comércio intra-bloco, com as taxas de câmbio sendo coordenadas entre os respectivos Bancos Centrais. O Anexo 15 do Tratado prevê que os Estados podem implementar controles excepcionais na sua política monetária, caso ocorra deterioração no Balanço de Pagamentos ou quando haja alta volatilidade na taxa de câmbio.

A existência de mecanismos de coordenação macroeconômica e monetária reitera o caráter da União Eurasiática como união econômica. Essa coordenação se reflete em metas rígidas de controle de déficit, dívida e inflação. Apesar de isso denotar o comprometimento com a estabilidade macroeconômica comum e com uma política cambial que não prejudique os demais, a capacidade dos Estados em promover políticas anticíclicas e de promoção do crescimento econômico é severamente restringida.

2.3.5 Marcos Regulatórios

Os procedimentos técnicos de regulação deverão ser unificados, não havendo restrições dessa ordem no comércio entre os países. A regulamentação dos mercados, de modo a garantir a livre-concorrência e impedir o abuso de poder econômico também deve seguir princípios comuns, bem como a legislação sobre propriedade intelectual e patentes (Artigo 89 e Anexo 29 do Tratado).

2.3.6 Política Agrícola e Industrial

As políticas agrícola e industrial continuam como responsabilidade de cada Estado, porém tendo que ser informada para os demais membros do bloco com antecedência. Na política agrícola, os Estados são proibidos de

⁹ A Comissão Econômica Eurasiática já notificou a Rússia para que reduza sua inflação.

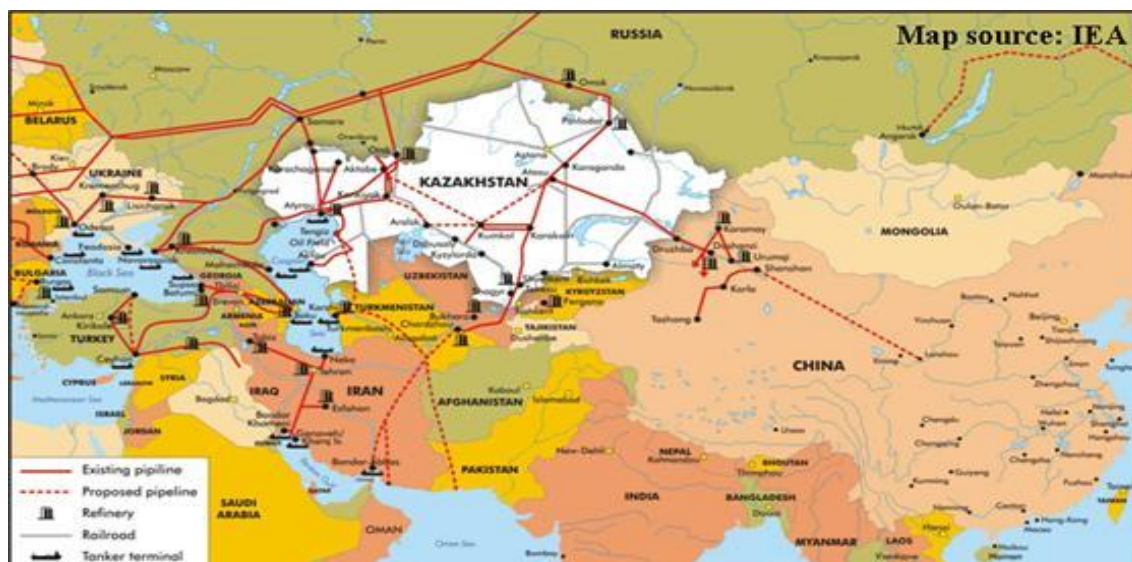
aplicar subsídios que distorçam os preços de seus produtos, prejudicando a produção dos demais Estados (Anexo 29 do Tratado).

2.3.7 Infraestrutura e Energia

Os Artigos 79 a 82 preveem cooperação na área de monopólios naturais e setor energético. É objetivo da União criar, gradualmente, um mercado comum de energia elétrica, gás e petróleo.

Quase todas as reservas de petróleo e gás do bloco encontram-se na Rússia e no Cazaquistão. A Rússia possui grandes empresas estatais do ramo, como a Gazprom e Rosneft, além de outras grandes empresas de capital privado, como a Lukoil e a Surgutneftegaz. O sistema de oleodutos e gasodutos também é estatal (Transneft e Gazprom, respectivamente), bem como parte da geração e distribuição de energia elétrica, com o conglomerado InterRAO. O Cazaquistão também possui uma grande empresa estatal, a KazMunayGas. O mapa a seguir mostra a conexão de gasodutos e oleodutos que atravessam a Eurásia.

Figura 9: Gasodutos e Óleodutos na Eurásia



Fonte: IEA (2015)

Na área de transportes, o foco é na construção de ferrovias e rodovias que interliguem o território e na manutenção do legado soviético neste quesito. Especial atenção possui o projeto “Eurasian Land Bridge”, que visa melhorar as

conexões entre o Extremo Oriente Russo e a China com a Europa Ocidental, passando pela Sibéria e Ásia Central. Segundo dados da Comissão Econômica Eurasiática, 7,8% das ferrovias (cerca de 107.000 km) e 1,8% (1,6 milhões de km) das rodovias mundiais estão no bloco. Pelo passado soviético comum, a bitola das ferrovias é a mesma em todos os países (1520 mm), facilitando as interconexões.

Figura 10: Malha Ferroviária da Eurásia



Fonte: UNITED NATIONS (2015)

2.4 Mecanismos Financeiros de Cooperação

Um aspecto correlato com a crescente multipolaridade do Sistema Internacional é o surgimento de mecanismos financeiros de cooperação alternativos. Isso ocorre na medida em que as estruturas decisórias dos velhos mecanismos herdados de Bretton Woods, como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional, já não refletem a importância de economias emergentes como China, Rússia e Brasil (G1, 2015). Outro fator a ser levado em consideração é a condicionalidade dos empréstimos das instituições citadas à adoção de um pacote de reformas liberais, cuja aplicação nem sempre é simples ou desejável para o país (OCAMPO, 2006).

O crescimento da economia mundial e dos países da semiperiferia do sistema neste século também aumentou a margem de manobra financeira dos mesmos, levando a um acúmulo de reservas internacionais por estas economias. Assim, a necessidade de reforma dos organismos já consolidados e uma melhor condição externa dos países que demandam essa reforma levaram a criação de novas instituições financeiras, como o Novo Banco de Desenvolvimento, o Arranjo Contingente de Reservas dos BRICS e o Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura.

Essas instituições podem ser divididas em dois tipos: de longo prazo e de curto prazo. As de longo prazo visam o empréstimo, com juros menores aos de mercado, para projetos de longa maturação, como a infraestrutura, que promovam o desenvolvimento econômico. Já as de curto prazo emprestam para a resolução de crises de curto prazo no Balanço de Pagamentos, como eventos de “parada súbita” (CULPEPER, 2006, p. 68). A seguir, veremos os dois mecanismos desse tipo criados na Eurásia: o Banco de Desenvolvimento Eurasiático e o Fundo Eurasiático de Estabilização e Desenvolvimento.

2.4.1 Banco de Desenvolvimento Eurasiático

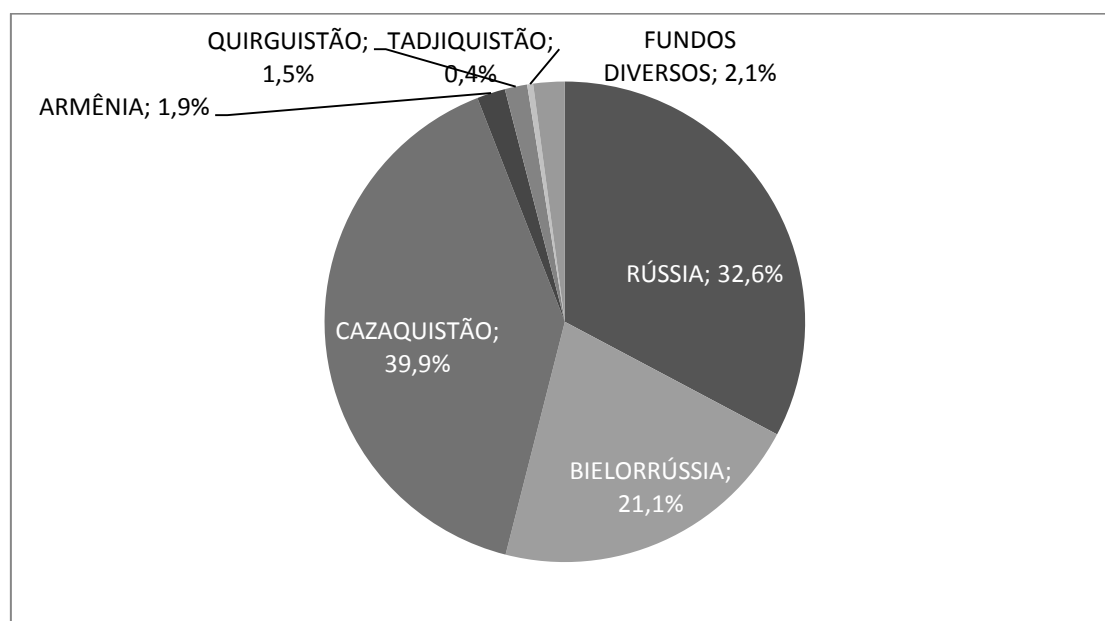
O Banco de Desenvolvimento Eurasiático (EDB, em inglês) surgiu em 2006, por iniciativa de Rússia e Cazaquistão, posteriormente acompanhados por Quirguistão, Tadjiquistão e Bielorrússia. A principal função do banco é investir em atividades que contribuam ao desenvolvimento socioeconômico dos Estados membros, sobretudo nas áreas de energia, transporte, infraestrutura e serviços básicos.

O Banco financia prioritariamente projetos que contribuam com a integração regional, seja através da geração de comércio entre os Estados, criação e fortalecimento de joint-ventures e grupos transnacionais e que tenham investimentos de outros membros na sua estrutura de financiamento (EURASIAN DEVELOPMENT BANK, 2015).

O capital atual do banco é de US\$ 7 bilhões. Sua composição acionária é de 65,97% para a Rússia; 32,99% para o Cazaquistão; 0,99% para Bielorrússia; 0,03% para o Tadjiquistão e 0,01% para Armênia e Quirguistão.

O montante aplicado em investimentos, no segundo trimestre de 2015, é de US\$ 4,98 bilhões. Destes, Cazaquistão (39,9%), Rússia (32,6%) e Bielorrússia (21,1%) recebem o maior parte dos recursos, com porcentagens menores para Armênia (1,9%), Quirguistão (1,5%) e Tadjiquistão (0,4%), com 2,1% dos recursos indo para outras formas de investimento, sobretudo na forma de contribuições para outros fundos de desenvolvimento (EURASIAN DEVELOPMENT BANK, 2015).

Figura 11: Distribuição por país dos recursos do EDB



Fonte: EDB Facts and Figures

Também são poucos os projetos nos últimos três países. Armênia e Quirguistão possuem dois projetos, enquanto o Tadjiquistão possui somente um. Apesar do tamanho menor destas economias, a concentração de recursos e projetos nos países mais desenvolvidos no bloco é visível. A tabela a seguir mostra a lista de projetos já completos e em implementação que tiveram participação do Banco:

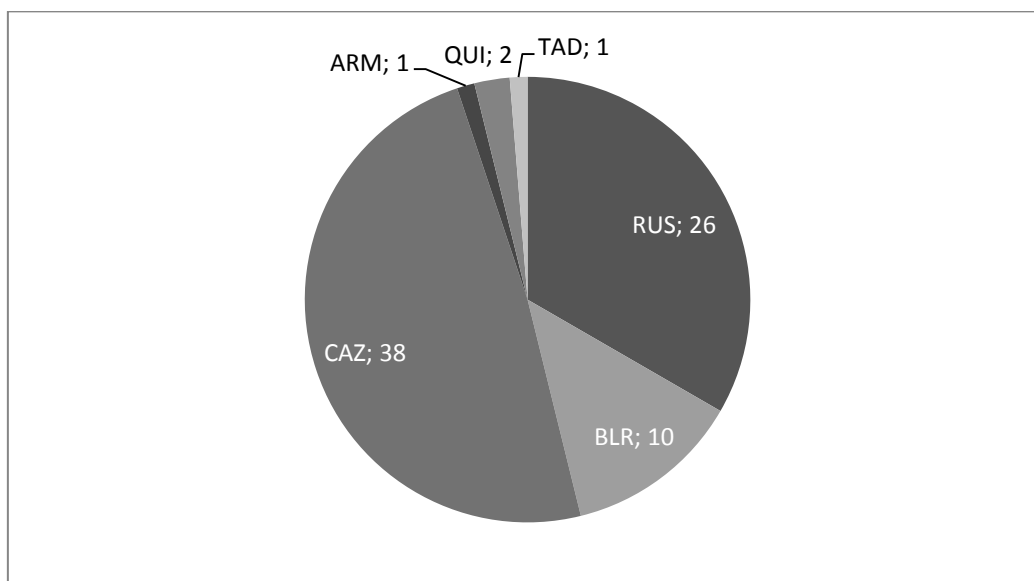
Tabela 5: Lista de Projetos Financiados pelo EDB

PAÍS	PROJETO
	COMPLETOS
ARM	Financing The Purchase And Transportation Of Wheat To Armenia;

CAZ	Construction Of A Mining And Processing Plant At The Voskhod Chromite Deposit In Kazakhstan;
	Development Of The Zarechnoye Uranium Deposit In Kazakhstan;
	Pre-Export Financing Of Grain Production And Funding Development Of Kazakhstan's Largest Agricultural Holdings;
	Purchase Of Agricultural Equipment For Kazakhstan's Grain Producers;
	Utilisation And Processing Of Associated Petroleum Gas At The Kenlyk Field In Kazakhstan;
	Construction Of The North Kazakhstan-Aktobe Region Interregional Power Transmission Line;
	Construction Of An Electric Locomotive Plant In Kazakhstan;
	Construction Of An Inter-Regional Power Transmission Line And Supporting Utilisation Of The North Kazakhstan-Aktyubinsk Region Power Line;
	Overhaul Of Facilities At Ekibastuz Power Plant 2 In Kazakhstan; And
QUI	Purchase Of Russian Equipment To Kyrgyzstan
RUS	Construction Of The Tikhvin Freight Railcar Plant In Russia;
	Purchase Of Belaz Dump Trucks For The Modernisation Of Coal Mining At The Siberian Coal Energy Company (SUEK) In Russia;
	Construction Of An MDF Plant In Tomsk Oblast;
	Production Of The Sukhoi Superjet 100, A New Passenger Plane, In Russia;
TAD	Construction Of A Spinning Mill In Tajikistan;
EM IMPLANTAÇÃO	
BLR	Financing The Project To Upgrade Transformer Production At The Minsk Electrotechnical Plant Named After Vasily Kozlov;
	Financing The Purchase Of Materials And Parts For The Manufacture Of Dump Trucks And Other Heavy-Duty Vehicles By BELAZ; And
	Construction Of The Polotsk Hydropower Plant In Belarus;
	Construction Of The Osipovichi Railcar Plant In Belarus;
	Construction And Commissioning Of A Small Section Wire Mill At The Belarusian Steel Works;
BLR/CAZ	Financing Projects To Construct Hotel And Business Centres In Minsk And Astana;
CAZ	Construction Of A 45 MW Wind Power Plant In The Town Of Yereimentau, Kazakhstan;
	Financing The Purchase Of Assembly Kits To Build Lada 4x4 Passenger Cars At The Asia Auto Plant In Ust-Kamenogorsk;
	Financing The Project To Create An Automated Control System For Fuel And Power Consumption By Locomotives In Kazakhstan;
	Development Of Karatau's Uranium Ore Extraction And Primary Treatment Facility In South Kazakhstan Region;
	Construction Of A Third Generating Unit And Overhaul Of Facilities At Ekibastuz Power Plant 2 In Kazakhstan;
	Modernisation Of Altynalmas' Gold Mining And Processing Facilities In Kazakhstan;
	Financing The Purchase Of Agricultural Machinery And Equipment From EDB Member States For Leasing To Kazakhstan's Agricultural Producers;
	Construction Of An Electric Locomotive Plant In Kazakhstan;

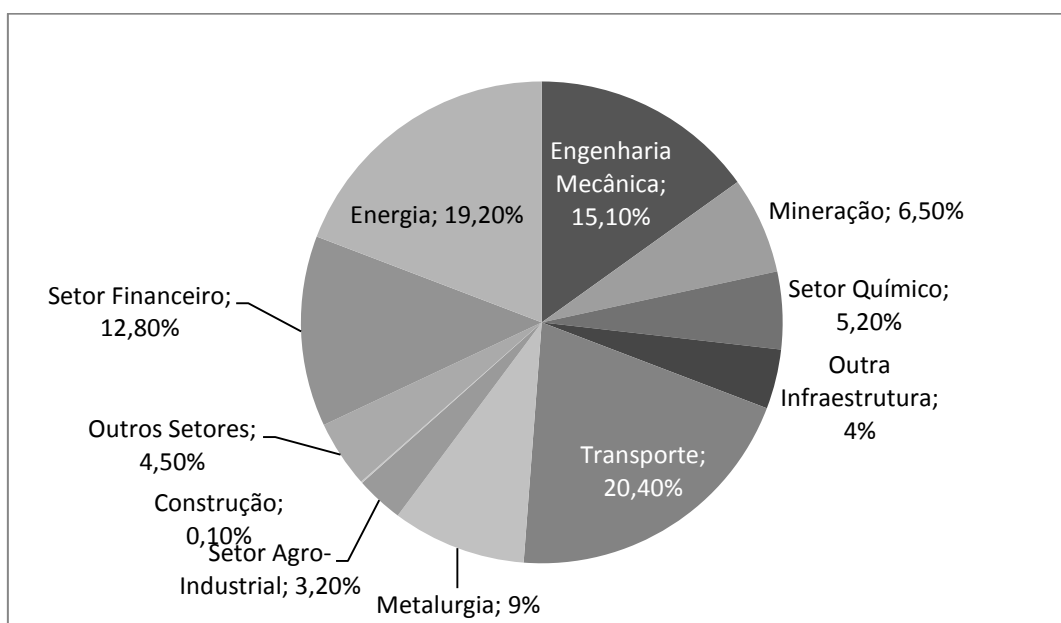
	Provision Of A Loan Guarantee To Deere Credit Inc. Allowing It To Purchase Agricultural Equipment For Leasing To Kazakhstan's Agricultural Producers;
	Construction Of Kazakhstan's New Railcar Repair Plant – The Yeskene Railcar Service Centre;
	Pre-Export Financing Of Uranium Exports From The Zarechnoye Deposit In South Kazakhstan Region;
	Reconstruction Of The Kazatomprom Sulphuric Acid Plant In Kazakhstan;
	Development Of Karatau's Uranium Ore Extraction And Primary Treatment Facility In South Kazakhstan Region;
QUI	Purchase Of Fuel For The Bishkek CHP Plant In Kyrgyzstan During The Heating Season;
RUS	Financing The Replacement Of Obsolete Port Equipment At The Magadan Sea Port;
	Financing The Construction And Upgrade Of Antenna Structures Shared By Satellite Operators (Russian Towers).
	Reconstruction And Development Of Pulkovo Airport In St. Petersburg;
	Construction Of A New Unit At The Abakan Combined Heat And Power (CHP) Plant In Khakassia, Russia;
	Co-Financing The Construction Of The Western High-Speed Diameter Toll Road In St. Petersburg;
	Financing RAIL 1520's Project To Develop The Freight Transportation Market;
	Financing Bogatyr Komir's Large-Scale Investment In A Technical Upgrade;
	Co-Financing Acron Group's Development Of A Potassium/Magnesium Salt Deposit In Perm Krai By Acquiring An Interest In The Developer;
	Construction Of The Apatity–Kirovsk Heat Pipeline In Murmansk Region;
	Improving Transport Infrastructure As Part Of Developing The Elga Coal Deposit In The Sakha (Yakutia) Republic;
RUS/CAZ	Development Of Marine Freight Transport In The Northern Caspian Region;
	Financing The Development Of Polymetal's Mining Projects And Associated Infrastructure;

Fonte: Eurasian Development Bank (2015)

Figura 12: Distribuição dos Projetos do EDB por País

Eurasian Development Bank (2015)

Os recursos estão concentrados, sobretudo, nos setores de infraestrutura, indústria e mineração. Empréstimos para que bancos públicos e privados dos países-membros financiem a setores selecionados, como infraestrutura e pequenas-médias empresas somam 12,8% dos recursos.

Figura 13: Destino dos Recursos do EDB por Setor

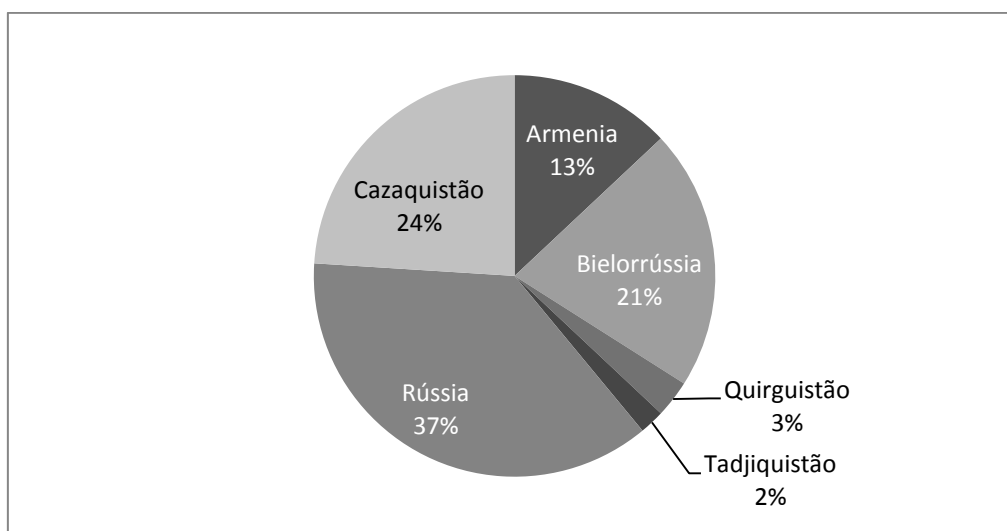
Fonte: Eurasian Development Bank (2015)

2.4.2 Fundo Eurasiático para a Estabilização e Desenvolvimento

O “Fundo Anti-Crise” (EFSD, em inglês) foi criado em 2009, com o objetivo de contribuir financeiramente com os países da região diante da ocorrência de crises, bem como ajudar a financiar projetos de investimentos de longo prazo e que contribuam para a integração regional. As taxas de juros e condições de pagamento variam de acordo com a renda per capita do país tomador.

O fundo é administrado pelo Banco Eurasiático de Desenvolvimento e possui um capital de US\$ 8,513 bilhões. Cada país contribuiu segundo a proporção abaixo:

Figura 14: Contribuição ao EFSD por país



Fonte: Eurasian Fund for Stabilization and Development

Até o momento, apenas Tadjiquistão e Bielorrússia utilizaram os recursos do fundo. No primeiro caso, em 2010 foi concedido um empréstimo de US\$ 70 milhões. No segundo caso, em 2011, outro de US\$ 3 bilhões. A Armênia receberá, a partir de dezembro de 2015, US\$ 300 milhões (ARMBANKS, 2015).

Tabela 6: Empréstimos do EFSD

País	Ano	Valor (milhões)	Juros (% a.a)	Prazo
TADJQUISTÃO	2010	70	1%	20 anos
BIELORRÚSSIA	2011	3000	Flutuante	10 anos
ARMÊNIA	2015	300	2%	20 anos

Fonte: Eurasian Fund for Stabilization and Development

Armênia e Quirguistão receberam recursos para a implantação de projetos de infraestrutura no montante de US\$ 190 milhões e US\$ 260 milhões, respectivamente. Dentre as obras financiadas destaca-se o chamado “Corredor Norte-Sul”, rodovia que, atravessando a Armênia, ligará o Irã à Rússia.

Tabela 7: Projetos Financiados pelo EFSD

País	Ano	Valor (milhões)	Projeto
Armênia	2014	150	Construção da rodovia "Corredor Norte-Sul"
Armênia	2013	40	Modernização do sistema de irrigação
Quirguistão	2014	60	Reforma da rodovia Bishkek-Osh
Quirguistão	2013	20	Compra de implementos agrícolas
Quirguistão	2014	75	Modernização da Hidrelétrica Toktogul

Fonte: Eurasian Fund for Stabilization and Development (2015)

A princípio, portanto, o uso dos recursos pertencentes ao Fundo de Estabilização favorece mais os países menores, em comparação aos recursos do Banco de Desenvolvimento. Seus financiamentos são relativamente modestos para a Rússia, mas são consideráveis para os demais. Dessa forma, ao contribuir para o Fundo, a maior economia indiretamente auxilia esses países e estimula a desconstrução das assimetrias.

No entanto, em ambos os mecanismos a Rússia contribui pouco, aparentemente, em relação ao tamanho de sua economia. O valor investido pela Rússia nos mecanismos é de 2% do total de suas reservas internacionais atuais e 0,4% do PIB. Além disso, o próprio montante dos recursos é pequeno em relação a outros Bancos de Desenvolvimento Multilaterais que atuam na região, como o Banco Europeu para Reconstrução e Desenvolvimento (EBRD) e o Banco Asiático de Desenvolvimento (BAD).

Isso se deve, em parte, ao foco nas relações bilaterais da política externa russa para a integração. Ao lidar com os vizinhos, a Rússia prefere utilizar a energia a preços subsidiados e financiamentos através de seus

próprios bancos como forma de promover a integração regional. Veremos em detalhe os resultados dessa estratégia no Capítulo 3.

2.5 Súmula do Capítulo 2

Após a queda da União Soviética, a Rússia encontrou-se fragilizada. No plano econômico, o processo de liberalização foi marcado pela concentração da propriedade, alta inflação, desemprego e desindustrialização, além da ameaça de fragmentação territorial. No plano das relações internacionais, o principal objetivo era integrar-se às estruturas do Ocidente. Nessas condições, a integração eurasiática, na forma de Comunidade de Estados Independentes, pouco avançou. Isso se deve, sobretudo, à falta de condições políticas e econômicas para que a Rússia liderasse o processo no período.

A situação muda a partir dos 2000, com a chegada de Vladimir Putin à Presidência. Internamente, houve uma paulatina reconstrução do Estado russo e de seu papel na economia, principalmente pela intervenção no setor energético. A extraordinária elevação nos preços do petróleo melhorou a situação fiscal do Estado russo, aumentando a margem de manobra para a implantação de políticas de desenvolvimento. Externamente, a Rússia passou a adotar uma política externa independente, baseada na construção de um mundo multipolar, no pragmatismo, no uso dos recursos energéticos e no seu papel como país eurasiático.

A integração eurasiática avança a partir da criação da Comunidade Econômica Eurasiática em 2000, que leva à formação de uma União Aduaneira em 2010, um Espaço Econômico em 2012 e à União Eurasiática em 2015.

A União Eurasiática propõe a implantação gradual de uma União Econômica, através da livre-mobilidade de bens, serviços, capital e pessoas, de uma Tarifa Externa Comum, da coordenação das políticas econômicas, da harmonização de regulações técnicas e da melhora da infraestrutura que conecta os países.

Do ponto de vista da integração financeira, foram criados o Banco de Desenvolvimento Eurasiático e o Fundo Eurasiático para Estabilização e Desenvolvimento, em 2006 e 2009, respectivamente. Os recursos do EDB se

concentram nos países maiores, enquanto os recursos do EFSD tem como destino, usualmente, os menores. A Rússia, no entanto, contribui pouco para ambas instituições em relação a seu peso econômico.

3. ATUAÇÃO RUSSA NAS ECONOMIAS DA UNIÃO EURASIÁTICA

O presente capítulo tratará da importância e atuação russa no bloco. Primeiramente, iremos analisar os fluxos de comércio internos à União Eurasiática, onde a Rússia tem um papel destacado, bem como a pauta de exportação e importação russa e seus principais parceiros comerciais.

Posteriormente serão analisadas as relações russas com cada país do bloco. Num primeiro momento, será apresentada a composição do comércio exterior de cada um dos países. Feito isso, serão revisados os principais eixos de cooperação entre os membros, com foco nas áreas de financiamento, cooperação setorial e de infraestrutura e remessas de imigrantes para seus países de origem.

As tabelas relativas ao comércio envolvem os dados por setor no ano de 2014, apresentando o valor absoluto das exportações e importações, em milhões de dólares, bem como seu peso relativo nas importações e exportações do setor de cada país, além do saldo. O objetivo deste exercício é captar a importância das relações entre os países para cada setor da economia e verificar se essa relação é qualitativamente diferente do que o comércio desses países com o mundo. Utiliza-se a classificação padronizada do *Harmonized System* (HS), que agrupa produtos semelhantes em uma mesma seção. Em geral, quanto maior o código maior o grau de agregação de valor.

Feito isso, será vista a evolução do comércio bilateral da Rússia com cada membro entre 2005 a 2014. Nessas tabelas, serão apresentados os valores absolutos das exportações e importações nos anos citados, o saldo comercial (exportações menos importações), a corrente de comércio (exportações mais importações) e a assimetria comercial (exportações divididas pelas importações). Visa-se verificar como se desenvolveu o desempenho do comércio bilateral no período e o comportamento da assimetria comercial.

3.1 Fluxos de Comércio na União Eurasiática

Em 2014, o comércio intra-bloco ultrapassou US\$ 54,6 bilhões. Desse montante, 59% correspondem a exportações russas. A Rússia também é o único país que possui superávit comercial nas suas relações com o bloco, enquanto todos os outros possuem déficits.

Tabela 8: Exportações na União Eurasiática (milhões de US\$)

	RUS	BLR	CAZ	ARM	QUI
RUS	X	12.316,08	7.172,38	314,17	70,91
BLR	16.539,84	X	29,08	9,02	6,47
CAZ	13.860,03	875,46	X	6,87	351,28
ARM	534,84	27,24	0,41	X	0,10
QUI	1.737,66	88,82	704,21	0,31	X
TOTAL	32.672,37	13.307,61	7.906,07	330,38	428,75
SALDO	12.798,83	- 3.276,80	-7.187,57	- 232,21	-2.102,25

Fonte: COMTRADE (2015).

Em relação ao total de exportações de cada país, a Rússia destaca-se como um dos principais destinos para os produtos dos países vizinhos, sendo o maior consumidor das vendas bielorrussas e armênicas, o terceiro maior das exportações quirguizes e o quarto das cazaques.

Também são importantes, em termos relativos, as exportações bielorrussas para o Cazaquistão (formadas principalmente por Transporte, Máquinas pesadas e Alimentos) e as exportações quirguizes para o Cazaquistão (destacando-se alimentos, minérios e têxteis). No seu total, o bloco é o primeiro destino das exportações de Bielorrússia, Armênia e Quirguistão e o quarto de Rússia e Cazaquistão.

Tabela 9: Porcentagem das exportações totais e posição entre os parceiros comerciais

	RUS		BLR		CAZ		ARM		QUI	
	#	%	#	%	#	%	#	%	#	%
RUS	X	X	1°	34,13%	4°	9,17%	1°	21,08%	3°	5,61%
BLR	6°	3,32%	X	X	48°	0,04%	22°	0,60%	12°	0,60%
CAZ	8°	2,78%	9°	2,43%	X	X	23°	0,50%	2°	31,30%
ARM	53°	0,11%	49°	0,10%	103°	0,00%	X	X	54°	0
QUI	32°	0,35%	31°	0,20%	21°	0,90%	49°	0	X	X
TOTAL	4°	6,56%	1°	36,86%	4°	10,11%	1°	22,18%	1°	37,51%

Fonte: COMTRADE (2015).

Nas importações, novamente a Rússia aparece como o “nexo” entre as economias do bloco, ficando em primeiro lugar em todos os países, com exceção do Quirguistão, onde fica em segundo.

Tabela 10: Porcentagem das importações totais e posição entre os parceiros comerciais

	RUS		BLR		CAZ		ARM		QUI	
	#	%	#	%	#	%	#	%	#	%
RUS	X	X	1°	40,8%	1°	33,6%	1°	12,9%	2°	18,6%
BLR	5°	4,30%	X	X	12°	1,77%	26°	0,7%	10°	1,0%
CAZ	16°	2,50%	32°	0,20%	X	X	76°	0	3°	7,50%
ARM	63°	0,11%	52°	0%	62°	0,02%	X	X	61°	0
QUI	69°	0,02%	62°	0%	17°	0,85%	102°	0	X	X
TOTAL	3°	6,93%	1°	41,0%	1°	36,3%	1°	13,6%	2°	27,1%

Fonte: COMTRADE (2015)

Apesar de existirem outros eixos de comércio expressivos, como o Bielorrússia-Cazaquistão e Cazaquistão-Quirguistão, o comércio intra-bloco gravita em torno da Rússia. Um resultado natural, dado o tamanho da economia russa e sua maior diversificação. Posteriormente, veremos como se dá o comércio russo com cada um dos países do bloco.

3.2 Comércio Russo com o Resto do Mundo

A Rússia obteve, em 2014, um superávit comercial de US\$ 21,1 bilhões, o que corresponde a 27% do total da corrente de comércio. Entre seus principais parceiros comerciais, só possui déficits com China, Alemanha e Estados Unidos.

Tabela 11: Comércio Exterior da Rússia, por país (milhões de US\$, 2014)

País	EXP	% EXP	IMP	% IMP	CORR.	% CORR	SALDO
TOTAL	497.833,53	100,00%	286.648,78	1	784.482,31	100,00%	211.184,75
União Europeia	237.303,01	47,67%	137.497,45	47,97%	374.800,46	47,78%	99.805,56
China	37.414,60	7,52%	50.853,01	17,74%	88.267,61	11,25%	- 13.438,41
Holanda	66.683,27	13,39%	5.264,87	1,84%	71.948,15	9,17%	61.418,40
Não especificado	66.984,34	13,46%	948,07	0,33%	67.932,40	8,66%	66.036,27
Alemanha	24.950,27	5,01%	32.947,34	11,49%	57.897,60	7,38%	- 7.997,07
Itália	28.986,13	5,82%	12.676,96	4,42%	41.663,09	5,31%	16.309,17
Japão	19.830,78	3,98%	10.917,41	3,81%	30.748,19	3,92%	8.913,37
Bielorrússia	16.539,84	3,32%	12.316,24	4,30%	28.856,09	3,68%	4.223,60
EUA	9.553,49	1,92%	18.594,39	6,49%	28.147,88	3,59%	- 9.040,91
Coreia do Sul	18.081,83	3,63%	8.972,46	3,13%	27.054,29	3,45%	9.109,37
Polônia	15.760,46	3,17%	7.069,39	2,47%	22.829,85	2,91%	8.691,07
Ucrânia	11.346,06	2,28%	10.714,37	3,74%	22.060,43	2,81%	631,70
Turquia	14.755,15	2,96%	6.654,29	2,32%	21.409,44	2,73%	8.100,87
Cazaquistão	13.862,27	2,78%	7.172,38	2,50%	21.034,65	2,68%	6.689,90

Fonte: COMTRADE (2015)

Esse superávit russo é obtido, sobretudo, através da venda de petróleo, gás natural e derivados, que correspondem a 70% das exportações totais e são 22% maiores que o total das importações. Por setor, a Rússia é superavitária em áreas relacionadas a recursos naturais e deficitária em todos os outros, incluindo os de maior valor agregado.

Tabela 12: Comércio Exterior da Rússia, por setor (milhões de US\$, 2014)

HS	Produto	EXP	% EXP	IMP	% IMP	SALDO
25.27	Produtos e Óleos Minerais	350816,5	70,47%	7385,3	2,58%	343431,17
72.83	Metais básicos e seus artigos	40429,4	8,12%	19350,5	6,75%	21078,87
99	Não especificados	11647,0	2,34%	718,7	0,25%	10928,32
71	Pérolas, metais e pedras preciosas	11845,2	2,38%	1086,7	0,38%	10758,48
44.46	Madeiras	7764,7	1,56%	1416,3	0,49%	6348,41
15	Óleos vegetais e animais	2266,3	0,46%	1241,6	0,43%	1024,67
93	Armas e Munições	189,2	0,04%	88,8	0,03%	100,47
97	Arte, relíquias e coleção	5,3	0,00%	19,2	0,01%	-13,88
47.49	Papel e Celulose	3887,4	0,78%	4488,5	1,57%	-601,09
41.43	Couro e peles	416,1	0,08%	1282,2	0,45%	-866,08
68.70	Cerâmicas, vidros e outros	1290,9	0,26%	3704,5	1,29%	-2413,59
64.67	Calçados, Guarda-Chuvas e outros	236,2	0,05%	3949,7	1,38%	-3713,50
06.14	Produtos Vegetais	8138,4	1,63%	13316,4	4,65%	-5178,02
90.92	Equipamento ótico, médico e musical	1449,1	0,29%	8407,8	2,93%	-6958,68
94.96	Artigos manufaturados diversos	846,9	0,17%	8121,5	2,83%	-7274,61
16.24	Alimentos, bebidas e tabaco	5185,8	1,04%	13096,3	4,57%	-7910,58
01.05	Produtos Animais	3390,6	0,68%	12250,7	4,27%	-8860,06
39.40	Plásticos e Borracha	5699,7	1,14%	15145,8	5,28%	-9446,04
28.38	Químicos	21276,9	4,27%	31242,3	10,90%	-9965,44
50.63	Têxteis	854,2	0,17%	12371,9	4,32%	-11517,74
86.89	Transporte	6011,8	1,21%	42118,5	14,69%	-36106,60
84.85	Máquinas, materiais elétricos e eletrônicos	14186,0	2,85%	85845,7	29,95%	-71659,70
TOTAL		497833,5	100,00%	286648,8	100,00%	211184,75

Fonte: COMTRADE (2015)

O comércio russo com o exterior se baseia, portanto, na exportação de produtos primários advindos de recursos naturais e seus derivados (gasolina e aço, por exemplo) e na importação de alimentos e produtos industrializados. Apesar de nos últimos anos, pela situação da economia mundial, os termos de troca russos terem melhorado significativamente, evidencia-se o caráter periférico de sua economia.

3.3A Importância da Rússia para as Economias do Bloco

3.3.1 Bielorrússia

A Bielorrússia possui uma economia relativamente industrializada, sendo a que menos adotou as reformas liberalizantes da década de 90. A economia

ainda possui grande peso do Estado, que controla algumas importantes empresas¹⁰, incluindo a agricultura, que preservou muito do antigo sistema soviético.

Os principais produtos da pauta de exportação bielorrussa são derivados do petróleo, fertilizantes, veículos, derivados do leite e máquinas pesadas. As importações compreendem principalmente petróleo cru, gás natural, eletrônicos e metais.

O saldo comercial com o mundo é negativo em US\$ 4,4 bilhões. Os setores superavitários incluem os de Produtos animais, Químicos, Madeiras e Produtos e Óleos minerais. Dos setores deficitários, destacam-se o de Máquinas e materiais elétricos, Metais e Transporte. A tabela a seguir foi ordenada por valores decrescentes dos saldos comerciais setoriais.

Tabela 13: Comércio Exterior da Bielorrússia, por setor (milhões de US\$, 2014)

HS	Descrição	EXP	% EXP	IMP	% IMP	Saldo
01.05	Produtos Animais	3.377,00	9,4%	893,05	2,2%	2.483,95
28.38	Químicos	4.265,35	11,8%	3.177,93	7,8%	1.087,42
44.46	Madeiras	794,11	2,2%	218,79	0,5%	575,32
50.63	Têxteis	1.313,36	3,6%	1.091,40	2,7%	221,97
25.27	Produtos e Óleos Minerais	12.327,31	34,2%	12.146,90	30,0%	180,41
99	Não especificados	596,90	1,7%	465,46	1,1%	131,44
68.70	Cerâmicas, vidros e outros	661,92	1,8%	540,17	1,3%	121,75
94.96	Artigos manufaturados diversos	674,28	1,9%	586,19	1,4%	88,10
71	Pérolas, metais e pedras preciosas	-	0,0%	-	0,0%	-
93	Armas e Munições	-	0,0%	-	0,0%	-
97	Arte, relíquias e coleção	0,29	0,0%	1,27	0,0%	- 0,98
15	Óleos vegetais e animais	145,68	0,4%	174,03	0,4%	- 28,35
41.43	Couro e peles	80,75	0,2%	158,87	0,4%	- 78,11
64.67	Calçados, Guarda-Chuvas e outros	214,11	0,6%	385,90	1,0%	- 171,78
86.89	Transporte	2.548,89	7,1%	2.850,66	7,0%	- 301,77
90.92	Equipamento ótico, médico e musical	365,66	1,0%	705,00	1,7%	- 339,34
47.49	Papel e Celulose	223,21	0,6%	668,53	1,7%	- 445,33
16.24	Alimentos, bebidas e tabaco	1.414,79	3,9%	2.117,01	5,2%	- 702,22
39.40	Plásticos e Borracha	1.562,18	4,3%	2.312,01	5,7%	- 749,83
06.14	Produtos Vegetais	590,48	1,6%	1.604,58	4,0%	-1.014,09
72.83	Metais básicos e seus artigos	2.361,89	6,5%	3.703,91	9,1%	-1.342,02
84.85	Máquinas, materiais elétricos e eletrônico	2.562,37	7,1%	6.700,73	16,5%	-4.138,36
TOTAL		36.080,54	100,0%	40.502,36	100,0%	-4.421,83

Fonte: COMTRADE (2015).

Agora vejamos a relação com a economia-líder. A Rússia considera a Bielorrússia um aliado crucial, tentando evitar uma “revolução colorida¹¹” em

¹⁰ Exemplos dessas empresas incluem a Belaruskali (fertilizantes), MTW (tratores), MAZ (automóveis), MZKT (caminhões, máquinas pesadas e equipamento militar), Minsk Kristall (Vodka) e Belorusneft (petróleo), entre outras.

seu vizinho ocidental (AMBROSIO, 2006). O presidente bielorrusso Aleksandr Lukashenko está no poder desde 1994, e é comumente chamado no Ocidente como o “último ditador da Europa” (THE ECONOMIST, 2015b), tendo sido alvo de uma “revolução colorida” fracassada em 2005. Para isso, A Rússia fornece energia subsidiada para a economia bielorrussa e empréstimos com condições especiais.

Segundo Alachnovic (2015a), sem a energia subsidiada russa, a Bielorrússia dificilmente sobreviveria, com o valor total do desconto no petróleo e gás chegando a equivaler pelo menos 15% do PIB bielorrusso. Com os descontos, a energia na Bielorrússia é a segunda mais barata da região, atrás apenas da própria Rússia:

Belarus has the lowest gas price in the region, apart from Russia itself. Until 2007 the gas price was three-to-five times cheaper than for Poland. Then, Russia gradually raised the price for Belarus while still offering Belarus the best deal in the region. In 2014 gas for Belarus cost \$170 per 1,000 m³ which is 55% less than for Poland. If Belarus were to pay the market-based price similar to the one Poland pays it would cost it almost \$4.2 billion more or 5.5% of its GDP.

Apesar das reservas de petróleo de Minsk serem pequenas, a exportação de seus derivados corresponde a 34% das exportações bielorrussas. A importação de petróleo cru russo subsidiado, seu refino e posterior exportação é, portanto, uma importante fonte de divisas para a Bielorrússia. Esse fato causou problemas nas relações entre os países, ameaçando o próprio processo de integração eurasiático. Contudo, em 2012, os dois países chegaram a um acordo que prevê a manutenção dos subsídios em troca do controle russo da estatal bielorrussa de gás Beltransgas (CHUFRIN, 2012). Esse controle é particularmente importante, pois é pela Bielorrússia que passa um dos principais gasodutos da Europa, o Yamal-Europe.

¹¹Nome que se dá à derrubada de governos pró-russos no espaço pós-soviético por forças “democráticas” pró-ocidentais. Exemplos incluem a Revolução Rosa georgiana (2005), a Revolução Laranja ucraniana (2004) e a Revolução das Tulipas quirguiz (2005), além do chamado “EuroMaidan” ucraniano (2013). Tentativas fracassadas incluem a “Revolução Jeans” ou Azul na Bielorrússia em 2005 (KORYBKO, 2015).

Figura 15: Gasoduto Yamal-Europe



Fonte: Gazprom (2015).

A Rússia também atua emprestando dinheiro para a Bielorrússia em seus momentos de dificuldade, inclusive sem utilizar os dois mecanismos financeiros anteriormente mencionados. Segundo Alachnovic (2015b), os empréstimos russos para o país somaram mais de US\$ 12 bilhões desde 2007. A tabela a seguir mostra alguns deles, incluindo os do Fundo Eurasiano de Estabilização e Desenvolvimento. Além disso, a Rússia emprestou US\$ 10 bilhões para a construção de uma usina nuclear em 2013, que está sendo construída pela estatal russa Rosatom (NUCLEAR DINER, 2015).

Figura 16: Empréstimos russos para a Bielorrússia

Year	Lender	Borrower	Amount	Interest rate	Current interest rate	Maturity	Deferral period**
2015	Government	Government	\$760 m (in RUB)	LIBOR 6-M + margin (~1%)	~1.5%	10 years	4 years
2015	Government	Government	\$110 m (in RUB)	LIBOR 6-M + margin (~1%)	~1.5%	10 years	4 years
2015	Sberbank	Belaruskali	€550 m	n/a	n/a	5 years	n/a
2014	Government	Government	\$450 m	4%	4%	10 years	n/a
2014	Government	Government	\$1550 m (in RUB)	n/a	n/a	15 years	5 years
2013	Government	Government	\$450 m	4%	4%	10 years	3 years
2011-2013	EurAsEC*	Government	\$2560 m	4.1%	4.1%	10 years	3 years
2011	EurAsEC*	companies	\$400 m	n/a	n/a	n/a	n/a
2011	Sberbank	Belaruskali	\$1000 m	LIBOR 6-M + margin (7.6%)	No	1 year	No
2010	Russian Financial Market	Government	RUB7000 m (~\$225 m)	8.7%	No	2 years	No

Source: mass media publications

* The Eurasian Fund for Stabilization and Development (EABR), before known as the Eurasian Economic Community Anti-Crisis Fund

** the period of the first instalment

Fonte: Alachnovic (2015b).

Os dados mostram, portanto, que a economia bielorrussa é altamente dependente da Rússia. Isso explica como, em todas as tentativas de integração eurasiática, a Bielorrússia estava presente. Do ponto de vista russo, demonstra que Moscou está disposta a financiar continuamente seu vizinho ocidental, de modo a aprofundar o processo de integração regional e impedir que a Bielorrússia grave em torno da União Europeia.

No âmbito comercial, pouco mais da metade (51%) das exportações russas para a Bielorrússia são de Produtos e Óleos minerais (HS 25-27), menor do que a proporção das mesmas exportações para o resto do mundo. O restante das vendas é diversificada, tendo relevância o setor de Metais e o de Máquinas e equipamentos.

Do ponto de vista do total das exportações russas, as importações bielorrussas correspondem a parcelas consideráveis em setores importantes da economia russa, como o de Máquinas e equipamentos (8,9%) e Plásticos e borracha (13,7%). Já a Bielorrússia importa da Rússia cerca de 70% dos seus Produtos minerais, 57% de seus metais e 52% do Papel e celulose. No total, 40,8% das importações bielorrussas vem da Rússia, o que mostra o grau de integração econômica já existente entre os dois países.

A tabela a seguir expressa o valor total das exportações russas para a Bielorrússia por setor; a proporção que as exportações russas do setor para a Bielorrússia representam do total das exportações russas para a Bielorrússia; o

quanto as exportações russas para a Bielorrússia representam do total das exportações do setor para o mundo; e a participação das exportações russas nas importações totais da Bielorrússia do resto do mundo, por setor.

Tabela 14: Exportações russas para a Bielorrússia, por setor (milhões de US\$, 2014)

HS	Descrição	Valor	% Total	% EXP RUS	% IMP BLR
25.27	Produtos e Óleos Minerais	8534,07	51,60%	2,43%	70,26%
72.83	Metais básicos e seus artigos	2141,55	12,95%	5,30%	57,82%
84.85	Máquinas, materiais elétricos e eletrônicos	1271,24	7,69%	8,96%	18,97%
28.38	Químicos	889,15	5,38%	4,18%	27,98%
39.40	Plásticos e Borracha	783,77	4,74%	13,75%	33,90%
16.24	Alimentos, bebidas e tabaco	660,92	4,00%	12,74%	31,22%
86.89	Transporte	522,15	3,16%	8,69%	18,32%
47.49	Papel e Celulose	346,96	2,10%	8,93%	51,90%
50.63	Têxteis	216,97	1,31%	25,40%	19,88%
94.96	Artigos manufaturados diversos	197,79	1,20%	23,36%	33,74%
68.70	Cerâmicas, vidros e outros	184,89	1,12%	14,32%	34,23%
71	Pérolas, metais e pedras preciosas	161,02	0,97%	1,36%	0,00%
01.05	Produtos Animais	142,69	0,86%	4,21%	15,98%
06.14	Produtos Vegetais	115,14	0,70%	1,41%	7,18%
15	Óleos vegetais e animais	88,69	0,54%	3,91%	50,96%
44.46	Madeiras	86,13	0,52%	1,11%	39,37%
90.92	Equipamento ótico, médico e musical	79,79	0,48%	5,51%	11,32%
64.67	Calçados, Guarda-Chuvas e outros	71,30	0,43%	30,19%	18,48%
41.43	Couro e peles	42,32	0,26%	10,17%	26,64%
93	Armas e Munições	3,08	0,02%	1,63%	0,00%
99	Não-especificados	0,20	0,00%	0,00%	0,04%
97	Arte, relíquias e coleção	0,00	0,00%	0,05%	0,20%
TOTAL		16539,84	100,00%	3,32%	40,84%

Fonte: COMTRADE (2015).

Essa integração binacional fica mais clara ao se analisar a pauta de exportação bielorrussa para a Rússia. Como dito anteriormente, 34% do total das vendas bielorrussas são de petróleo e derivados, importados de forma subsidiada da Rússia e posteriormente refinados e reexportados. Além disso, as importações russas de produtos bielorrussos são particularmente importantes para os setores de maior valor agregado, como Máquinas e equipamentos (69,6%) e Transporte (39,7%), e para a agricultura do país. É nesse último setor, com ênfase em Produtos animais (leite e derivados, carne e mel) em que a Bielorrússia é mais relevante para a Rússia, correspondendo a 21,8% das importações totais russas no setor.

O saldo comercial setorial é amplamente favorável à Bielorrússia, que obtém superávits na maioria dos setores, destacando-se o de Produtos

animais, Máquinas e equipamentos e Transporte. Contudo, pelo peso das importações de Produtos e Óleos minerais o saldo comercial total é deficitário.

A tabela a seguir expressa o valor total das exportações bielorrussas para a Rússia por setor; a proporção que as exportações bielorrussas do setor para a Rússia representam do total das exportações bielorrussas para a Bielorrússia; o quanto as exportações bielorrussas para a Rússia representam do total das exportações do setor para o mundo; e a participação das exportações bielorrussas nas importações totais da Rússia do resto do mundo, por setor. Além disso, apresenta o saldo comercial, do ponto de vista bielorrusso, por setor.

Tabela 15: Importações russas da Bielorrússia, por setor (milhões de US\$, 2014)

HS	Descrição	Valor	% Total	% EXP BLR	% IMP RUS	SALDO
01.05	Produtos Animais	2.674,56	21,72%	79,20%	21,83%	2.531,87
84.85	Máquinas, materiais elétricos e eletrônicos	1.783,01	14,48%	69,58%	2,08%	511,77
50.63	Têxteis	717,37	5,82%	54,62%	5,80%	500,40
86.89	Transporte	986,28	8,01%	38,69%	2,34%	464,13
94.96	Artigos manufaturados diversos	406,27	3,30%	60,25%	5,00%	208,48
68.70	Cerâmicas, vidros e outros	387,83	3,15%	58,59%	10,47%	202,93
06.14	Produtos Vegetais	303,52	2,46%	51,40%	2,28%	188,38
39.40	Plásticos e Borracha	967,14	7,85%	61,91%	6,39%	183,36
90.92	Equipamento ótico, médico e musical	216,71	1,76%	59,27%	2,58%	136,92
16.24	Alimentos, bebidas e tabaco	760,92	6,18%	53,78%	5,81%	100,00
44.46	Madeiras	154,47	1,25%	19,45%	10,91%	68,34
64.67	Calçados, Guarda-Chuvas e outros	102,27	0,83%	47,76%	2,59%	30,96
93	Armas e Munições	4,45	0,04%	0,00%	5,01%	1,37
99	Não-especificados	0,43	0,00%	0,07%	0,06%	0,23
97	Arte, relíquias e coleção	0,02	0,00%	5,54%	0,02%	0,01
41.43	Couro e peles	16,47	0,13%	20,40%	1,28%	- 25,85
15	Óleos vegetais e animais	10,85	0,09%	7,45%	0,87%	- 77,84
71	Pérolas, metais e pedras preciosas	68,62	0,56%	0,00%	6,31%	- 92,40
47.49	Papel e Celulose	130,38	1,06%	58,41%	2,90%	- 216,57
28.38	Químicos	460,33	3,74%	10,79%	1,47%	- 428,82
72.83	Metais básicos e seus artigos	888,47	7,21%	37,62%	4,59%	-1.253,08
25.27	Produtos e Óleos Minerais	1.275,72	10,36%	10,35%	17,27%	-7.258,36
TOTAL		12.316,08	100,00%	34,13%	4,30%	-4.223,76

Fonte: COMTRADE (2015).

Conforme evidencia-se na tabela a continuação, de 2005 a 2014, o comércio entre os dois países cresceu 82%. A assimetria de comércio, definida pela razão das exportações russas em relação às exportações bielorrussas diminuiu significativamente no período, ou seja, as vendas bielorrussas para a Rússia crescem num ritmo maior do que as vendas russas para a Bielorrússia.

Tabela 16: Evolução do comércio russo-bielorrusso (milhões de US\$)

ANO	EXP RUS	EXP BLR	CORR.	SALDO	ASSIM.
2005	10.118,15	5.715,79	15.833,94	4.402,36	1,77
2006	13.084,34	6.849,62	19.933,96	6.234,72	1,91
2007	17.187,00	8.887,00	26.074,00	8.300,00	1,93
2008	23.696,97	10.599,88	34.296,85	13.097,08	2,24
2009	16.717,00	6.714,00	23.431,00	10.003,00	2,49
2010	18.080,61	9.953,65	28.034,26	8.126,97	1,82
2011	24.930,20	14.508,64	39.438,85	10.421,56	1,72
2012	21.380,40	12.991,86	34.372,26	8.388,55	1,65
2013	16.870,23	13.959,26	30.829,49	2.910,97	1,21
2014	16.539,84	12.316,24	28.856,09	4.223,60	1,34

Fonte: COMTRADE (2015).

Assim, pode-se dizer que a Bielorrússia, de maneira geral, exporta para a Rússia alimentos e produtos de alto valor agregado, enquanto importa energia e produtos primários. No entanto, a Rússia também exporta para a Bielorrússia produtos industrializados em uma proporção maior do que seu comércio com o resto do mundo, caracterizando uma relação comercial conveniente para as duas economias.

3.3.2 Cazaquistão

O Cazaquistão é rico em recursos naturais, possuindo grandes reservas de petróleo, gás natural, urânio, ferro, cobre, ouro e outros metais. Contudo, sua indústria é pouco desenvolvida e se orienta ao beneficiamento desses recursos.

As exportações cazaques concentram-se sobretudo em petróleo, gás e minérios, compondo 81,6% da sua pauta de exportação. Outras exportações importantes incluem metais como ferro, alumínio, zinco e cobre (8,3%), urânio e outros produtos químicos inorgânicos (3,7%) e Produtos vegetais (2,6%).

O saldo comercial é extremamente positivo, equivalendo a 52% das exportações. No entanto, esse resultado é obtido basicamente com a venda de Produtos e Óleos minerais, Metais e Produtos vegetais. Todos os outros setores são deficitários.

Tabela 17: Comércio Exterior do Cazaquistão, por setor (milhões US\$, 2014)

HS	Descrição	EXP	% EXP	IMP	% IMP	Saldo
25.27	Produtos e Óleos Minerais	63.833,39	81,59%	2.989,85	7,25%	60.843,54
72.83	Metais básicos e seus artigos	6.468,16	8,27%	4.249,67	10,31%	2.218,49
06.14	Produtos Vegetais	2.023,05	2,59%	1.182,83	2,87%	840,22
71	Pérolas, metais e pedras preciosas	746,10	0,95%	81,12	0,20%	664,98
93	Armas e Munições	-	0,00%	-	0,00%	-
97	Arte, relíquias e coleção	0,09	0,00%	1,10	0,00%	- 1,01
99	Não especificados	4,27	0,01%	59,68	0,14%	- 55,40
41.43	Couro e peles	31,67	0,04%	138,61	0,34%	- 106,95
15	Óleos vegetais e animais	61,75	0,08%	174,80	0,42%	- 113,05
44.46	Madeiras	5,49	0,01%	506,45	1,23%	- 500,96
01.05	Produtos Animais	144,36	0,18%	777,31	1,89%	- 632,95
64.67	Calçados, Guarda-Chuvas e outros	22,80	0,03%	663,76	1,61%	- 640,97
28.38	Químicos	2.874,85	3,67%	3.678,18	8,92%	- 803,33
47.49	Papel e Celulose	20,89	0,03%	906,34	2,20%	- 885,45
68.70	Cerâmicas, vidros e outros	32,44	0,04%	962,62	2,34%	- 930,18
94.96	Artigos manufaturados diversos	43,81	0,06%	1.126,71	2,73%	- 1.082,90
90.92	Equipamento ótico, médico e musical	31,96	0,04%	1.143,25	2,77%	- 1.111,29
50.63	Têxteis	121,94	0,16%	1.439,11	3,49%	- 1.317,17
16.24	Alimentos, bebidas e tabaco	401,98	0,51%	2.185,10	5,30%	- 1.783,11
39.40	Plásticos e Borracha	121,15	0,15%	2.095,14	5,08%	- 1.973,99
86.89	Transporte	569,80	0,73%	6.072,48	14,73%	- 5.502,68
84.85	Máquinas, materiais elétricos e eletrônicos	676,74	0,86%	10.778,72	26,15%	-10.101,97
TOTAL		78.236,72	100,00%	41.212,84	100,00%	37.023,88

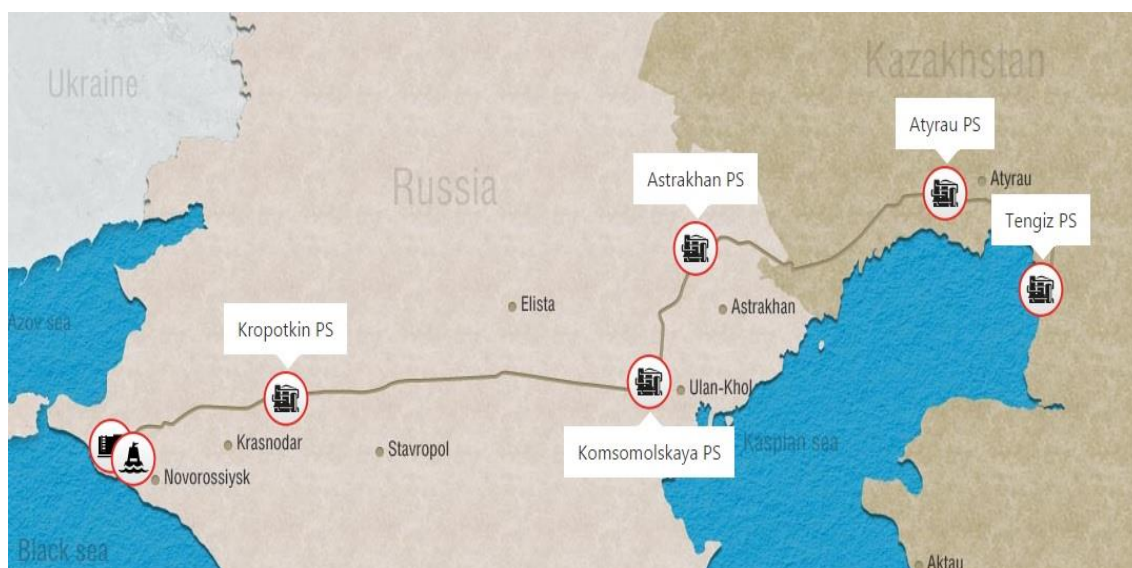
Fonte: COMTRADE

Assim como no caso bielorrusso, a Rússia também tem como objetivo assegurar a estabilidade política do seu vizinho. O Presidente cazaque Nursultan Nazarbayev, no poder desde 1990, é um dirigente da época soviética (ADAM, 2013, p. 136). É creditada a Nazerbayev a ideia da integração econômica eurasiática, exposta em um discurso na Universidade Estatal de Moscou em 1992. Desde os anos 90, o Cazaquistão vem participando de todas as tentativas de integração eurasiática.

Por ser um grande exportador de petróleo e gás, o Cazaquistão não necessita tanto a ajuda financeira russa, ao contrário dos demais países do bloco. No entanto, a Rússia é vital para que o petróleo e gás cazaques cheguem aos mercados consumidores do Ocidente. Um exemplo disso é o oleoduto Caspian Pipeline Consortium, que leva petróleo do campo cazaque de Tengiz, no Mar Cáspio, até a cidade russa de Novorossiysk, às margens do Mar Negro. O oleoduto tem capacidade para exportar 37 milhões de toneladas de petróleo anualmente, ou 43% do total da produção cazaque. Está em andamento a ampliação da capacidade para 67 milhões de toneladas anuais, ou 83% da produção atual (CASPIAN PIPELINE CONSORTIUM, 2015). A propriedade do oleoduto é dividida entre estatais russas e cazaques,

petroleiras privadas domésticas e multinacionais do setor, como Chevron, ExxonMobil e ENI.

Figura 17: Óleoduto Caspian Pipeline Consortium



Fonte: Caspian Pipeline Consortium (2015).

O gás natural cazaque também alcança o mercado europeu pelos gasodutos russos. O principal deles é o Central Asia Center, de propriedade da Gazprom, que ainda transporta gás uzbeque e turcomeno, interligando-se com o sistema de gasodutos russo. Igualmente é planejada a construção do gasoduto Pre-Caspian, que ligaria as reservas turcomenas no Mar Cáspio ao sistema.

Figura 18: Gasodutos Central Asia Center e Pre-Caspian



Fonte: Gazprom (2015).

O Cazaquistão é um importante mercado para alguns setores russos. O setor de Produtos e Óleos minerais é o que mais exporta, correspondendo a 16% do total das vendas para o Cazaquistão. Dessas, a maior parte é de petróleo já refinado, como gasolina e diesel. A participação das compras cazaques no total exportado russo é maior que 30% em alguns setores, como o de Transporte e Artigos manufaturados. No setor de Máquinas e equipamentos, o Cazaquistão é o terceiro maior mercado da Rússia (após Hong Kong e China), correspondendo a 13,9% do total.

Para o Cazaquistão, as importações vindas da Rússia correspondem a 33,6% do total, sendo o principal país de origem das mesmas. As porcentagens são altas na maioria dos setores, destacando-se o de Produtos e Óleos minerais, Transporte, Alimentos e Madeiras.

A tabela a seguir expressa o valor total das exportações russas para o Cazaquistão por setor; a proporção que as exportações russas do setor para o Cazaquistão representam do total das exportações russas para o Cazaquistão; o quanto as exportações russas para o Cazaquistão representam do total das exportações do setor; e a participação das exportações russas nas importações totais do Cazaquistão, por setor.

Tabela 18: Exportações russas para o Cazaquistão (milhões de US\$, 2014)

HS	Descrição	Valor	% Total	% EXP RUS	% IMP CAZ
25.27	Produtos e Óleos Minerais	2.293,31	16,55%	0,65%	76,70%
86.89	Transporte	2.132,58	15,39%	35,47%	35,12%
72.83	Metais básico e seus artigos	2.005,22	14,47%	4,96%	47,19%
84.85	Maquinaria, materiais elétricos e eletrônicos	1.972,04	14,23%	13,90%	18,30%
16.24	Alimentos, bebidas e tabaco	1.227,75	8,86%	23,68%	56,19%
28.38	Químicos	907,30	6,55%	4,26%	24,67%
39.40	Plásticos e Borracha	875,00	6,31%	15,35%	41,76%
68.70	Cerâmicas, vidros e outros	454,74	3,28%	35,23%	47,24%
47.49	Papel e Celulose	313,20	2,26%	8,06%	34,56%
94.96	Artigos manufaturados diversos	298,02	2,15%	35,19%	26,45%
50.63	Têxteis	277,50	2,00%	32,49%	19,28%
44.46	Madeiras	267,80	1,93%	3,45%	52,88%
01.05	Produtos Animais	233,10	1,68%	6,87%	29,99%
90.92	Equipamento ótico, médico e musical	176,71	1,27%	12,19%	15,46%
15	Óleos vegetais e animais	133,25	0,96%	5,88%	76,23%
06.14	Produtos Vegetais	97,67	0,70%	1,20%	8,26%
64.67	Calçados, Guarda-Chuvas e outros	91,93	0,66%	38,92%	13,85%
71	Pérolas, metais e pedras preciosas	70,39	0,51%	0,59%	86,76%
93	Armas e Munições	15,94	0,12%	8,42%	0,00%
41.43	Couro e peles	15,51	0,11%	3,73%	11,19%
99	Não-especificados	1,04	0,01%	0,01%	1,74%
97	Arte, relíquias e coleção	0,03	0,00%	0,56%	2,68%
TOTAL		13.860,03	100,00%	2,78%	33,63%

Fonte: COMTRADE (2015).

Por valor, a maior exportação cazaque para a Rússia se dá no setor de Produtos e Óleos minerais. Contudo, ao contrário do que no seu comércio com o resto do mundo, a exportação de petróleo cru não é predominante. Destacam-se as exportações de minérios e concentrados não-manufaturados, como ferro, cromo e urânio (HS 26), carvão mineral e gás natural (HS 27).

O saldo comercial só é favorável ao Cazaquistão em três setores, que compreendem produtos de pouco valor agregado. Em todos os outros a Rússia obtém superávits. Desse modo, o comércio cazaque com a Rússia não é qualitativamente diferente do seu comércio com o resto do mundo.

A tabela a seguir expressa o valor total das exportações cazaques para a Rússia por setor; a proporção que as exportações cazaques do setor para a Rússia representam do total das exportações cazaques para a Bielorrússia; o quanto as exportações cazaques para a Rússia representam do total das exportações do setor para o mundo; e a participação das exportações cazaques nas importações totais da Rússia do resto do mundo, por setor. Além disso, apresenta o saldo comercial, do ponto de vista do cazaque, por setor.

Tabela 19: Importações russas do Cazaquistão (milhões de US\$, 2014)

HS	Descrição	VALOR	% Total	% EXP CAZ	% IMP RUS	SALDO
25.27	Produtos e Óleos Minerais	2749,55	38,34%	4,31%	37,23%	456,23
71	Pérolas, metais e pedras preciosas	143,18	2,00%	19,19%	13,18%	72,79
06.14	Produtos Vegetais	149,35	2,08%	7,38%	1,12%	51,68
99	Não-especificados	4,32	0,06%	101,00%	0,60%	3,28
97	Arte, relíquias e coleção	0,00	0,00%	0,00%	0,00%	-0,03
41.43	Couro e peles	3,20	0,04%	10,10%	0,25%	-12,31
93	Armas e Munições	0,00	0,00%	0,00%	0,00%	-15,94
90.92	Equipamento ótico, médico e musical	136,25	1,90%	426,31%	1,62%	-40,47
64.67	Calçados, Guarda-Chuvas e outros	28,23	0,39%	123,82%	0,71%	-63,70
28.38	Químicos	781,24	10,89%	27,17%	2,50%	-126,07
15	Óleos vegetais e animais	1,15	0,02%	1,86%	0,09%	-132,11
01.05	Produtos Animais	47,59	0,66%	32,97%	0,39%	-185,51
50.63	Têxteis	75,03	1,05%	61,53%	0,61%	-202,47
44.46	Madeiras	1,96	0,03%	35,77%	0,14%	-265,84
94.96	Artigos manufaturados diversos	13,08	0,18%	29,84%	0,16%	-284,95
47.49	Papel e Celulose	6,00	0,08%	28,74%	0,13%	-307,19
68.70	Cerâmicas, vidros e outros	31,37	0,44%	96,69%	0,85%	-423,38
72.83	Metais básico e seus artigos	1568,12	21,86%	24,24%	8,10%	-437,10
84.85	Maquinaria, materiais elétricos e eletrônicos	1276,46	17,80%	188,62%	1,49%	-695,58
39.40	Plásticos e Borracha	58,38	0,81%	48,19%	0,39%	-816,62
16.24	Alimentos, bebidas e tabaco	79,65	1,11%	19,81%	0,61%	-1148,10
86.89	Transporte	18,28	0,25%	3,21%	0,04%	-2114,29
TOTAL		7172,38	100,00%	9,17%	2,50%	-6687,65

Fonte: COMTRADE (2015)¹².

De 2005 a 2014 o comércio entre os dois países cresceu 115%. O saldo comercial sempre foi favorável à Rússia, tendo seu pico em 2013. Em 2014, essa assimetria diminuiu, estando abaixo do nível de 2005.

Tabela 20: Evolução do Comércio Rússia-Cazaquistão (milhões de US\$)

ANO	EXP RUS	EXP CAZ	CORR.	SALDO	ASSIM.
2005	6.533,85	3.224,71	9.758,56	3.309,14	2,03
2006	8.983,41	3.838,49	12.821,90	5.144,92	2,34
2007	11.548,75	4.600,52	16.149,27	6.948,23	2,51
2008	13.300,63	6.371,12	19.671,75	6.929,52	2,09
2009	9.147,00	3.685,00	12.832,00	5.462,00	2,48
2010	10.690,36	4.449,35	15.139,71	6.241,01	2,4
2011	14.173,69	6.912,75	21.086,44	7.260,94	2,05
2012	14.892,49	9.409,26	24.301,75	5.483,23	1,58
2013	17.218,18	5.664,93	22.883,11	11.553,24	3,04
2014	13.862,27	7.172,38	21.034,65	6.689,90	1,93

¹² Conforme anunciado anteriormente, foi utilizada a base de dados estatísticos do COMTRADE, reportados pela Rússia. Os dados para alguns setores, no caso dos intercâmbios com o Cazaquistão (Máquinas e materiais elétricos, Equipamento ótico, Calçados e guarda-chuvas e Cerâmicas e vidros) apresentam incongruências. Igualmente, a opção foi utilizá-los e justificar os problemas nesta nota.

3.3.3 Armênia

A Armênia é um país pequeno, montanhoso e sem saída para o mar. Sua pauta de exportações é composta basicamente por produtos minerais (cobre, zinco, alumínio, ferroligas), pedras preciosas, bebidas e tabaco. As principais importações são de alimentos, Produtos e Óleos minerais e Máquinas e materiais elétricos.

O déficit comercial armênio em 2014 foi de US\$ 2,67 bilhões, o que corresponde a 24% do seu PIB no mesmo ano. Todos os setores apresentaram déficit¹³. Esse déficit é em parte financiado pelas remessas enviadas por armênios vivendo no exterior, que segundo o Banco Central Armênio somaram US\$ 2,1 bilhões no mesmo ano.

Tabela 21: Comércio Exterior da Armênia, por setor (milhões de US\$, 2014)

HS	Descrição	EXP	% EXP	IMP	% IMP	Saldo
93	Armas e Munições	1,54	0,10%	0,00	0,00%	1,54
97	Arte, relíquias e coleção	0,01	0,00%	0,24	0,01%	-0,23
41.43	Couro e peles	2,12	0,14%	13,46	0,32%	-11,35
99	Não especificados	0,10	0,01%	20,33	0,49%	-20,23
72.83	Metais básicos e seus artigos	302,30	20,29%	328,01	7,89%	-25,71
64.67	Calçados, Guarda-Chuvas e outros	1,54	0,10%	31,13	0,75%	-29,59
16.24	Alimentos, bebidas e tabaco	337,08	22,62%	369,80	8,89%	-32,72
90.92	Equipamento ótico, médico e musical	24,62	1,65%	73,29	1,76%	-48,67
15	Óleos vegetais e animais	0,11	0,01%	54,71	1,32%	-54,60
44.46	Madeiras	0,75	0,05%	71,27	1,71%	-70,51
68.70	Cerâmicas, vidros e outros	21,03	1,41%	92,50	2,22%	-71,47
47.49	Papel e Celulose	1,88	0,13%	76,40	1,84%	-74,51
71	Pérolas, metais e pedras preciosas	228,00	15,30%	302,82	7,28%	-74,82
01.05	Produtos Animais	44,48	2,98%	146,73	3,53%	-102,25
94.96	Artigos manufaturados diversos	2,15	0,14%	111,55	2,68%	-109,40
86.89	Transporte	3,26	0,22%	116,69	2,81%	-113,44
50.63	Têxteis	49,90	3,35%	170,16	4,09%	-120,26
39.40	Plásticos e Borracha	11,18	0,75%	182,58	4,39%	-171,41
06.14	Produtos Vegetais	32,32	2,17%	237,99	5,72%	-205,67
28.38	Químicos	14,15	0,95%	352,53	8,48%	-338,38
25.27	Produtos e Óleos Minerais	389,38	26,13%	829,78	19,95%	-440,39
84.85	Máquinas, materiais elétricos e eletrônicos	22,29	1,50%	577,57	13,89%	-555,28
TOTAL		1490,19	100,00%	4159,52	100,00%	-2669,33

Fonte: COMTRADE

¹³ A tabela mostra o setor de “Armas e Munições” como positivo. Contudo, isso pode se dever ao fato da Armênia não ter divulgado suas cifras de importação desses produtos.

Em setembro de 2015 a Rússia emprestou US\$ 200 milhões para a Armênia adquirir equipamento militar russo, além de abaixar o preço do gás natural exportado para o país em US\$ 25 dólares por metro cúbico (RFERL, 2015)¹⁴. A estatal Rosatom também atua no país, com o governo russo emprestando US\$ 270 milhões para a modernização da única usina nuclear armênia (NUCLEAR DINER, 2015). Ambas as ações foram de grande importância para a Armênia, na medida em que o país possui uma tensão latente com o Azerbaijão sobre o território de Nagorno-Karabakh¹⁵ e que os altos preços da energia causaram protestos massivos em julho de 2015, no episódio conhecido como “ElectricYerevan”¹⁶.

A Rússia também é a origem de 73%, ou US\$ 1,5 bilhões, do total de remessas enviadas por armênios vivendo no exterior. Atualmente, cerca de 850 mil armênios trabalham na Rússia (RIA NOVOSTI, 2012). Como a União Eurasiática abole todas as restrições à imigração e ao trabalho de cidadãos dos países-membros, essa tendência provavelmente continuará nos próximos anos.

Em valores absolutos o setor russo que mais exporta para a Armênia é o de Produtos e Óleos minerais, com 27,6% do total. Dessas exportações, 99,3% são de derivados do petróleo (gasolina, diesel, querosene etc.). Pelo tamanho pequeno da economia armênia, as exportações russas para o país não possuem tanto peso no total exportado por Moscou. Já para a Armênia, estas vendas russas correspondem a 12,9% das importações totais.

¹⁴ O preço atual pago pela Armênia é de US\$ 165 por metro cúbico. A título de comparação, a Rússia cobra cerca de US\$ 300 por metro cúbico da União Europeia.

¹⁵ Enclave de população armênia dentro do território do Azerbaijão. Após uma guerra entre os dois países 1988 e 1994, é uma república *de facto* independente, mas não reconhecida internacionalmente.

¹⁶ Série de protestos deflagrados após um aumento de 16,7% na tarifa de energia elétrica, que é fornecida pela empresa russa InterRAO.

Tabela 22: Exportações russas para a Armênia, por setor (milhões de US\$, 2014)

HS	Descrição	Valor	% TOTAL	% EXP RUS	% IMP ARM
25.27	Produtos e Óleos Minerais	147,60	27,60%	0,04%	17,76%
16.24	Alimentos, bebidas e tabaco	74,91	14,01%	1,44%	19,72%
72.83	Metais básico e seus artigos	66,23	12,38%	0,16%	5,64%
84.85	Maquinaria, materiais elétricos e eletrônicos	60,59	11,33%	0,43%	10,42%
06.14	Produtos Vegetais	56,50	10,56%	0,69%	12,31%
28.38	Químicos	29,05	5,43%	0,14%	8,03%
15	Óleos vegetais e animais	27,87	5,21%	1,23%	50,19%
39.40	Plásticos e Borracha	17,45	3,26%	0,31%	9,47%
86.89	Transporte	17,41	3,25%	0,29%	10,84%
68.70	Cerâmicas, vidros e outros	8,44	1,58%	0,65%	9,01%
47.49	Papel e Celulose	5,62	1,05%	0,14%	5,62%
71	Pérolas, metais e pedras preciosas	5,62	1,05%	0,05%	1,85%
90.92	Equipamento ótico, médico e musical	4,17	0,78%	0,29%	5,75%
01.05	Produtos Animais	4,12	0,77%	0,12%	2,30%
50.63	Têxteis	3,43	0,64%	0,40%	1,98%
94.96	Artigos manufaturados diversos	2,21	0,41%	0,26%	2,27%
44.46	Madeiras	2,01	0,38%	0,03%	2,73%
64.67	Calçados, Guarda-Chuvas e outros	1,02	0,19%	0,43%	3,25%
93	Armas e Munições	0,35	0,07%	0,19%	0,00%
41.43	Couro e peles	0,24	0,05%	0,06%	1,80%
97	Arte, relíquias e coleção	0,00	0,00%	0,09%	2,09%
99	Não-especificados	0,00	0,00%	0,00%	0,00%
TOTAL		534,84	100,00%	0,11%	12,86%

Fonte: COMTRADE (2015).

Já a Rússia compra da Armênia, basicamente, pedras preciosas alimentos e bebidas. Entre essas, destaca-se a importação de licores e bebidas alcoólicas. Para a Armênia, a Rússia representa o destino de 50,8% dos alimentos e bebidas e 84% dos produtos animais e vegetais. Além disso, a pouca produção industrial armênia tem como destino a Rússia, com 54% das Máquinas e materiais elétricos e 19,4% dos Químicos. Por setor, a Armênia obtém superávits no comércio bilateral apenas em cinco setores, ligados às suas principais exportações, tendo déficit nos demais.

Tabela 23: Importações russas da Armênia, por setor (milhões de US\$, 2014)

HS	Descrição	Valor	% Total	% EXP ARM	% IMP RUS	Saldo
16.24	Alimentos, bebidas e tabaco	174,29	55,47%	50,82%	1,33%	99,38
01.05	Produtos Animais	40,63	12,93%	84,14%	0,33%	36,51
71	Pérolas, metais e pedras preciosss	39,37	12,53%	17,25%	3,62%	33,75
68.70	Cerâmicas, vidros e outros	8,69	2,76%	23,87%	0,23%	0,25
64.67	Calçados, Guarda-Chuvas e outros	1,10	0,35%	71,18%	0,03%	0,08
99	Não-especificados	0,00	0,00%	0,00%	0,00%	0,00
97	Arte, relíquias e coleção	0,00	0,00%	0,00%	0,00%	0,00
41.43	Couro e peles	0,01	0,00%	0,00%	0,00%	-0,24
93	Armas e Munições	0,01	0,00%	0,00%	0,02%	-0,34
50.63	Têxteis	2,37	0,75%	1,93%	0,02%	-1,07
90.92	Equipamento ótico, médico e musical	2,49	0,79%	8,74%	0,03%	-1,68
44.46	Madeiras	0,17	0,05%	21,12%	0,01%	-1,84
94.96	Artigos manufaturados diversos	0,27	0,09%	16,11%	0,00%	-1,94
47.49	Papel e Celulose	0,13	0,04%	4,24%	0,00%	-5,48
39.40	Plásticos e Borracha	1,58	0,50%	14,63%	0,01%	-15,88
86.89	Transporte	0,03	0,01%	2,58%	0,00%	-17,38
28.38	Químicos	3,12	0,99%	19,38%	0,01%	-25,93
06.14	Produtos Vegetais	28,77	9,16%	84,22%	0,22%	-27,73
15	Óleos vegetais e animais	0,00	0,00%	68,81%	0,00%	-27,87
84.85	Maquinaria, materiais elétricos e eletrônicos	7,50	2,39%	54,29%	0,01%	-53,09
72.83	Metais básico e seus artigos	1,71	0,55%	0,40%	0,01%	-64,51
25.27	Produtos e Óleos Minerais	1,94	0,62%	0,42%	0,03%	-145,67
TOTAL		314,17	100,00%	21,08%	0,11%	-220,67

Fonte: COMTRADE (2015).

O comércio entre os países cresceu 155% desde 2005. A assimetria de comércio aumentou durante os anos 2008 e 2009, diminuindo posteriormente para um nível menor ao de 2005. Isso se deve principalmente ao aumento das exportações armênicas a partir de 2012.

Tabela 24: Evolução do comércio Rússia-Armênia (milhões de US\$)

ANO	EXP RUS	EXP ARM	CORR.	SALDO	ASSIM.
2005	191,25	101,33	292,58	89,92	1,89
2006	392,21	103,96	496,17	288,26	3,77
2007	474,31	163,98	638,28	310,33	2,89
2008	692,36	204,09	896,45	488,27	3,39
2009	612	111,07	723,07	500,93	5,51
2010	396,06	158,55	554,61	237,51	2,5
2011	437,13	183,81	620,94	253,32	2,38
2012	447,89	300,71	748,6	147,18	1,49
2013	468,42	352,39	820,82	116,03	1,33
2014	534,84	314,17	849,01	220,67	1,7

FONTE: COMTRADE (2015).

3.3.4 Quirguistão

O Quirguistão é, assim como a Armênia, um país pequeno, montanhoso e sem saída para o mar. Contudo, é significativamente mais pobre. Segundo o Banco Central

Quirguiz, seu déficit comercial em 2014 foi de US\$ 3,4 bilhões, ou 24% do seu PIB. Boa parte desse déficit também é financiado pelo envio de remessas de imigrantes, que compreendem de 15 a 20% da população economicamente ativa quirguiz (VINOKUROV, 2013).

Infelizmente, não existem estatísticas diretas por setor das exportações e importações do Quirguistão. A tabela a seguir é estimada a partir de dados espelhados, ou seja, estimativas, elaboradas pelo International Trade Center (ITC), baseadas nos dados reportados ao COMTRADE pelos parceiros comerciais do Quirguistão. Essas estimativas contradizem as estimativas do Banco Central Quirguiz, atribuindo ao país um déficit comercial de quase 96% do PIB. No entanto, reproduzimos a tabela de modo a compreender o que o Quirguistão exporta e importa.

Tabela 25: Comércio Exterior do Quirguistão, por setor (milhões de US\$, 2014)

HS	Descrição	EXP	% EXP	IMP	% IMP	Saldo
01.05	Produtos Animais	1170,73	51,30%	201,43	2,15%	969,30
71	Pérolas, metais e pedras preciosas	448,07	19,64%	110,27	1,17%	337,80
97	Arte, relíquias e coleção	0,11	0,00%	0,01	0,00%	0,09
93	Armas e Munições	0,00	0,00%	1,08	0,01%	-1,08
99	Não especificados	14,39	0,63%	20,56	0,22%	-6,17
90.92	Equipamento ótico, médico e musical	2,03	0,09%	51,23	0,55%	-49,20
47.49	Papel e Celulose	7,09	0,31%	74,58	0,79%	-67,49
06.14	Produtos Vegetais	126,88	5,56%	211,67	2,26%	-84,79
41.43	Couro e peles	25,47	1,12%	111,45	1,19%	-85,98
15	Óleos vegetais e animais	0,12	0,01%	94,77	1,01%	-94,65
68.70	Cerâmicas, vidros e outros	26,68	1,17%	130,40	1,39%	-103,71
44.46	Madeiras	0,30	0,01%	118,52	1,26%	-118,22
94.96	Artigos manufaturados diversos	4,58	0,20%	169,58	1,81%	-165,00
39.40	Plásticos e Borracha	15,35	0,67%	283,07	3,02%	-267,72
28.38	Químicos	62,18	2,72%	428,17	4,56%	-365,99
72.83	Metais básicos e seus artigos	93,29	4,09%	463,73	4,94%	-370,44
16.24	Alimentos, bebidas e tabaco	35,53	1,56%	415,29	4,43%	-379,77
86.89	Transporte	18,75	0,82%	558,67	5,95%	-539,92
64.67	Calçados, Guarda-Chuvas e outros	6,45	0,28%	590,72	6,29%	-584,27
84.85	Máquinas, materiais elétricos e eletrônicos	29,43	1,29%	737,07	7,85%	-707,64
25.27	Produtos e Óleos Minerais	52,29	2,29%	1195,55	12,74%	-1143,26
50.63	Têxteis	142,25	6,23%	3416,56	36,41%	-3274,31
TOTAL		2281,94	100,00%	9384,36	100,00%	-7102,42

Fonte: TradeMap (2015).

Segundo o Banco Central Quirguiz, em 2014 os cidadãos quirguizes trabalhando no exterior enviaram para o país natal cerca de US\$ 1,8 bilhões ou 24% do PIB do país. Desse total, 97% são enviados de trabalhadores residentes na Rússia. Estima-se que 1,5 milhões de quirguizes trabalhem na Rússia, principalmente como mão-de-obra não especializada. Assim como no

caso armênio, a abolição das restrições internas à migração afetará o Quirguistão, na medida em que trabalhadores antes ilegais serão legalizados.

Nos últimos anos, foram assinados uma série de acordos de cooperação e financiamento. Em 2010 a Rússia forneceu US\$ 50 milhões, ampliado posteriormente para US\$ 200 milhões (THE TELEGRAPH, 2010). Em 2012, a Rússia perdoou US\$ 489 milhões da dívida do país. Nesse mesmo ano, acordou-se a renovação do uso de bases militares no território quirguiz e foi selado um acordo para a construção de duas usinas hidrelétricas (SPUTNIK, 2012). Em 2014, foi anunciado um empréstimo de US\$ 1,2 bilhões para ajudar o país no processo de entrada na União Eurasiática (RFERL, 2015b). Também em 2014 a Gazprom adquiriu a estatal de gás quirguiz Kyrgyzgaz, com a garantia de pagar mais de US\$ 40 milhões em dívidas da companhia. Em outubro de 2015, a Rússia emprestou mais US\$ 30 milhões para auxiliar o equilíbrio orçamentário quirguiz. Novamente, notam-se importantes créditos bilaterais russos à margem dos mecanismos regionais de financiamento.

A maior parte (57%) das exportações russas para o Quirguistão são de Produtos e Óleos minerais, concentradas sobretudo em derivados do petróleo. A Rússia é origem de 86,6% das importações do Quirguistão nesse setor, o que evidencia a dependência quirguiz de energia russa. Outras porcentagens altas são encontradas na maioria dos setores, com exceção daqueles onde há maior presença chinesa, como o de Máquinas e materiais elétricos, Transporte e Têxteis.

Tabela 26: Exportações russas ao Quirguistão, por setor (milhões de US\$, 2014)¹⁷

HS	Descrição	Valor	% Total	% EXP RUS	% IMP QUI
25.27	Produtos e Óleos Minerais	1002,78	57,71%	0,29%	86,59%
72.83	Metais básico e seus artigos	142,51	8,20%	0,35%	30,06%
16.24	Alimentos, bebidas e tabaco	139,32	8,02%	2,69%	27,26%
28.38	Químicos	108,86	6,26%	0,51%	24,28%
44.46	Madeiras	92,53	5,32%	1,19%	75,62%
84.85	Maquinaria, materiais elétricos e eletrônicos	64,01	3,68%	0,45%	7,29%
15	Óleos vegetais e animais	45,33	2,61%	2,00%	72,69%
39.40	Plásticos e Borracha	26,14	1,50%	0,46%	9,80%
68.70	Cerâmicas, vidros e outros	23,57	1,36%	1,83%	17,88%
47.49	Papel e Celulose	19,08	1,10%	0,49%	22,69%
86.89	Transporte	19,01	1,09%	0,32%	3,36%
01.05	Produtos Animais	18,78	1,08%	0,55%	9,32%
06.14	Produtos Vegetais	13,57	0,78%	0,17%	5,35%
50.63	Têxteis	8,19	0,47%	0,96%	0,24%
90.92	Equipamento ótico, médico e musical	5,21	0,30%	0,36%	11,38%
94.96	Artigos manufaturados diversos	4,15	0,24%	0,49%	2,58%
64.67	Calçados, Guarda-Chuvas e outros	3,22	0,19%	1,36%	0,55%
71	Pérolas, metais e pedras preciosss	0,56	0,03%	0,00%	0,50%
93	Armas e Munições	0,51	0,03%	0,27%	46,76%
41.43	Couro e peles	0,34	0,02%	0,08%	0,30%
97	Arte, relíquias e coleção	0,00	0,00%	0,00%	0,00%
99	Não-especificados	0,00	0,00%	0,00%	0,00%
TOTAL		1737,66	100,00%	0,35%	18,62%

Fonte: TradeMap (2015).

Os principais produtos quirguizes importados pela Rússia são algodão, tabaco, alimentos, material elétrico e zinco. As compras russas são importantes principalmente para o setor têxtil quirguiz (24,6% do total exportado pelo país), de Alimentos e tabaco (43,4%) e de Máquinas e materiais elétricos e Transporte (ambos com 34%). Com exceção do setor têxtil, em todos os demais o Quirguistão possui déficits com a Rússia.

¹⁷ A tabela expressa o valor total das exportações russas para o Quirguistão por setor; a proporção que as exportações russas do setor para o Quirguistão representam do total das exportações russas para o Quirguistão; a participação de cada setor nas exportações totais da Rússia para o Quirguistão; o quanto as exportações russas para o Quirguistão representam do total das exportações do setor; e a participação das exportações russas nas importações totais do Quirguistão, por setor.

Tabela 27: Importações russas do Quirguistão, por setor (milhões de US\$, 2014)¹⁸

HS	Descrição	Valor	% Total	% EXP QUI	% IMP RUS	Saldo
50.63	Têxteis	20,40	28,76%	24,65%	0,16%	12,20
97	Arte, relíquias e coleção	0,00	0,00%	0,00%	0,00%	0,00
99	Não-especificados	0,00	0,00%	20,41%	0,00%	0,00
41.43	Couro e peles	0,09	0,13%	0,36%	0,01%	-0,25
71	Pérolas, metais e pedras preciosas	0,18	0,26%	0,04%	0,02%	-0,37
93	Armas e Munições	0,00	0,00%	0,00%	0,00%	-0,51
64.67	Calçados, Guarda-Chuvas e outros	0,02	0,03%	0,34%	0,00%	-3,20
94.96	Artigos manufaturados diversos	0,49	0,70%	10,87%	0,01%	-3,65
90.92	Equipamento ótico, médico e musical	0,24	0,33%	14,72%	0,00%	-4,98
06.14	Produtos Vegetais	5,70	8,03%	4,42%	0,04%	-7,88
86.89	Transporte	5,75	8,10%	31,39%	0,01%	-13,26
01.05	Produtos Animais	0,22	0,30%	0,73%	0,00%	-18,56
47.49	Papel e Celulose	0,02	0,03%	2,89%	0,00%	-19,06
68.70	Cerâmicas, vidros e outros	2,48	3,50%	0,55%	0,07%	-21,09
39.40	Plásticos e Borracha	1,24	1,75%	9,95%	0,01%	-24,90
15	Óleos vegetais e animais	0,06	0,08%	47,93%	0,00%	-45,27
84.85	Maquinaria, materiais elétricos e eletrônicos	10,03	14,14%	31,47%	0,01%	-53,98
44.46	Madeiras	0,00	0,00%	0,00%	0,00%	-92,53
28.38	Químicos	0,45	0,64%	0,73%	0,00%	-108,41
16.24	Alimentos, bebidas e tabaco	11,53	16,26%	43,41%	0,09%	-127,79
72.83	Metais básico e seus artigos	11,98	16,89%	7,86%	0,06%	-130,53
25.27	Produtos e Óleos Minerais	0,04	0,06%	0,08%	0,00%	-1002,74
TOTAL		70,91	100,00%	5,61%	0,02%	-1666,75

Fonte: TradeMap (2015).

O comércio entre os dois países cresceu 246% desde 2005. Contudo, chama à atenção a diminuição das exportações quirguizes ao longo do tempo. Isso se deu por restrições que o governo russo colocou na importação de vegetais, frutas e produtos animais vindos do Quirguistão em 2008, por razões fitossanitárias. Essas restrições foram removidas em agosto de 2014. O Ministério da Agricultura quirguiz espera que com a total remoção das barreiras a exportação de alimentos cresça até 2500% (EURASIANET, 2015), o que diminuiria consideravelmente a assimetria de comércio existente atualmente.

¹⁸ A tabela a seguir expressa o valor total das exportações quirguizes para a Rússia por setor; a proporção que as exportações quirguizes do setor para a Rússia representam do total das exportações quirguizes para a Rússia; o quanto as exportações quirguizes para a Rússia representam do total das exportações do setor para o mundo; e a participação das exportações quirguizes nas importações totais da Rússia do resto do mundo, por setor. Além disso, apresenta o saldo comercial, do ponto de vista quirguiz, por setor.

Tabela 28: Evolução do comércio Rússia-Quirguistão (milhões de US\$)

ANO	EXP RUS	EXP QUI	CORR.	SALDO	ASSIM.
2005	376,77	145,61	522,38	231,16	2,59
2006	560,66	193,8	754,46	366,85	2,89
2007	875,76	290,06	1165,82	585,7	3,02
2008	1310,96	491,46	1802,42	819,5	2,67
2009	916	367	1283	549	2,5
2010	975,38	393,29	1368,67	582,09	2,48
2011	1156,42	290,84	1447,25	865,58	3,98
2012	1634,06	195,74	1829,8	1438,32	8,35
2013	2029,44	110,13	2139,57	1919,32	18,43
2014	1737,66	70,91	1808,57	1666,75	24,5

Fonte: COMTRADE (2015).

3.4 Súmula do Capítulo 3

O comércio entre os países membros da União Eurasiática possui grande relevância em relação ao total, sobretudo para Bielorrússia, Armênia e Quirguistão. No entanto, a maior parte destes intercâmbios é feita com a Rússia, com alguns outros eixos importantes como as exportações da Bielorrússia para o Cazaquistão e a relação comercial entre os dois países da Ásia Central, Quirguistão e Cazaquistão.

O comércio russo com o exterior é dominado por produtos primários e recursos naturais, principalmente hidrocarbonetos e derivados. As importações incluem alimentos e produtos manufaturados.

Analisando por país, a Bielorrússia possui uma economia altamente integrada com a Rússia, dependendo dela para financiamentos e energia subsidiada. As exportações bielorrussas para a Rússia centram-se em produtos animais e manufaturados, com superávit na maioria dos setores. A assimetria de comércio diminuiu desde 2005.

A cooperação russa com o Cazaquistão centra-se na questão energética e de infraestrutura, dada a dependência cazaque nos oleodutos e gasodutos russos. No âmbito comercial, o Cazaquistão exporta para o mundo produtos primários e importa manufaturados. Com a Rússia essa tendência não muda,

com o mercado cazaque sendo de grande relevância para os setores russos mais avançados.

Armênia e Quirguistão são países pequenos e com pouca indústria, com grandes déficits comerciais como proporção ao PIB. Ambos utilizam-se frequentemente de financiamentos russos e dependem das remessas de trabalhadores que vivem na Rússia. As exportações desses países para a Rússia se dão em setores de pouco valor agregado, como alimentos, bebidas e têxteis. As exportações russas para esses dois países centram-se em combustíveis e energia, principalmente. A assimetria comercial vem diminuindo, no caso armênio, e aumentando, no caso quirguiz.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa monografia, buscou-se compreender o processo de integração eurasiático e as relações de seus países com a Rússia. Devido à sua grande complexidade, apenas arranhamos a superfície do tema. Porém, com o resultado obtido, podemos chegar a diversas conclusões preliminares e questionamentos.

A principal concerne ao tipo de liderança que a Rússia exerce no bloco. Foi visto como a Rússia financia e subsidia as economias do bloco, usando as armas que tem: recursos financeiros, energia e conhecimento técnico em áreas estratégicas. Com exceção do Cazaquistão, todos os países já contaram com ajuda russa em momentos de dificuldade.

No comércio, a situação é heterogênea, apesar de a Rússia possuir saldo comercial superavitário com todos os países. O intercâmbio, em todos os casos, mais que dobrou desde 2005. As assimetrias de comércio são menores hoje do que naquele então, mesmo com a alta dos preços de petróleo no período, exceto para o Quirguistão.

No caso bielorrusso, a Rússia claramente exporta primários e derivados de recursos naturais e importa produtos industrializados e alimentos.

Da Armênia e Quirguistão, a Rússia importa principalmente manufaturados de baixo valor agregado, com suas exportações sendo diversificadas, porém dominadas por combustíveis. Ainda, devem-se fazer dois adendos. O primeiro é fato de esses países possuírem economias pequenas, pouco diversificadas e deficitárias com o resto do mundo em quase todos os setores. O segundo é que, de sua diminuta produção industrializada, as vendas para a Rússia constituem uma parcela significativa.

Os três casos anteriores sugerem que a Rússia não reproduz regionalmente a divisão internacional do trabalho.

As mesmas observações não podem ser feitas para o Cazaquistão. Este país possui uma economia muito mais dependente do petróleo e outros recursos naturais. As compras cazaques de produtos russos são diversificadas, incluindo grandes parcelas para os setores de maior valor agregado. No

entanto, ambos os países cooperam em áreas estratégicas, como infraestrutura e aeroespacial.

Tendo tudo isso em conta, considera-se que a Rússia exerceria uma liderança hegemônica benigna no processo de integração regional, por sua atuação como financiadora e pela venda de energia subsidiada. No comércio, a integração regional deve ter como objetivo contribuir para que as economias dos demais países se diversifiquem, como no caso bielorrusso.

Fundada em 2015, a União Eurasiática ainda tem um longo caminho a percorrer para se consolidar. Muitos de seus mecanismos e adequações ainda estão em processo de implantação pelos países membros. Porém, podemos já caracterizá-la por seus objetivos.

Primeiramente, não é uma “recriação da União Soviética” ou algo parecido. Apesar de a integração eurasiática possuir um forte componente geopolítico e estratégico, os objetivos e mecanismos da União Eurasiática são principalmente econômicos. Não há perda de soberania política em favor de organismos supranacionais. Suas regras também foram decididas e negociadas pelo consenso, e não por uma imposição russa.

Na União Eurasiática, mesclam-se as perspectivas, caracterizadas no Capítulo 1, “associado-dependentes” e “periférico-contestadora” de integração. Por um lado, possui regras de coordenação macroeconômicas restritas, além do próprio caráter economicista da organização. Por outro, protege os setores mais sensíveis de cada economia na sua Tarifa Externa Comum e leva a integração econômica além do comércio.

Mais do que conclusões, surgem vários questionamentos e desafios em relação ao futuro da integração eurasiática.

Qual será a capacidade econômica russa para liderar o processo de integração na medida em que os preços do petróleo estejam ao redor de US\$ 40? Atualmente, a Rússia passa por um processo de “ajuste fiscal”, com cortes de até 10% nos orçamentos dos ministérios (exceto Defesa e Agricultura). Com isso, a capacidade russa de financiar e subsidiar os vizinhos talvez seja comprometida.

Como se comportará a economia russa em um ambiente cada vez mais hostil, incluindo sanções econômicas por parte de seus principais parceiros comerciais? A crise atual levou o Kremlin a implantar uma política de

substituição de importações, de modo a diminuir sua vulnerabilidade externa. O tempo revelará o sucesso dessa tentativa.

Outro desafio tem a ver com a atuação americana e europeia na região. O golpe de Estado na Ucrânia de 2014, apoiado moral e materialmente pelas partes citadas, teve como estopim a escolha do governo ucraniano em se integrar à União Eurasiática. Cazaquistão e Bielorrússia, embora estáveis, contam com o mesmo presidente desde os anos 1990 e são alvo de constantes ataques da mídia ocidental pela sua “falta de democracia”, sendo cenários propícios para uma “Revolução Colorida”. O Quirguistão sofreu uma “Revolução Colorida” em 2005 e na Armênia há o movimento ElectricYerevan, ainda que esse não busque a derrubada do governo. Questões econômicas conjunturais e demandas populares legítimas podem ser manipuladas para levarem à deposição de governos aliados.

Em resumo, a Rússia está sendo cercada nos âmbitos militar, político e econômico. Nessas circunstâncias, a própria sobrevivência do país como potência mundial dependeria do sucesso da União Eurasiática e da estabilidade e desenvolvimento de seus vizinhos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, Guilherme Pessin (2013): **União Eurasiana: O Multilateralismo na Política Externa da Federação Russa nos anos 2000**. Tese de Doutorado. PPGPOL-UFRGS, Porto Alegre.

ALACHNOVIC, Ales (2015a): **How Russia's Subsidies Save The Belarusian Economy**. Belars Digest, Minsk. Disponível em <http://belarusdigest.com/story/how-russias-subsidies-save-belarusian-economy-23118>. Acesso em 01/12/2015.

____ (2015b): **Russian Loans For Belarus: Postponing The Transition**. Belarus Digest. Disponível em <http://belarusdigest.com/story/russian-loans-belarus-postponing-transition-23100>. Acesso em 01/12/2015.

AMBROSIO, Thomas (2006): **The Political Success of Russia-Belarus Relations: Insulating Minsk from a Color Revolution**. Demokratizatsiya, n. 14, Washington.

ARMBANKS (2015): **EADB to provide first \$100 million tranche of \$300 million stabilization loan to Armenia in December**. Disponível em <http://www.armbanks.am/en/2015/10/22/92176/>. Acesso em 28/10/2015.

ARRIGHI, Giovanni (1994): **O Longo Século XX**. Contraponto-UNESP, São Paulo.

BALASSA, Béla (1961): **Teoria da Integração Econômica**. Lisboa: Livraria Clássica.

CASPIAN PIPELINE CONSORTIUM (2015): **General Information**. Disponível em <http://www.cpc.ru/EN/expansion/Pages/general.aspx>. Acesso em 02/12/15.

CHANG, Ha-Joon (2004): **Chutando a Escada: A Estratégia do Desenvolvimento em Perspectiva Histórica**. São Paulo: UNESP.

CHUFRIN, Gennady (2012): **A Difficult Road to Eurasia Economic Integration**. Zurich: Russian Analytical Digest nº 112.

COLORADO UNIVERSITY: **The Dynamics of Civil War Outcomes in Bosnia and the North Caucasus**. Disponível em <http://www.colorado.edu/ibs/waroutcomes/maps.html>. Acesso em 02/12/2015.

COMTRADE: **UN Comtrade Database**. Disponível em <http://comtrade.un.org/>. Acesso em 02/12/2015.

COSTA, Wanderley Messias da (2009). **O Brasil e a América do Sul: cenários geopolíticos e os desafios da integração**. Confins online, 7/2009.

CULPEPER, Roy (2006): Reforma de la arquitectura financiera mundial: el potencial de las instituciones regionales. In OCAMPO, José Antonio (2006). **Cooperación Financiera Regional**. CEPAL, nº 91, Santiago.

DEL CID, Ana T. G. (2008): **El Rescate de la Industria Petrolera en Rusia y la utilización de los energéticos como instrumento de la política exterior**. Nueva Epoca, n. 52, Cidade do México.

EURASIAN DEVELOPMENT BANK. **Geography of Activities**. Disponível em <http://eabr.org/e/projects/geography/>. Acesso em 02/12/2015.

_____ (2015). **Figures and Facts**. Disponível em <http://eabr.org/e/about/figures-facts/>. Acesso em 02/12/2015.

_____ (2013a): **Armenia and the Customs Union: impact of economic integration**. Centre for Eurasian Studies, Saint Petersburg.

_____ (2013b): **Eurasian Integration Yearbook 2013**. Almaty.

EURASIAN ECONOMIC COMMISSION (2015): **Eurasian Economic Integration: Facts and Figures**. Moscou.

EURASIANET (2014): **Kyrgyzstan Weighs Uncertainties of Feeding Russia**. Disponível em <http://www.eurasianet.org/node/69676>. Acesso em 02/12/15.

EURASIAN FUND FOR STABILIZATION AND DEVELOPMENT. **About EFSD**. Disponível em http://efsd.eabr.org/e/about_acf_eng/. Acesso em 02/12/2015.

FIORI, José Luis (2008). O sistema interestatal capitalista no início do século XXI. In: Fiori, José Luís da C. et. al. **O mito do colapso do poder americano**. Rio de Janeiro: Record.

_____ (2014): **História, Estratégia e Desenvolvimento: para uma Geopolítica do Capitalismo**. Boitempo, São Paulo.

FURTADO, Celso (1965). **Desenvolvimento e Subdesenvolvimento**. Fundo de Cultura, Rio de Janeiro.

G1 (2014): **Brics volta a cobrar reformas no FMI, Banco Mundial e ONU**. Disponível em <http://g1.globo.com/economia/noticia/2014/07/brics-volta-cobrar-reformas-no-fmi-banco-mundial-e-onu.html>. Acesso em 02/12/15.

GAZPROM. **Gas Pipelines**. Disponível em <http://www.gazprom.com/about/production/projects/pipelines/>. Acesso em 02/12/2015.

INTERNATIONAL ENERGY AGENCY. **IEA Dynamic Maps**. Disponível em <https://www.iea.org/country/maps.asp>. Acesso em 02/12/2015.

JAGUARIBE, Hélio (2008): **Brasil, mundo e homem na atualidade**. FUNAG, Brasília.

KINDLEBERGER, Charles (1974). **Economia Internacional**. 3 ed. Mestre Jou, São Paulo.

KORYBKOV, Andrew (2015): **Hybrid Wars: The Indirect Adaptive Approach to Regime Change**. Peoples's Friendship University of Russia, Moscou.

LIMA, Maria Regina Soares de & COUTINHO, Marcelo Vasconcelos (2005): **Análise de Conjuntura**. Observatório Político Sul-Americano(OPSA), n.6, maio.

LIST, Friedrich (1983). **Sistema Nacional de Economia Política**. Editora Abril [Os Economistas], São Paulo.

MEARSHEIMER, John J. (2007). **A Tragédia da Política das Grandes Potências**. Gradiva, São Paulo.

_____ (2013): **Structural Realism**, in DUNNE, KURKI, SMITH: International Relations Theories: Discipline and Diversity, 3 edição (Oxford: Oxford University Press).

MKRTCHYAN, Arevik; GNUTZMANN, Hinnerk (2013). **Mutual Protectionism? An Assessment of the Eurasian Customs Union**. ETSG.

NOGUEIRA, João Pontes e MESSARI, Nizar (2005). **Teoria das Relações Internacionais: correntes e debates**. Rio de Janeiro: Elsevier.

NUCLEAR DINER (2015): **Can Russia Afford Its Reactor Exports?**
Disponível em <http://nucleardiner.com/2015/02/18/can-russia-afford-its-reactor-exports/>. Acesso em 01/12/2015.

OCAMPO, José Antonio (2006). **Cooperación Financiera Regional**. CEPAL, nº 91, Santiago.

OECD DATA. **OECD Data**. Disponível em <https://data.oecd.org/>. Acesso em 02/12/2015.

OLIVEIRA, Lucas Kerr (2012). **Energia como Recurso de Poder na Política Internacional: Geopolítica, Geoestratégia e o papel do centro de Decisão Energética**. Tese de Doutorado. PPGPOL-UFRGS, Porto Alegre.

PADULA, Raphael (2010). **Integração regional de infra-estrutura e comércio na américa do sul nos anos 2000: uma análise político-estratégica**. Tese de Doutorado – COPPE/UFRJ, Rio de Janeiro.

_____ (2013). **A Geopolítica da Bacia do Pacífico e a integração regional na América do Sul**. Revista IMEA, Vol. 1, Num. 2, pp.30-47.

PERRY CASTAÑEDA LIBRARY MAP. **Commonwealth of Independent States**. Disponível em http://www.lib.utexas.edu/maps/commonwealth/commonwealth_pol_97.jpg. Acesso em 02/12/2015.

PINTO, Anibal. (1970): **Naturaleza e implicaciones de la 'heterogeneidad estructural' de la América Latina**. El trimestre económico, vol. 37(1), N' 145, México, D.F., Fondo de Cultura Económica, enero-marzo.

POMERANZ, Lenina (2005): **A Trajetória das Reformas e os Desafios do Presente**. In **Brasil – Rússia : O Fortalecimento de uma Parceria**. FUNAG, Brasília.

PREBISCH, Raúl (1949). **O Desenvolvimento Econômico da América Latina e alguns de seus problemas principais**. CEPAL: Santiago do Chile.

PRESSTV (2015): **Eurasian union okays free trade with Iran**. Disponível em <http://www.presstv.ir/Detail/2015/05/15/411131/Iran-eurasia-union-free-trade-russia>. Acesso em 02/12/15.

PUTIN, Vladimir (2011): **O novo projeto de integração para Eurásia: um futuro que nasce hoje**. Gazeta Russa. Disponível em http://gazetarussa.com.br/articles/2011/10/19/o_novo_projeto_de_integracao_p_ara_eurasia_um_futuro_que_nasce_hoje_12701

REZENDE, Lucas P.; ÁVILA, Rafael (2014): **A Inovação e o Fenômeno Bélico**. Austral, n. 6, Porto Alegre.

RFERL (2015a): **Armenian Leader Gets \$200 Million Loan, Gas Price Cut From Russia**. Disponível em <http://www.rferl.org/content/armenian-leader-gets-200-million-loan-gas-price-cut-from-russia/27232478.html>. Acesso em 02/12/2015.

_____ (2015b): **Russia To Allocate \$1.2 Billion To Help Kyrgyzstan Join Customs Union**. Disponível em <http://www.rferl.org/content/russia-to-allocate-12-billion-to-help-kyrgyzstan-join-customs-union/25404113.html>. Acesso em 02/12/2015.

RIA NOVOSTI (2012): **В России проживает более 2,5 млн армян**. Disponível em <http://ria.ru/society/20021216/282886.html>. Acesso em 02/12/15.

ROSTOW, Walt W. (1978): **Etapas do desenvolvimento econômico: um manifesto não comunista**. Zahar Editores. 6ª edição, Rio de Janeiro.

RT (2015a): **Egypt to join Russia-led Eurasian free trade zone**. Disponível em <https://www.rt.com/business/230987-egypt-russia-free-trade/>. Acesso em 01/12/2015.

_____ (2015b): **Israel wants free trade zone with Eurasian Union ASAP**. Disponível em <https://www.rt.com/business/319947-Israel-Russia-EEU-trade>. Acesso em 02/12/15.

_____ (2015c): **India to sign free trade deal with Russia-led Eurasian Economic Union**. Disponível em <https://www.rt.com/business/268069-india-russia-free-trade>. Acesso em 02/12/15.

SATPAYEV, Dossym (2015): **Kazakhstan: Economic Integration without Relinquishing Sovereignty**. Fiedrich Ebert Stiftung.

SEVERO, Luciano W. (2015). **Integração econômica e desenvolvimento da América do Sul: o Brasil e a desconstrução das assimetrias regionais**. Tese de Doutorado – PEPI/UFRJ, Rio de Janeiro.

SHEVTSOVA, Liliana (2014): **Putin's attempt to recreate the Soviet empire is futile.** The Financial Times, Londres. Disponível em <http://www.ft.com/intl/cms/s/0/c7ed1c04-76f6-11e3-807e-00144feabdc0.html>. Acesso em 01/12/2015.

SHUVALOV, Igor (2005): Apresentação do Assessor do Presidente da Federação Da Rússia. In **Brasil – Rússia : O Fortalecimento de uma Parceria.** FUNAG, Brasília.

SPUTNIK (2011a): **La creación de la CEI puso fin a la Guerra Fría.** Disponível em <http://mundo.sputniknews.com/opinion/20111212/152189800.html>. Acesso em 02/12/2015.

_____ (2011b): **CIS leaders sign free trade deal.** Disponível em <http://sputniknews.com/russia/20111018/167833875.html>. Acesso em 02/12/15.

_____ (2012): **Russia and Kyrgyzstan Sign Base, Debt and Power Deals.** Disponível em <http://sputniknews.com/world/20120920/176081545.html>. Acesso em 02/12/2015.

THE CENTRAL ASIA & CAUCASUS ANALYST (2015): **Tajikistan Paves the Way to Eurasian Union.** Disponível em <http://www.cacianalyst.org/publications/field-reports/item/13113-tajikistan-paves-the-way-to-eurasian-union.html>. Acesso em 28/10/2015.

THE ECONOMIST (2013): **The Eurasian Tug of War.** Londres. Disponível em <http://www.economist.com/news/europe/21580528-eu-competing-russia-future-its-eastern-neighbours-eurasian-tug-war>. Acesso em 01/12/2015.

_____ (2015): **Europe's last dictator.** Disponível em <http://www.economist.com/news/europe/21672234-nail-biting-election-incumbent-looks-scraping-home-europes-last-dictator>. Acesso em 02/12/15.

THE TELEGRAPH (2010): **Vladimir Putin rewards new pro-Russian government in Kyrgyzstan.** Disponível em <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/asia/kyrgyzstan/8228413/Vladimir-Putin-rewards-new-pro-Russian-government-in-Kyrgyzstan.html>. Acesso em 02/12/2015.

THE WASHINGTON TIMES (2015): **Russia fosters Armenian dependency with \$200M weapons loan.** Washington. Disponível em <http://www.washingtontimes.com/news/2015/jul/3/russia-fosters-armenian-dependency-with-200m-weapon/>. Acesso em 01/12/2015.

TRADEMAP. **Trade Indicators.** Disponível em <http://www.trademap.org/Index.aspx>. Acesso em 02/12/2015.

TRADING ECONOMICS. **Russia.** Disponível em <http://www.tradingeconomics.com/russia/indicators>. Acesso em 02/12/2015.

TREATY on the Eurasian Economic Union (2014). Disponível em <http://eaeunion.org/>.

ULTANBAEV, Rafael (2003): **Eurasian Economic Community: Thorny Path Of Development.** CA&CC Press. Disponível em http://www.ca-c.org/journal/2003/journal_eng/cac-03/17.ulteng.shtml

UNCTAD (2007). **Trade and Development Report.** New York: United Nations.

VIETNAM BRIEFING (2015): **What Does the Eurasian Economic Union-Vietnam FTA Mean for Your Business?** Disponível em <http://www.vietnam-briefing.com/news/eurasian-economic-unionvietnam-fta.html>. Acesso em 02/12/15.

VINOKUROV, Evgeny (2013): **The Art of Survival:** Kyrgyz Labor Migration, Human Capital, and Social Networks. Central Asia Economic Paper, n. 7, Washington.

WALTZ, Richard (2011): **Teoria das Relações Internacionais.** Gradiva, 2. ed, Lisboa.

WEITZ, Richard (2015): **The Customs Union and Eurasian Union: A Primer.** Silk Road Studies.

WIGHT, Martin (2002): **A Política do Poder.** Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, São Paulo.

WORLD BANK DATA. **World Bank Data.** Disponível em <http://data.worldbank.org/>. Acesso em 02/12/2015.